

Angélica D'Avila Tasquetto

**VERMELHAR-SE EM MAR:  
UMA-VIAGEM-RESISTÊNCIA COM ARTE E CIÊNCIA  
E FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do Título de Doutora em Educação Científica e Tecnológica.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cláudia Regina Flores

Florianópolis  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

D'Avila Tasquetto, Angélica  
Vermelhar-se em mar : uma-viagem-resistência com  
arte e ciência e formação de professores / Angélica  
D'Avila Tasquetto ; orientadora, Cláudia Regina  
Flores, 2018.  
174 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências Físicas e Matemáticas,  
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e  
Tecnológica, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

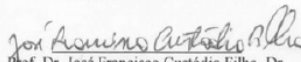
1. Educação Científica e Tecnológica. 2. Formação de  
professores. 3. Arte. 4. Ciência. 5. Resistência.  
I. Regina Flores, Cláudia . II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação  
em Educação Científica e Tecnológica. III. Título.

Angélica D'Ávila Tasquetto

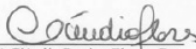
**Vermelhar-se em mar: uma viagem-resistência com arte e ciência e formação de professores**

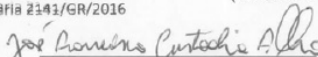
Esta Dissertação/Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de "Doutor (a)" e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica

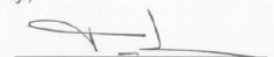
Florianópolis, 07 de junho de 2018.

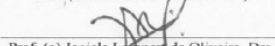
  
Prof. Dr. José Francisco Custódio Filho, Dr.  
Coordenador

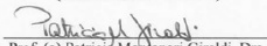
**Professor José Francisco Custódio Filho**  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação  
em Educação Científica e Tecnológica  
CFM/CED/CCB/UFSC  
Portaria 2141/GR/2016

  
Prof. (a) Cláudia Regina Flores, Dra.  
(Orientadora - CED/UFSC)

  
Prof. (a) Susana Oliveira Dias,  
Dra. (Examinadora - UNICAMP)

  
Prof. (a) Fabíola Ciribelli Búrigo Costa,  
Dra. (Examinadora Suplente - CA/UFSC)

  
Prof. (a) Jociele Lampert de Oliveira, Dra.  
(Examinadora - UDESC)

  
Prof. (a) Patrícia Molinari Giraldi, Dra.  
(Examinadora - CED/UFSC)





## AGRADECIMENTOS

À UFSC, ao PPGECT e à CAPES pelo financiamento e pelo suporte a esta pesquisa;

Aos colegas e professores da turma de doutorado de 2014 pelas aventuras, diálogos e pela possibilidade de experimentar a diferença;

Ao GECEM pelas empreitadas e viagens que, ao longo destes anos, pudemos realizar juntos;

À professora Cláudia, por movimentar forças e causar terremotos;

Às professoras da banca, Susana, Jocielle, Patrícia e Fabíola, pelos desassossegos e por me ajudarem jogar fora as lunetas de navegação;

À Gerência de Formação Continuada da Prefeitura Municipal de Florianópolis, pela disponibilidade e abertura neste processo;

Às professoras e professores participantes desta pesquisa, por toda sua generosidade e intensidade;

Ao artista Walmor Corrêa, pelo transbordamento de forças;

Às amigas Débora, Mônica, Cássia, Piersandra e Jussara, pela amizade que povoa, mas não sufoca;

Aos amigos e amigas Ameline, Ju, Cris, Joci, Sheila e Marilda, pela possibilidade de sempre ser outra e pelo aprendizado de poder dizer sim à vida;

Ao Rômulo e ao Raul, irmãos que são muito mais pelos afetos, intensidades e escolhas do que pelo sangue;

Ao Ricardo por, junto comigo, jogar-se nos abismos sem paraquedas;

À Maria Izabel, minha mãe, e ao Luis, meu pai, por acreditarem incondicionalmente em minhas escolhas e me permitirem acreditar que sempre se pode mais;

Às minhas três avós Áurea, Julia e Catarina, pelas simplicidades e delicadezas da vida;

À ilha de Santa Catarina, por me permitir viver suas intensidades.



## RESUMO

Uma pesquisa que trata de experiências e arte e ciência e formação continuada de docentes em artes visuais. Uma pesquisa que trata de resistência e formação docente. Uma pesquisa que opera com arte e ciência e uma de-formação de professores. Uma pesquisa que cria uma estratégia cartográfica, de narrativa textual e visual para percorrer caminhos de uma viagem pelo mar em uma viagem desconhecida. Uma pesquisa que se movimenta e opera com conceitos, entre eles, a máquina de guerra (DELEUZE e GUATTARI, 2012) e as linhas de fuga (DELEUZE e PARNET, 1998). Uma pesquisa que se desenha em torno de uma escrita com imagens e palavras como potências para percorrer os espaços-tempo de uma formação docente com arte e ciência e...

**Palavras-Chave:** Formação de professores. Arte. Ciência. Resistência.



## ABSTRACT

A research that deals with experiences and art and science and continuing education of teachers in visual arts. A research that deals with resistance and teacher shaping. A research that works with art and science and a deformation of teachers. A research that creates a cartographic strategy, of textual and visual narrative to travel the paths of a trip by the sea in an unknown trip. A research that moves and operates with concepts, among them the war machine (DELEUZE; GUATTARI, 2012) and escape lines (DELEUZE; PARNET, 1998). A research that is drawn around a writing with images and words as potential to travel the space-time of a teacher training with art and science and...

**Keywords:** Teacher shaping. Art. Science. Resistance.



## SUMÁRIO

<b>I. NAVEGAR</b> .....	13
Uma rota .....	14
Um barco .....	22
Mar .....	26
Tripulação .....	28
Uma ilha .....	32
<b>II. ERRÂNCIAS</b> .....	39
<b>III. ARQUIPÉLAGOS</b> .....	53
Vizinhanças .....	54
Vermelhar-se .....	61
<b>IV. RESISTÊNCIAS</b> .....	105
Tempestades .....	106
Ondulações .....	114
Silêncios .....	120
Flutuações .....	127
Brumas .....	137
<b>V. ILHAR-SE</b> .....	147
<b>EPÍLOGO</b> .....	159
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	165







Francis Alys. Don'ts Cross the Bridge Before You Get to the River, 2008. Instalação. Fonte: francisalys.com

## I. NAVEGAR



Uma rota

Angélica D'Ávila Taschetto. Sem título, 2018. Fotografia. Fonte: arquivo pessoal.

Não recordo-  
me muito bem  
como foi, nem  
quando tudo  
isso começou.

Só sei que,  
quando vi,  
tudo já  
estava  
acontecendo.

Coisas  
irrompem-se  
pelo meio,  
brotando,  
perfurando,  
atravessando  
...



Muitas chegadas e partidas. Partidas e Chegadas. Algumas delas de um lugar ao outro, de um ponto ao outro. Chão firme, águas, terras, mares, ilhas, ilha. Fui desenhando traços no mundo, criando espaços, habitando lugares.

Uma vez saí daquele lugar de solo firme e duro. Lugar do vento norte, do vento quente. Fui ver o mar mais de perto. Olhava para sua imensidão. Muitas vezes precisei de ajuda para olhar, tamanho era seu fulgor e vastidão.

Mais perto do mar, senti-me à vontade para traçar outros pontilhados no mapa. Desenhar meu próprio mapa. Era a primeira vez que vagueava sozinha, sem rumo certo, naquelas terras ao sul do mundo. Quase na ponta, no limite, na borda do mundo.

- Era Rio ou Mar? Discutiam.

Até hoje não sei ao certo. Tampouco importa. Era uma fusão, um entre rio-mar. Entretanto, havia uma placa que sinalizava onde terminava um e onde começava o outro: tanto desejo de criar territórios. Mas tamanha era a sua falta de limite, que tal divisão entre rio-mar só existia nessa linha imaginária que sequer se podia ver. O rio-mar não sabia que era cortado e despedaçado daquela maneira.

Depois de um tempo precisei voltar. Retornei a terra firme. Mais uma vez uma chegada. Tantas certezas, tantos territórios. Tantas paisagens sem mar, sem água, sem vazios. De um cheio absoluto. De uma velocidade fulminante. Terras, territórios, certezas de vida, estados de vida.

O problema aí não era com os lugares, com uma suposta dicotomia entre terra e água. O problema era muito mais comigo e com meus próprios territórios. Tão facilmente vamos moldando o corpo. Tão facilmente somos organismos. Difícil mesmo é mover-se. Tornar-se corpo-sem-órgãos (DELEUZE e GUATTARI, 2011), nômades do deserto e desterritorializar-se. Gaguejar na própria fala.

Depois de um tempo, mais uma saída. Tracejar percursos, esboçar caminhos. Novamente a água, o mar, a imensidão. Uma chegada com um intuito certo: habitar a ilha como se fosse continente. Habitar a ilha e fazer dela a terra firme. Tão mais fácil. Menos trabalhoso e, talvez, menos doloroso.

Mas na ilha há a maresia, o mar se encrespa ao redor, o vento sul sopra forte e leva tudo por diante. Esse mesmo vento sul também leva um pouco das certezas. Deixa-nos meio sem rumo.

Aos poucos fui tateando a ilha, mesmo sem nunca ter entendido seus contornos. Fui desenhando pequenos tracejados. Agora, estes são menores, mais quietos, mais silenciosos. Antes, os passos eram mais

largos, as viagens mais longas. Agora, mais minuciosas, querendo mais o trajeto do que o ponto final. Por aqui tive a sensação de nomadismo, um nomadismo no qual pouco se viaja. “Ao pé da letra, os nômades ficam imóveis. Todos especialistas concordam: eles não querem sair, eles se apegam à terra... é de tanto querer ficar em suas terras que eles nomadizam. Portanto, podemos dizer que nada é mais imóvel e viaja menos do que um nômade. Eles são nômades porque não querem partir” (DELEUZE e PARNET, 1995, p. 102).

Desse nomadismo sem viagem, enrolei-me em redes, pescas, gentes, barcos, mares. Signos de uma ilha. Aos poucos, fui me tornando sensível a eles. Agarrando-os e tomando suas forças. Com eles, fui desenhando rotas, caminhos, lugares. Uma pesquisa aqui, outra acolá. Uma rota que vai se fazendo mais nas intensidades das coisas do que nas próprias coisas.

Aqui resolvi inventar um barco para navegar nesses mares. Conhecer a ilha, descobrir a ilha, revelar a ilha. Mais uma vez, não fugi da rota. Esta já estava meio traçada. Meio certa. De um ponto a outro. Mas não é fácil inventar um barco e pensar que, com ele, uma viagem pirata clandestina pode simplesmente começar. Não é fácil pensar que, com ele, muitas amarras poderão ser soltas, muitos nós poderão ser desfeitos, outras partidas poderão acontecer. E mesmo a rota estando traçada, nunca se sabe que ventos o acometerão, ou que monstros marinhos o perseguirão.

Convidei uma tripulação<sup>1</sup> que aceitou o convite e, juntos, compusemos um coletivo múltiplo disposto a se entregar ao mar, uma tripulação sem eira nem beira. Dezesseis professoras e um professor de artes visuais que também vivem cá e que, de alguma maneira, também desejavam ir em busca de uma certa ilha desconhecida. De alguma forma, sabiam que estariam sujeitos às intempéries do mar aberto. A questão é que, assim como eu, também estavam desejanτες desse desassossego e desse balanço do mar.

Lançamo-nos, então, em busca dessa ilha desconhecida. Rota meio pronta, meio tracejada. Juntos, formamos uma tripulação.

---

<sup>1</sup> Formação de professores realizada junto ao grupo de professores de Artes Visuais da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Os encontros foram realizados em quatro etapas, entre os meses de julho e setembro de 2017. Para a realização dos encontros, houve autorização da Gerência de Formação Continuada da Prefeitura e dos participantes. A autorização da Gerência de Formação Continuada encontra-se em anexo e as autorizações dos participantes com a autora.

Organizamo-nos e partimos. Partimos com a ansiedade estampada nos olhos. Partimos com desejo. Desejando juntos. Partimos na espera. Partimos no silêncio ruidoso daquele mar aberto que se fazia um deserto de possibilidades.

Para chegar à ilha havia uma rota certa, um ponto ao outro. No entanto, havia um problema: o mapa era meio disforme, em muitos pontos não condizia com o objetivo final. Era conectável, desmontável, rasgado, sem memória. Difícil seguir esse mapa onde as coordenadas cartesianas se desfaziam. Um risco seguir uma rota e fazer uma navegação com esse tipo de mapa.

Ainda assim, esse mapa que era, ao mesmo tempo, um tanto quanto aberto, fazia-se conveniente nesse momento em que desejávamos sair do senso comum das viagens pré-determinadas e com destino certo. A possibilidade da incerteza era pulsante, viva e cheia de riscos. Todo um inacabamento.

O mapa traçava a rota. Desenhava-a sutilmente sobre folhas de papéis diversos. Manuseá-lo nem sempre era fácil. Frágil, sutil, intenso e vibrante. Um mapa arranjado, com elementos de diferentes naturezas. Com certeza não era um mapa comum, feito de uma cartografia de países, impérios e Estados. Era um mapa pirata, nômade, cambiante. Mapa do tesouro. Mapa inventado que alimenta o tateio e a experimentação das formas invisíveis para encontrar relíquias ou restos (KASTRUP, 2012). Mapa falso. Mapa sem destino. Mapa de percurso. Mapeava terras, mares, ilhas inexistentes.

*Percurso clandestino, sem subordinação aos pontos de partida e chegada.*

*Processo inverso: subordinação ao trajeto.*

*Mapa de território que se inventava na desterritorialização.*

*Movimento infinito.*

*Linha tênue que divide o céu e o mar.*

Mapa que rasura e borra as fronteiras, rasga, cola, re-cola, re-corta.  
Fuga da cartografia majoritária. Mapa que não "entrecruza  
meridianos e paralelos, longitudes e latitudes"  
(DELEUZE e GUATTARI, 2012, p.198). Sem esquadrinhamentos,  
sem coordenadas. Cartografia menor. Mapa menor. Rota menor.



Projeto Nuvem. Intervenção sobre imagem. Fonte: arquivo pessoal.

Mapa sem decalque. Mapa rizoma. Mapa aberto, reversível, suscetível. Mapa obra, ação política, meditação. Múltiplas entradas. Saltos, quedas, sobrevoo (DELEUZE e GUATTARI, 2011).

Mas que mares estes mapas nos permitem navegar?

Por esse mapa, do acaso, segue-se a rota. Segue-se a viagem. Uma viagem-árvore, ou viagem rizoma? (DELEUZE e GUATTARI, 2012). Em muitos momentos, decalcada na ideia de um percurso certo e bem definido, a viagem-árvore parecia ser a única e melhor alternativa.

Solavanco, estremecimento...

- O que aconteceu?

- Não sei, coisas foram entrando pelo meio.

A viagem já não era árvore. Nunca foi! Apenas queria transformá-la em árvore. O rizoma invade de *poquito a poco*. Cresce pelo meio. Brota pelo meio. Viagem no mesmo lugar. Intensidade. Viagem pensante. Viagem pensamento. “Viajar é pensar” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 202). A viagem-rizoma, no entanto, torna a rota arriscada, problemática. “Devir difícil, incerto” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 203).

Além disso, “quando viajamos somos forçados a conviver com uma certa errância, a perder tempo, a explorar o meio com olhos atentos aos signos e a penetrar em semióticas novas. Somos forçados a pensar, a aprender e a construir um novo domínio cognitivo e uma outra maneira de realizar atividades que eram tão simples e corriqueiras que havíamos esquecido seu caráter inventado” (KASTRUP, 2001, p. 17).

Fazer cálculos, manejar o tempo, nada disso adianta mais. Outras cartografias projetam outros mapas. Cartografia que se povoa de “linhas de errância, traços de trajetos” (DELIGNY, 2015, p. 217). Cartografia de errância nômade, sem residência fixa. Cartografia “como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência” (PRADO FILHO e TETI, 2013, p. 47). Cartografia inventada.

- Então, o que fazer quando a viagem torna-se iminente e o que se tem não passa de uma rota tracejada, pontilhada, borrada, disforme?

- Talvez o melhor seja agarrar-se a ela. Fazer dela seu suspiro. Convertê-la em uma rota possível, em uma cartografia possível. Cartografia pesquisa. Pesquisa cartográfica.

- Tripulação, temos um problema nessa viagem: **que resistências podem ser maquinadas em uma formação docente com arte e ciência e...?**



Talvez a rota, o barco, o mar, a ilha nos ajudem a obter uma resposta. Talvez a resposta não seja uma, uno. Talvez sequer haja uma resposta, e sim, mais problemas, mais e mais...

Talvez seja melhor mesmo viajar com esse mapa “que opera por subtração. Raspando os trajetos cansados” (COSTA, ANGELI e FONSECA, 2012, p. 45). Talvez seja melhor viajar com esse mapa que nos serve como resistência, já que mobiliza outros trajetos e providencia outras rotas. Viajar com esse mapa é criar a própria resistência porque nos permite “projetar para além do presente, para além de nossas experiências já codificadas, para além de um domínio do possível decidido de antemão nas esferas da moral e da política” (ONETO, 2004, p. 210).

E, nessa efetivação da viagem, que se faz pelo mapa traçado com rota distinta, é que nos propagamos como coletivo de forças, tracejando linhas e dando língua para os afetos que pedem passagem, mergulhando nas intensidades do tempo e devorando elementos possíveis na composição de novas cartografias (ROLNIK, 2011). Uma nova rota se anuncia.

## Um barco



Projeto Nuvem. Intervenção sobre imagem. Fonte: arquivo pessoal.

Pensei que havia criado um barco. Ilusões minhas. Quando vi o barco, já não era meu. Já era modificado. Seu desenho já era outro que não mais aquele do início.

Na verdade, nem sei se, por algum momento, houve um início. Parece-me mais que esse barco brotava sempre de formas diferentes quanto mais avançávamos na viagem. Surgia diferente, tornava-se diferente. Os tripulantes, por sua vez, modificavam-se à medida que o barco também se modificava. Não era uma transmutação de um para o outro, mas nos tornávamos sempre outra coisa. Um agenciamento de forças. Um devir tripulação-barco. Devir professor-máquina de guerra.

O barco seguia dobrando o mar. Arrebatando correntezas. Perfurando ondas. Atravessando um espaço-tempo do acontecimento. Não havia uma cronologia certa e um lugar determinado. O barco se fazia sensível aos signos do mar. Compreendia-o. Interpretava-o (DELEUZE, 1987). Perdia-se nele. Navegava com ele. Insinuava-se nas dobras das ondas, habitava suas pregas. Não ia contra o mar, mas se ajeitava em suas curvaturas e se dobrava com ele mesmo, como se fosse sua própria dobra.

Como que, por um instinto primitivo, o barco fazia-se máquina de guerra. Não contra o mar, mas contra as capitânicas e os portos dos lugares conhecidos pelos quais passava. Esse barco-máquina de guerra não queria a captura. Não queria as polícias e tampouco a terra que já se sabe.

Um barco-máquina de guerra que perfura as linhas invisíveis dos países e Estados. Uma máquina de guerra clandestina, pirata, nômade. Que passa despercebida na calada da noite. Seu ruído confunde-se com o sussurro do mar.

O barco-máquina de guerra não é a oposição ou o binarismo em relação aos Estados consolidados que atravessava. Ele está no entre, naquilo que não pertence a lugar nenhum e que atravessa com velocidades infinitas as linhas do mar. Barco exterior aos países, impérios, Estados. Barco-máquina de guerra contra os aparelhos de Estado.

Por certo, o que os aparelhos de Estado fazem é doutrinar, limitar fronteiras, impor ordens, criar organismos, estratificar. Portos, comandos, gerências: todo um aparato de dominação.

A máquina de guerra, ao contrário, subverte, perfura, vaza, anda sobre linhas de fuga. Realiza-se naquilo que já existe. Cria suas próprias forças de existência. No entanto, há sempre riscos. Em suas passagens, navegações e clandestinidade podem ser aprisionadas. Tornar-se parte do aparelho de Estado, fazer da guerra seu objetivo.

O Estado precisa aprisioná-la, torná-la parte de seu organismo. Regras, normas, reconhecimento. Ou bem o Estado não comporta a máquina de guerra, ou toma-a para si (DELEUZE e GUATTARI, 2012). O aparelho do Estado é delimitado e gerido por instâncias de comando e dispositivos de controle os quais fazem com que os sujeitos vivam pelas significações atribuídas ao seu próprio papel dentro do Estado (ZORDAN, 2017). Cabe ao Estado impor seus próprios traços. O barco-máquina de guerra não deseja ser nau ou caravela do descobrimento, pois é um “efeito da problematização do mar” (GELAMO, 2009, p. 143).

Então, a máquina de guerra escapa. Desterritorializa-se, reterritorializa-se e volta a se desterritorializar. Ocorre ao homem da guerra “reinventar a máquina de guerra” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 88) para que esse fluxo continue constante.

O barco-máquina de guerra no qual cruzamos as linhas do mar não reproduz caminhos, não observa o fluxo de uma margem exterior, mas sim, segue seus próprios caminhos sobre as linhas de fuga (DELEUZE e GUATTARI, 2012).

Sua preocupação não é de atravessar o mar com ponto de partida e ponto de chegada, portos e capitânicas. Contenta-se em ocupar o mar, ser clandestino, parecer invisível (DELEUZE e GUATTARI, 2012).

Além disso, a máquina de guerra que desliza sorrateiramente sobre as linhas do mar, ocupa-se de suas armas. Mas como criar tais armas?

As armas são inventadas, criadas à medida que se avança mar adentro. Foge das ferramentas de trabalho criadas pelo Estado, ou apodera-se delas e as transforma em armas. Toma suas forças. Agenciamento maquínico. Desejo (DELEUZE e GUATTARI, 2012).

Para esta viagem, então, o barco segue sorrateiramente, utilizando-se de suas armas para escapar do território. Desterritorializa-se, pois “não há território sem um vetor de saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para reterritorializar-se em outra parte” (DELEUZE e PARNET, 1995, p. 5) – Busca pela ilha desconhecida.



Projeto Nuvem. Intervenção sobre imagem. Fonte: arquivo pessoal.

O mar é problema do barco-máquina de guerra.

Como navegar e enfrentá-lo?

Como sobrepor-se ao seu movimento turbilhonar? (DELEUZE e GUATTARI, 2012). Problemas que fazem a máquina de guerra reinventar-se a cada nova tempestade. Não se trata de um problema de negação do mar, mas um problema de relação, agenciamento de forças: barco-mar. Experimentação do espaço liso.

Se o mapa da navegação era disforme, rachado, dobrado, era porque o mar, enquanto espaço liso, não permitia contornos. Nunca sabíamos quando era seu começo nem seu final. Ele brotava pelo meio. Pelo meio das ilhas, dos continentes, pelas fendas mais estreitas das rochas e bancos de areia.

Muito embora a sensação que tínhamos era justamente o contrário. Parecia sempre que a terra capturava o mar, cercava-o, desenhava-o. Sim, não era apenas uma sensação. As linhas imaginárias, linhas continentais e de território estavam sempre cercando, desenhando e impondo seus limites ao mar. Ele estava sempre entre dois espaços estriados que não cansavam de limitá-lo e domá-lo.

Talvez o mar tenha sido o espaço liso que mais tenha sido estriado. Grandes navegações, descobrimentos, rotas, linhas de países que o atravessam, ligações, estreitos, aberturas. Toda uma estriagem que esquadrinha o mar em latitudes e longitudes (DELEUZE e GUATTARI, 2012). *Espaço de linha entre dois pontos.*

Ainda assim, o mar bravo, tempestuoso, violento se volta contra o estriamento. Cria ressacas, marés altas que invadem e arrancam da terra tudo o que sobre ela está. Propaga-se sobre a terra. “Afirma sua força não comunicante ou de desvio” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 61). Violenta a terra. “Rói suas margens e adquire velocidade no meio” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 48). O mar antecipa-se sempre como um problema, pois nele já não se vai de um ponto a outro, domina-se todo o espaço a partir de um ponto qualquer. *Espaço de ponto entre duas linhas.*

Enfim, não era a terra que adentrava o mar. Era o mar que adentrava a terra.

Mar, espaço liso, não métrico por onde navega o barco-máquina de guerra. Ele “é ocupado por acontecimentos ou hecceidades, muito

mais do que por coisas formadas e percebidas” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 198).

Mar, espaço liso, corpo-sem-órgãos. Nada e muito. Vazio e cheio. Cheio de intensidades, ventos, ruídos, forças. Canto das areias (DELEUZE e GUATTARI, 2012). Segue sendo ele mesmo em toda sua intensidade. Não se interessa pela estriagem. Segue seu fluxo.

Nele se instauram coordenadas cartesianas, direções, movimentos simétricos, latitudes e longitudes. Mas também furos, brechas, aberturas. Linhas de escape, ruptura ou fuga. Linhas que vazam das coordenadas. Linhas do fora. Fora absoluto.

O mar, espaço aberto, é o lugar da instauração de linhas de fuga. O barco-máquina de guerra navega e é constantemente construído e reconstruído sobre as linhas de fuga. Estas são ativas, imprevisíveis, precisam ser constantemente inventadas sem seguir modelos prévios. Ruptura absoluta com os estratos. Fazem fluir, escoar, escapar, fugir. Criam outros caminhos. Entradas, saídas, tangências, desterritorialização.

A linha de fuga faz produzir algo real naquilo que já existe, já que o “Estado faz movimentos de captura da máquina de guerra nômade e esta traça linhas de fuga criadoras” (ASPIS, 2011, p. 119). O barco-máquina de guerra traça uma linha de fuga sobre o mar e encontra suas armas para produzir torções, para produzir desvios das rotas. “Fugir é traçar uma linha de fuga, toda uma cartografia” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 30).

*Nessa navegação fizemos linhas e não pontos*

Viajamos com velocidades infinitas, pois é “a velocidade que transforma o ponto em linha” (DELEUZE e GUATTARI, p. 48). Seguimos as velocidades infinitas das ondas.

No mar “estivemos à mercê de seus humores, de suas variações, de suas núpcias com a Lua. É um conhecimento quase empático: perceber o temperamento do mar. Escorregar entre suas ondas, mover-se entre suas forças” (OLIVEIRA, 2012, p. 165).

Ao fim de cada dia, avançando mais e mais sobre o espaço liso, víamos que não há limite entre o mar e o céu (DELEUZE e GUATTARI, 2012). E o que existe, nada mais é do que uma linha muito tênue. Apenas suavidade vaporosa.



Projeto Nuvem. Intervenção sobre imagem. Fonte: arquivo pessoal.



Uma tripulação que se inventa assim, no fluxo, na correnteza. Quando inventei o barco para navegar, convidei uma tripulação. Não poderia navegar sozinha, já que os desejos eram os mesmos. Cada um era em si. A diferença viva, mas éramos atravessados pelas mesmas flechas, cortados pelas mesmas armas, contaminados pelas mesmas doenças. Talvez a luta, a fuga, a reação acontecesse porque nos formávamos como um corpo coletivo. Muito mais um corpo com franjas, bordas e arestas, do que um corpo de organismo, ou mesmo um corpo de Estado.

Desejo coletivo - corpo nômade, tripulação nômade, tribo, matilha, pirataria. Nômades que inventam sua própria máquina de guerra sobre as linhas de fuga do mar.

Uma tripulação nômade. Professores que se inventam como nômades, que não se fecham em torno de uma interioridade ou de um território. Aliam-se ao território, mas não se territorializam. “O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto a outro, não ignora os pontos (ponto de água, de habitação, de assembleia, etc.) (...) Mas o nômade só vai de um ponto a outro por consequência e necessidade de fato; em princípio, os pontos são para ele alternâncias num trajeto” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 53).

O nômade desenrola-se em um meio sem horizonte, fazendo desaparecer por completo a linha que separa o céu e o mar. Tudo é espaço liso. Não se interessa pelas fronteiras dos países. Ignora-as. Ultrapassa-as conforme seu desejo e necessidade. “A vida nômade é *intermezzo*. Até os elementos de hábitat estão concebidos em função do trajeto que não para de mobilizá-los” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 53). A vida nômade se faz pelo meio, na linha, não nos pontos.

Os trajetos nômades fogem dos caminhos costumeiros, sedentários, estriados. Ao contrário, o nômade “se distribui num espaço liso, ocupa, habita, mantém esse espaço” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 55). O nômade é aquele que não abandona o seu território, agarra-se a ele. Lugar onde a terra cede e o mar avança.

Por sua vez, “os nômades não têm história, só têm uma geografia” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 75). O Estado, no entanto, acredita na derrocada nômade. Acredita na sua “pobre humanidade que nada compreende [...]” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 75). Certamente, é muito difícil para o poder do aparelho de Estado compreender que seu corpo coletivo tem franjas, tem minorias que, de alguma maneira, sempre reconstituem a máquina de guerra. Os corpos coletivos do aparelho de Estado sempre têm franjas. Nômades são franjas. Professores-nômades-piratas-franjas sem passado nem

futuro, apenas devires (DELEUZE e PARNET, 1998). Minorias que não existem prontas, mas só se constituem sobre linhas de fuga para avançar e atacar (DELEUZE e PARNET, 1998).

Nesse processo, “há toda uma navegação nômade, empírica e complexa que faz intervir os ventos, os ruídos, as cores e os sons do mar [...]” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 198). Todo um movimento nômade. Devir-nômade. Devir-professor-nômade. Devir-professor-nômade-pirata. Uma bandidagem que se alia mais ao mar do que às coordenadas cartesianas decalcadas sobre ele.

Uma tripulação de um barco pirata se constitui por todas as gentes, formas, multiplicidades, diferenças. Não há hegemonias. Não há supremacias. Seu comando é sempre organizado e desorganizado a qualquer momento. Por isso mesmo, não há um comando. Não há fixidez, rigidez.

Clandestinos, os nômades-piratas movem-se devagar e rapidamente. Ou então, não se movem. Aliam-se aos espaços. Criam suas próprias redes e tramas de mercadorias. Interceptam os navios dos aparelhos de Estado. Preferem os barcos pequenos que se movem sorrateiramente sobre as águas.

Sobre os piratas, sabe-se que “montaram uma ‘rede de informações’ que se estendia sobre o globo. Mesmo sendo primitiva e voltada basicamente para negócios cruéis, a rede funcionava de forma admirável. Era formada por ilhas, esconderijos remotos onde os navios podiam ser abastecidos com água e comida, e os resultados das pilhagens eram trocados por artigos de luxo e de necessidade. Algumas dessas ilhas hospedavam ‘comunidades intencionais’, mini-sociedades que conscientemente viviam fora da lei e estavam determinadas a continuar assim, ainda que por uma temporada curta, mas alegre” (BEY, 2004, p. 03).

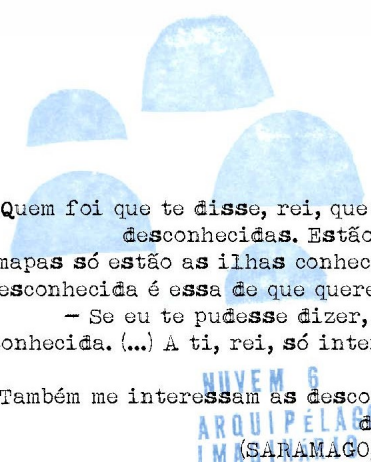
Como nômades-piratas que somos, não pertencemos ao mar. Apenas sofremos seus efeitos, capturando-o e dele tomando suas forças. Viajamos por intensidades. Agarramos-nos à alegria do agora e não buscamos a felicidade de um futuro.

*Fizemos um esboço no espaço-tempo.*

*Movimentos dissimétricos de uma viagem dançante.  
Dispensamos um pouco a trajetória, os modos de partida e a chegada.*

*Pois, afinal, os percursos “somos nós mesmos. Em matéria de  
viver nunca se pode chegar antes”*

(LISPECTOR, 1979, p. 72).



## Uma ilha

- " - Quem foi que te **disse**, rei, que já não há ilhas desconhecidas. Estão todas no mapa?
- Nos mapas **só** estão as ilhas conhecidas. E que ilha desconhecida é **essa** de que queres ir à procura?
- Se eu te **pudesse** dizer, então não seria desconhecida. (...) A ti, rei, **só** interessam as ilhas conhecidas.
- Também me interessam as desconhecidas quando deixam de o ser."  
(SARAMAGO, 1998, p. 17-18).

Que ilhas são estas? Desconhecidas, incógnitas, escondidas? Que ilhas são estas que poucos têm interesse em chegar? Que ilhas são estas que desprezam os países, os reinos, os Estados? Que ilhas são estas que ignoram os estratos, os organismos, os estriamentos? Que lugares são estes que não se querem conhecer, que não se querem catalogar? Que não querem pertencer às coordenadas do mapa? Que não querem ser um ponto localizável do globo?

Ilha desconhecida faz-se deserta. Desabita-se. Corpo-sem-órgãos. Rodeada pelo mar-espaço liso. Deserto fora da ilha. Deserto na ilha. O mar faz-se na ilha. A ilha faz-se no mar. A ilha é a primeira condição da terra. Condição primeira. Vazio absoluto.

Quando esta navegação inicia-se, a ilha já era cheia, povoada, insalubre. Talvez precisasse sair dela, vê-la ao longe, rodeá-la, tateá-la aos poucos. Torná-la novamente deserta, desconhecê-la. Movimento difícil este. Quase que um retorno à sua primeira condição do vazio.

Pensei que era fácil desenhar os contornos de uma ilha. Idealizar seu ponto de início e seu ponto final. Demarcar um território na ilha. Colocar uma fortaleza em cada extremidade e regular seus movimentos (DELEUZE e GUATTARI, 2012). Quanta síndrome de aparelho de Estado guardamos em nós mesmos? Então, estaria pronta. Dominada. Ponto final.

Mas não é fácil desenhar contornos de uma ilha. Elas se fazem e desfazem ao sabor dos ventos, ao sabor das marés. Ser nômade talvez seja a melhor maneira de relacionar-se com a ilha. Tratá-la como “solo movente, um campo de experiência radical, um mundo em arquipélago, onde eles se contentam em plantar suas tendas, de ilha em ilha e sobre o mar” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 126). Buscar uma ilha desconhecida para, então, torná-la deserta. Que contenha apenas relações de intensidades. Fluxos e matérias não formadas.

No entanto, não faltará quem tente estriar a ilha. Tal qual o Rei que deseja dominar e tomar para si seus espaços. Torná-la conhecida. Territorializar suas bordas. “É vital para o Estado fazer valer uma zona de direitos sobre todo um exterior” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 63). Criar pontes, fortalezas, muros ao redor, apropriar-se da ilha.

Para os nômades, no entanto, quando a ilha se torna território do Estado, ela já não interessa mais. Ou busca-se outra, ou alguma forma de desterritorializá-la novamente.

Desejo de invencionar uma pesquisa-ilha que se desfaz dos países e territórios. Um devir ilha na pesquisa. E de fabular uma pesquisa-ilha a partir de uma geografia com contornos e fronteiras borrados. Forjar uma pesquisa-ilha como quem foge pelas brechas, pelos furos do cano.

Daí a dificuldade. Uma pesquisa-ilha não é aceita. Não está nas moralidades e dentro dos contornos. Uma pesquisa-ilha flutua. Brota no meio do mar. Irrompe de vida marítima. Uma pesquisa-ilha é acontecimento sempre.

A questão é que uma ilha está sempre no fora. Mesmo com seu suposto pertencimento aos países, reinos e Estados, ela faz com que estes se conectem com o seu próprio fora para nela chegar. A ilha é o próprio fora de si mesmo. Não se chega à ilha sem sair de si.

A ilha faz o os países, reinos e Estados roubarem um pedaço do mar para que a conexão entre eles exista. Há uma vontade tamanha de que tudo se grude. De que os territórios andem juntos como um bloco fechado. “Para qualquer Estado, não só é vital vencer o nomadismo, mas controlar as migrações e, mais geralmente, fazer valer uma zona de direitos sobre todo um ‘exterior’” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 63). Mas o mar não oferece as condições para que isso ocorra de forma passiva. Sempre, entre uma ilha e um país, reino, Estado, existe um pedaço de mar cambaleante, sorrateiro, liso, sem pudores, onde os nômades conseguem criar e recriar a máquina de guerra. “É cada vez que há operação contra o Estado, indisciplina, motim, guerrilha ou revolução enquanto ato, dir-se-ia que uma máquina de guerra ressuscita, que um novo potencial nomádico aparece, como reconstituição de um espaço liso ou uma maneira de estar no espaço como se ele fosse liso” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 64).

Os territórios podem até apropriar-se das ilhas, mas estas, inevitavelmente, continuam em sua condição do fora. Com o mar no meio. Não há ilha sem mar. No mar há sempre ilha.

Os territórios das pesquisas Estado, de alguma maneira, tentam capturar a ilha para dentro de si. Todas as artimanhas, metodologias e processos são utilizados. Mas há fissuras, coisas que fazem com que as pesquisas-ilhas aconteçam. Ou elas brotam no mar como ilhas vulcânicas e oceânicas, ou elas desprendem-se do território por não aceitar dele suas imposições. A questão é que “já não é a ilha que se separou do continente, é o homem que, estando sobre a ilha, encontra-se separado do mundo. Já não é a ilha que se cria do fundo da terra através das águas, é o homem que recria o mundo a partir da ilha e sobre as águas” (DELEUZE, 2002, p. 7).

Mesmo estando sujeita às imposições territoriais, uma ilha é sempre ilha. Uma ilha é sempre um problema do território. Uma pesquisa-ilha é sempre um problema da própria pesquisa, pois “a existência das ilhas é a negação de um tal ponto de vista, de um tal esforço, de uma tal convicção” (DELEUZE, 2002, p. 6).

Ocupar uma ilha não é como ocupar o território de um país ou Estado. Ocupar uma ilha é deparar-se com seu deserto, com os seres pouco comuns que aí existem. Seres absolutamente separados, criadores. Homens, mulheres, deuses, artistas, “consciência da Terra e do Oceano, um enorme ciclone, uma bela bruxa, uma estátua da Ilha de Páscoa” (DELEUZE, 2002, p. 8).

A ocupação de uma ilha deserta se faz com cortes nas mãos, calos nos pés. Rodopios até cair. Movimentos do fora. Toda uma pesquisa-ilha-deserta.

Entretanto, no início, a pesquisa era território, país, Estado. Reino onde só o que se quer são as terras conhecidas. Havia uma outra pesquisa em curso. Um caminho esquematizado, organizado, determinado. Nada de cursos ou fluxos d’água... correntezas. Apenas vontade de constituir certezas. Pesquisa-território.

Acontece que, como já dito anteriormente, a ilha arrebatada, movimenta o corpo criador. A pesquisa-ilha manifesta-se. A navegação permite um certo abandono do território. O encontro com os piratas nômades não modifica só a navegação, o barco, a tripulação. Modifica também a ilha. Torna-a deserta. Mesmo com toda a navegação, a ilha não deixa de ser deserta (DELEUZE, 2002).

Busquei essa pesquisa-ilha, desejei-a. Tive dificuldades em aceitá-la. Em fazer dela uma potência. Quão prisioneiros somos dos Estados...

Ainda assim, forcei-me a operar esta criação, ou uma re-criação, um re-começo. Já que a ilha é a origem, mas a origem segunda. O lugar onde tudo recomeça. O lugar mínimo necessário para o recomeço. Material sobrevivente da primeira origem (DELEUZE, 2002). Pesquisa-ilha-deserta.

Talvez estivesse como a Sr<sup>a</sup> Jorge B. Xavier, em um momento de puro devaneio. Ela “simplesmente não saberia dizer como entrara. Por algum portão principal não fora. Pareceu-lhe vagamente sonhadora, ter entrado por uma espécie de estreita abertura em meio a escombros de construção, como se tivesse entrado de esguelha por um buraco feito só para ela. O fato é que quando viu já estava dentro [...] E quando percebeu estava muito, muito dentro [...] Havia uma multidão que existia pelo vazio de sua ausência absoluta [...] Não haveria porta de saída? Então senti como se estivesse dentro dum elevador enguiçado entre um andar e outro. Não haveria porta de saída?” (LISPECTOR, 1999, p. 16- 17).

Havia, sim, a porta de saída. Talvez a saída fosse simplesmente não ter entrado. Não ter adentrado na ilha. Talvez a saída fosse ficar.

Manter-me no território. Ser Estado, organismo, corpo sedentário no espaço estriado.

No entanto, desejos pulsam quando há bons afetos e que aumentam nossa potência de agir. Toda uma tripulação nômade que se organiza, não como corpo, mas como franja, como borda, beirada, margem. Meio fora, meio dentro. Meio entre. Entre. Entrei...

Então aí acontece uma pesquisa-ilha. Com desejo, já que “só se pode desejar em conjunto” (DELEUZE e PARNET, 1995, p. 17). Desejar algo é tornar-se algo. Multidão. Desejo que corre para o agenciamento. Agenciamento coletivo do desejo (DELEUZE e PARNET, 1995). Desejo de pesquisa, desejo de ilha, desejo do fora. Devir pesquisa-ilha-deserta.

Uma ilha que acontece com interferências entre os planos da arte e da ciência. Circuitos, cruzamentos, atravessamentos. Ilha onde arte e ciência partilham “da mesma sombra, que se estende através de sua natureza diferente e não cessa de acompanhá-los” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 257).

Assim, projetar a uma pesquisa-ilha é ato de criação. Uma pesquisa-ilha-deserta desequilibra a ordem natural das pesquisas majoritárias. Fazer uma pesquisa-ilha-deserta é gaguejar com as palavras e torná-las vivas nesse inventário de formas escritas. Um balbucio que faz vacilar certezas e que pode arranjar-se de forças múltiplas em direção à resistência.









Angélica D'Ávila Traquetto. Sem título, 2015. Carvão sobre papel. Fonte: arquivo pessoal

## II. ERRÂNCIAS

## Movimento migrante, amorfo, ingrato?

Como tornar-se nômade? Como criar espaços lisos para movimentar-se?

No antes, uma formação, um bacharelado, uma licenciatura, um mestrado, uma vida acadêmica começando a tomar forma. Forma organizada, bem definida, bem certa. Um trabalho como docente no ensino superior. Outros tantos como professora em escolas básicas. Aqui e ali, de lá pra cá, o trajeto sempre esteve formado. Algumas rupturas, mudanças, saídas, retornos. Ainda assim, a rota era sempre meio certa, meio definida. Ponto de partida, ponto de chegada. De um ponto ao outro.

No depois, alguns encontros um tanto inesperados.

Encontros. Devires. Sonhos. Pirações. Como se navega para um rumo certo em meio a tudo isso? Talvez não se navegue. Ou melhor, talvez não se navegue para o rumo certo. Talvez tampouco exista o rumo certo quando tantas coisas estão em jogo.

Decidi pela aventura. Estar na aventura. Que mal tem?

- Arte, ciência e educação? O que você vai fazer com tudo isso? Diziam muitos, cheios de opiniões, organismos, certezas.

- Não sei! Estou deixando-me experimentar. Talvez deixar que uma espécie de gagueira aconteça ao falar de arte e ciência e formação docente. Sequer sabia...

A aventura começa, ou recomeça, ou... Como já dito, a ilha tem o vento sul, mar aberto que arrebenta a costa e modifica paisagens. Aí vou eu. Nesse começo que é meio rizomático, meio raiz perfurante, meio linha invisível que corta os mares, senti-me como um naufrago lançado ao mar. Algumas lembranças, algumas armas, mas nenhum caminho, nenhuma certeza do ponto final. As memórias já vão sendo desfeitas, refeitas. Tantas outras coisas vão sendo sobrepostas, justapostas.

Sem linhagem genética - porque ela já não interessa mais - começa uma pesquisa. Começa pelo meio. Começa no mar. Começa na ilha.

Aqui, na Ilha do Desterro, desterrítório, desterritorializante, chamada Florianópolis, encontrei o Gecem<sup>2</sup> e os seres de Walmor

---

<sup>2</sup> Grupo de Estudos Contemporâneos em Educação Matemática (MEN/UFSC). Grupo multidisciplinar que envolve professores, estudantes e pesquisadores das áreas da Educação, Ciências Exatas, Pedagogia, História e Artes. Fonte: [gecem.ufsc.br](http://gecem.ufsc.br).

Corrêa. Todos eles habitantes improváveis de um território certo, mas que arrombam os espaços, constituindo-se como forças nesta pesquisa. O Gecem, um grupo de pesquisa que se arrisca em mar aberto e por uma aventura nômade.

Tampouco sabia ao certo. Tudo ainda era infinitude, desconforto, fantasia. Tantas artes, ciências, matemáticas, educações...

...fios, linhas, lampejos

Multiplicidades de áreas, temáticas, situações, pessoas.

Uma *performance* em forma de grupo.

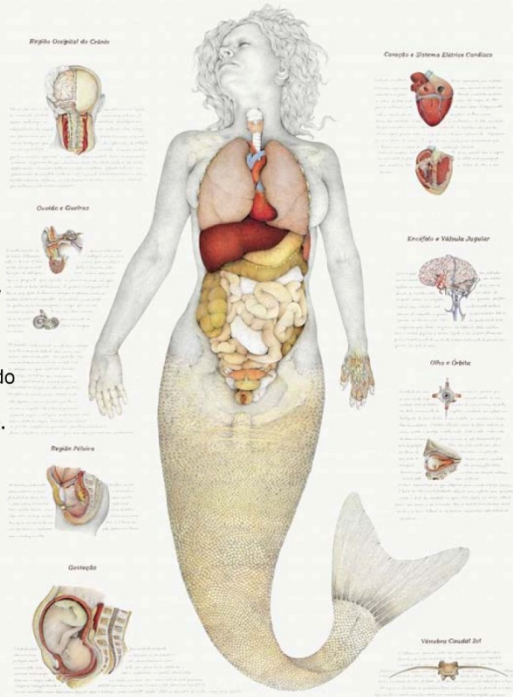
Um desacontecimento em forma de grupo. Multiplicidade, n-1.

Por aí resolvi aventurar-me, lançar-me ao mar sem boias nem escafandros. Perder o ar dos pulmões. Já não era eu. Já estava sendo. Sendo outra. Sendo tantas.

Tive também um encontro com uma sereia aqui por essas terras rodeadas de água. Encontro forte e arrebatador.

ONDINA

A sereia era  
inquieta.  
Cabelos  
esvoaçantes,  
cauda ágil.  
Movia-se rápido  
e lentamente.  
Velocidades  
infinitas.



Walmor Corrêa. Ondina, 2005. Acrílica e grafite sobre tela. Fonte: [www.walmorcorrea.com.br](http://www.walmorcorrea.com.br)

Aproximo-me com certo ar de exploradora. Ela, no entanto, não se deixa tocar, não se deixa aprender. Soube que alguém tinha conseguido desvendar seus mistérios. Um artista. Também soube, tempos depois, que a sereia era mutante. Cambiava formas. Não era organismo. Logo vi, ao deparar-me com a imagem feita pelo artista. Corpo aberto, órgãos expostos. Quase como que se pudessem ser trocados por outros. Ondina, como era chamada por onde passava, era sempre diferente. Mudava ela, mudavam as pessoas. Devir-sereia.

Nesse ponto, interessava-me saber como o artista havia feito a representação da sereia sem ao menos tê-la capturado. Sem ao menos ter dissecado seu corpo, já que a sereia não se deixava tocar.

Doce ilusão. A captura havia sido feita, a dissecação também. A captura do impossível. Fui me dando conta de que, assim como a sereia, os seres da ilha também eram cambiantes. Mudavam a cada instante. Adaptavam-se a lugares, mares, desertos, florestas. Toda uma fauna. Toda uma flora. O artista, então, faz uma representação dos seres. Uma representação do imaginável, do irreal, de um mundo fantástico. Como representar aquilo que não existe?

Mas quem disse que tudo é irreabilidade, sonho, fantasia? Inúmeras pessoas, moradores e viajantes afirmam ter visto esses seres. Eu mesma vi a sereia. O próprio artista recorre a médicos, biólogos e cientistas para construir suas catalogações e definições desses seres. Legitimação científica ou necessidade de uma legitimação da opinião?

Tudo aquilo me parecia como as ilustrações dos livros de representação científica de história natural. Artista viajante em busca do novo. Catalogação e classificação de espécies desconhecidas. Mas havia um outro tom, um disparate nessas representações. Surgiam novos seres, misturavam-se, desfaziam-se. Território, desterritorialização, reterritorialização. Um extraordinário. Mundo surpreendente. Mundo novo. Mundo vivo. De certa forma, havia uma comprovação artística, comprovação científica. Sem opinião, sem senso comum. “Documento visual a atestar a existência dos seres tidos como estranhos, híbridos e monstruosos [...]” (COSTA, 2015, p. 65).

Então, o artista grita: “não me proponho a explicar, apenas apresento meu olhar libertário de artista sobre uma ínfima parte da complexidade do universo e sobre as questões fundamentais para a sobrevivência, motivado pela consciência e também surpresa de ser livre. Só a arte pode transcender conceitos, revisar códigos rígidos e, por fim, só ela pode gritar: Possível! Possível! (CORRÊA *apud* COSTA, 2015, p. 76).

Seu grito é vivo, pulsante. Grita e vive. Devir-artista-sereia.

Ondina encontra-se, então, nesse limbo, onde sobrevivem as criaturas fantásticas (COSTA, 2015). O artista não para de nos transportar para a existência inexistente desse lugar. Não para de nos lembrar de sua existência. Limbo, margem, borda, multiplicidade. Arte e ciência e...

Sensações que provocam, desbotam, importunam. Pensamentos ora desérticos, ora povoados. Povoamentos nômades, dançantes, cambaleantes. Saberes provisórios, transitórios, suscetíveis.

Interrogação pulsante... “contrária às estruturas fixas do conhecimento armazenado, mas em sentido oposto, como recursos de uma organização ativa do conhecimento no presente, em novas relações de temporalidades, ao dar forma ao conhecido do passado, associado ao presente ativo e ao futuro. Os objetos de estudos dos cientistas são revividos na obra do artista, porém afastam-se de sua narração inicial. Trazem agora princípios sobre as ilusões da verdade a respeito da natureza, a um modo anacrônico e contínuo” (ZIELINSKY, 2015, p. 106).

Tempo anacrônico. Como se os seres invencionados pelo artista fizessem a ilha viver presente, passado e futuro em um mesmo instante. Saltos de um tempo a outro. Tempo que não cessa, que não se mede, que simplesmente atravessa.

Condições desertas para o conhecimento. Espaços, movimentos, diferenças. Obsessão pela arte, pela ciência, pela vida. Puro desejo.

Imagens, livros catálogos. O que o artista produz é vida. Tessitura em aberto, costura sem acabamento, feltro emaranhado, enredamento (DELEUZE e GUATTARI, 2012 p. 193), prolongamento, frase sem ponto final (...)

O artista não tem pretensão de representar nada, apenas fluxos desejantes e inventivos. Um flerte com arte e ciência e... Apropria-se da ciência e articula seus elementos com artifícios artísticos. Desloca a ciência de um lugar definido e determinado social e historicamente.

Não há, com ele, a ideia de construir novos padrões, seja para a arte, seja para a ciência. O que há são territórios mesclados, dissipados, chacoalhados. Com suas criações, renegocia-se a própria ideia de arte e a própria ideia de ciência.

Há criação! E, neste caso, criar é resistir. Resistência pura. Resistência como forma de aprender. Resistência molecular. Criação molecular. Uma multiplicidade que faz resistir. Resiste-se a tudo: opinião, senso comum, besteiras (DELEUZE e PARNET, 1995).

E sua produção “não resiste unicamente pelo fato de assegurar sua distância. Resiste porque seu próprio enclausuramento se declara



insuportável, porque ela é o lugar de uma contradição inultrapassável” (RANCIÈRE, 2004, p. 136).

Então, como explicar a presença de Ondina nesta ilha? Como explicar esse conhecimento não natural rasurado e que interfere nos efeitos de verdade dos discursos da ciência? Talvez não haja explicação porque os contos, as histórias e os causos que aqui habitam não cabem nos enunciados verdadeiros. O corpo cheio de órgãos, hormonal e glandular não se presta às histórias ficcionais (GONÇALVES, 2012). Ondina, sereia inquieta, permanece viva, movimentando e estremecendo os lugares por onde passa.

*Já eu fui seduzida por seus encantos.*

*Decidi viver aqui nesta ilha cheia de mistérios e fantasias.*

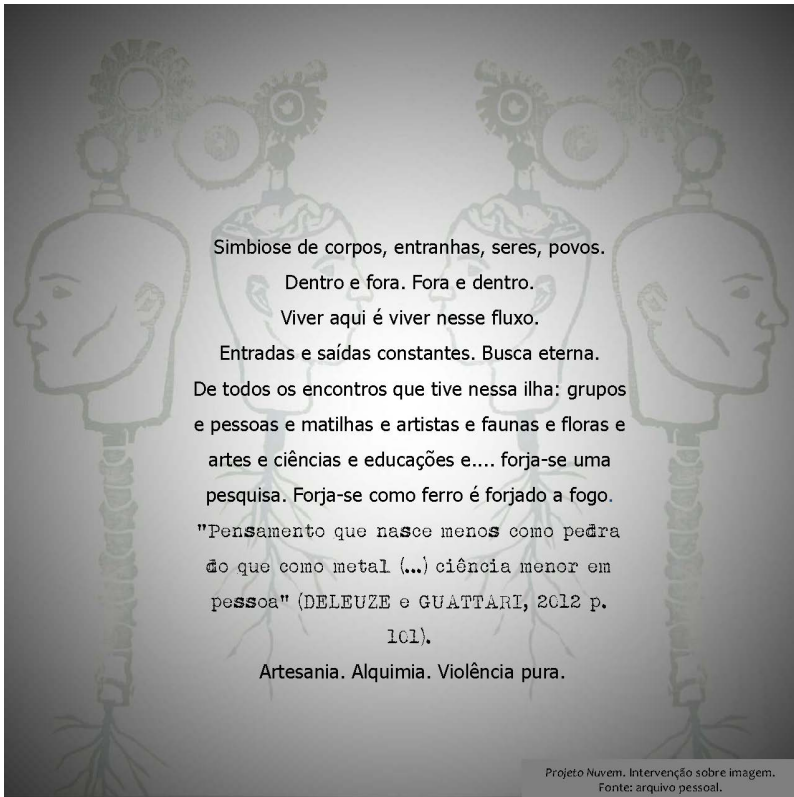
*Disso me sobram os encontros, as passagens, os becos, as vielas, as trilhas.*

*Ondinas, faunas e floras, Gecem.*

*Tudo tão diferente. Tão desterritorializador.*

*Matilhas de bichos, corpos andantes, linhas sinuosas.*

*A composição da ilha é desafiadora. Uma composição que não cabe em si mesma, que extravasa, que cospe fora, que coloca pra dentro.*



Simbiose de corpos, entranhas, seres, povos.

Dentro e fora. Fora e dentro.

Viver aqui é viver nesse fluxo.

Entradas e saídas constantes. Busca eterna.

De todos os encontros que tive nessa ilha: grupos e pessoas e matilhas e artistas e faunas e floras e artes e ciências e educações e.... forja-se uma pesquisa. Forja-se como ferro é forjado a fogo.

"Pensamento que nasce menos como pedra do que como metal (...) ciência menor em pessoa" (DELEUZE e GUATTARI, 2012 p.

101).

Artesania. Alquimia. Violência pura.

De início, no entanto, o que acontecia era uma pesquisa-organismo. Pesquisa que discutia os padrões acadêmicos de se fazer pesquisa, que discutia os modos de fazer formação, mas seguia por eles. Pesquisa científica maior. Pesquisa majoritária que se fazia dentro de uma concepção estável das coisas. Vontade de mudar, mas necessidade de fazer com que tudo permaneça. Havia tanto esforço para mudar, mas se continuava no mesmo. Identidade! Necessidade de conservação. Reconhecimento do mesmo.

A ilha estava povoada, cheia. A pesquisa também. Por um instante, quis sair.

- Quem sabe uma viagem? Pergunto-me.

- Traçarei uma rota com destino certo. Ao chegar nesse lugar, nessa nova ilha que ainda desconheço, poderei levar arte e ciência a uma formação de professores. Povoá-la com tudo o que já se sabe.

- Levarei Ondina e todos os seres do artista. Tudo tão certo. Tão definível.

Para isso, tudo foi organizado.

Tracejados certos.

Rota definida.

Viagem preparada.

Então, vamos lá!

Barco pronto.

Tudo devidamente arranjado.

·  
·  
·

No entanto:

Espera...

Passos no corredor do cais...

Silêncio...

Ninguém sobe ao barco...

Mais espera...

- Será que ninguém aceitou o convite?

Mais espera...

Mais espera...

Toc, toc, toc...

Silêncio rompido.

Alguém entrava.  
Nervosismo.

Tensão.

Muita tensão...

·  
·  
·

O que eu queria mesmo era que tudo acontecesse como havia planejado. Uma rota certa, cheia de perguntas... O que é isso? O que é aquilo? O que é aquele outro?

Queria que cada um tomasse seu assento no barco e tudo ocorresse sem interferências. Queria mesmo que tudo desse certo. Queria mesmo um caminho sem desvios. Mais fácil, melhor identificar as coisas que já se conhecem do que enfrentar a possibilidade da diferença. Melhor viver em segurança.

Uma pesquisa que queria sair do território, mas teimava em se territorializar. Falava de arte, ciência e formação docente. Falava de e não com. Não falava no entre. Apenas do que se sabe. Separava tudo e depois tentava aproximar. Ideia vaga, ilusão passageira.

Pergunta? Resposta.

Pergunta? Resposta.

Apenas um querer o que já se sabe.

Pesquisa organismo.

No irromper do silêncio, algo já acontece. Nada planejado.  
Nada previsto.

Pergunta sem resposta.

Atraso.

Hora que passa.

Professores que não chegam.  
Um vazio absoluto. Uma pesquisa sem nada.

Um desespero anunciado.

No toc, toc, toc do silêncio rompido, as coisas começam. Mas começam de uma forma desajustada. De um jeito que não esperava.

- Um desajuste passageiro, quem sabe?

O silêncio vai sendo rasgado cada vez mais. Oito vezes para ser mais exata. Mesmo assim, esperava mais. Queria mais porque os organismos sempre querem mais. Mais gente, mais números, mais massa...



Contabilizava os números, ao mesmo tempo que olhava os papéis empilhados e os materiais cuidadosamente arrumados na mesa central...

Imagens do 1º dia de formação. Fonte: arquivo pessoal.

Tudo isso pra quê? Pra quem?

Desânimo. Frustração. Vontade de desistir e abandonar tudo.

Como se faz uma pesquisa assim?

- Bom, vamos começar! Nessas coisas de pesquisa e viagem, sempre há a necessidade de um começo.

Primeiro naufrágio:  $33-25=8$ . Matemática certa.

Segundo naufrágio: 8 diferenças.

Terceiro naufrágio: a pesquisa território, organismo, pura perfeição começa a desabar.

Quarto naufrágio: tentei tomar as rédeas. Organizar tudo novamente. Mas perdi tudo. Completamente... Irremediavelmente.

Não me resta mais nada a não ser aceitar e seguir seu fluxo. Parar de tentar transformá-la naquilo que não é e deixar acontecer aquilo que ela deseja ser. Desejo coletivo.

Parece-me que ela desejava um pouco de ar. Menos sufocamento. Talvez um pouco daquilo que eu mesma desejava quando, em um solavanco, vim parar nesta ilha. Talvez esta pesquisa nunca tenha desejado ser território, e sim, ilha-deserta. Pesquisa-ilha-deserta.

Finalmente saímos do porto. Sequer sabíamos que, mais tarde, outras pessoas também iriam adentrar o barco. Chegando dos cantos mais imprevistos, mais nove professores resolvem seguir viagem.

Um inesperado.  $8+9=17$ .

Número ímpar.

Agrada-me.

De alguma maneira, sempre gostei mais das coisas *desajustadas*.

Com a saída do porto, muitas coisas começam a acontecer. Tarefas, atividades, apresentações.

Essa navegação queria saber sobre arte, ciência e formação docente, ao mesmo tempo que queria ser boa e diferente, mas falava de tudo isso, fortalecendo cada vez mais sua separação. No fim, o que fazia mesmo era uma estratificação dos planos. Queria aproximar arte e ciência, mas o que fazia era potencializar ainda mais um discurso do

senso comum. Queria falar de uma formação de professores que fosse máquina de guerra, mas não fazia mais do que deixar com que a própria máquina fosse capturada, aprisionada.

Terra à vista. Terra que já se sabe.

Mesmo que alguns indícios de naufrágio tivessem ocorrido antes mesmo da partida do barco, a viagem deveria acontecer de forma certa. Então, soltamos as correntes e jogamos a âncora ao mar. Finalmente e vagorosamente saímos do porto.

Embora o afastamento da terra já nos parecesse evidente, ela ainda estava onde a vista podia alcançar. Não conseguíamos nos perder e deixar que o barco saísse em sua navegação. A luneta, os mapas de território, os pontos de partida e de chegada... Tudo era tão presente. Presença exata que garantiria a continuidade de nossa relação com o território. Por um bom tempo seguimos a viagem assim, alimentando-nos das certezas. A viagem mais parecia uma partida sem partida. Uma partida chegada.



### III. ARQUIPÉLAGOS



Laura Gorski. Arquipélago de Instantes, 2017. Aquarela sobre papel. Fonte: [lauragorski.com/Arquipelago-de-instantes](http://lauragorski.com/Arquipelago-de-instantes).

## Vizinhanças

Para a viagem toda uma dinâmica havia sido preparada. Mil perguntas para mil respostas.

Enquanto tentávamos avançar um pouco mais pelo mar, papéis coloridos pendurados pelos corredores do barco balançavam ao sopro dos ventos. Decalcada neles, a questão:

- O que é arte para vocês?

Pergunta seca, direta. Com objetivo final. O quê? O quê?... Definições, identidades, certezas. Como se fosse assim, tão simples definir e determinar o que é arte. Mas é justamente essa suposta indefinição que acaba, muitas vezes, por colocá-la em um aspecto quase transcendental. Por que insistimos em perguntas que nem nós mesmos sabemos as respostas? Por que mostrar essa soberba e hipocrisia?

O fato é que, de uma maneira ou de outra, sempre acabamos por dizer “arte é isto”, “arte é aquilo”, ou ainda, “não é isto nem aquilo”, usando termos de uma exclusão muitas vezes simplista ou generalista. Há sempre um anseio em definir, em dizer o que é, para que serve, de onde vem.

Mas para a pergunta, alguns professores tripulantes parecem já ter uma resposta:

- A arte também é um lugar que pode sistematizar e aprisionar verdades.

Que concepção é esta que se tem da arte? Um lugar da arte onde só o que se espera é a representação. Senso comum. Janela da vida. Realidade nua e crua. E este mesmo senso comum é que alarma e dá vezes de legitimidade para a arte dentro de uma perspectiva histórica e ocidental (BRAIDA, s/d). De um jeito ou de outro, ela sempre parece querer dizer alguma coisa.

A arte também aprisiona verdades, como disseram alguns professores. Talvez, muito mais do que a própria arte, seja o pensamento que se tem sobre ela. É justamente porque pensamos sobre ela, e não com ela, que há esse aprisionamento de verdades. Há toda uma história filosófica do pensamento ocidental sobre arte, pois “não foi o artista quem fez a arte, mas a noção de arte que fez do artesão um artista [...]” (DEBRAY, 1994, p. 149).

Temos, então, uma arte que cobra seu próprio *status* de conhecimento e verdade. Uma arte única e em essência (DEBRAY, 1994). Não há mais uma luta apenas pelo sensível, e sim, por tornar-se também produtora de conhecimentos. E, neste caso, a arte ocupa um lugar central nos mecanismos de produção do real e do verdadeiro,

estando alojada no interior da forma-Estado (DELEUZE e GUATTARI, 2010). Ou seja, a arte também está calcada em mecanismos de conhecimento e saber. Arte só é arte quando dá conta de mostrar, a partir de sua sensibilidade, um recorte real e verdadeiro do mundo. Daí muitas das análises deterministas sobre a arte. Arte é isso, arte é aquilo...

No entanto, ao contrário disso, “com as vanguardas e movimentos de ruptura, praticamente abandonou-se a ideia de abordar a obra de arte a partir das noções de ser e de verdade” (BRAIDA, s/d, p. 5). Com isso, há um afastamento da representação e desses ideais da arte como busca da verdade.

Assim, a arte, que até então desempenhava um papel de suma importância na questão da representação (DANTO, 2006), vai tomando outra dimensão, na qual essa mesma representação torna-se então uma possibilidade, e não mais uma obrigatoriedade.

Desta forma, na medida em que a arte não é apenas sensível, mas tampouco apenas representativa, outras perguntas começam a surgir. Que é arte e pensar sobre arte talvez já não tenham tanta importância. Talvez, o que nos solicite agora seja mais um pensar com arte, ou pensar por arte. E com isso, há um deslocamento sobre essas legitimações e concepções tão estruturadas da arte.

Quiçá essa expropriação dos sentidos da arte, tanto como representação quanto sensibilidade nos permita outro tipo de aproximação. Assim, logo que a conversa tem início, Fabi trata de colocar seu colete salva-vidas, dizendo que:

- A arte propõe um desestabilizar, descontinuar, questionar, expressar, hiper-realizar modelos, padrões, verdades, objetividades, numa liberdade de apenas ser. Sua lógica é subjetiva, articula contradições da experiência humana e dos conhecimentos sedimentados, trazendo para o agora da vida o sentido que afeta cada um no diálogo com ela e consigo.

Impossível sair ileso dessa fala. Ao mencionar essas questões, Fabi aproxima-se de um pensamento de tensão, onde a arte não ocupa mais um lugar definível, estático, tampouco um lugar de transcendência e que não pode ser alcançado. Afasta-se um pouco de uma identidade da arte. Com isso, no entanto, não se pode dizer que a arte não pertença também aos âmbitos da representação e da sensibilidade. O afastamento da representação se dá mais por “ela ficar presa à forma de identidades sob a dupla relação da coisa vista e do sujeito vendo” (LINS, 2012, p. 32). No caso da sensibilidade, não há um afastamento, mas talvez seja o caso de tratar muito mais das sensações que se conservam na arte (DELEUZE e GUATTARI, 2010).

Então, temos um sensível que se revela na arte, da mesma forma em que esta é experimentação. E é como experimentação que se abrem mil possibilidades para o engendramento de uma estética como acontecimento (LINS, 2012).

A arte talvez esteja realmente ligada a um fora do pensamento e não a uma verdade que se pretende desvelar. É como pensar a dissolução das categorizações da arte. É como pensá-la enquanto “ontologia do objeto criado, mas também da estética como teoria da experiência desses objetos” (LINS, 2012, p. 31).

Assim, contaminados pelos pensamentos com arte e pelos questionamentos que agora nos povoavam, a viagem seguia. Parece que conseguíamos, aos poucos, nos afastar da terra firme. Ela ficava cada vez mais como um pequeno desenho que se faz no canto de uma folha, um rabisco não identificável, quem sabe. Então, no movimento das ondas, alguém que tentava ajeitar-se no barco ainda diz:

- A arte é uma proposição de olhar o mundo, seja real ou imaginado, inventado. Brincar com as possibilidades. É livre para conexões...

As palavras soaram como um sussurro, breve, mas intenso. Talvez sim, a arte seja mais uma proposição, uma experiência, e esteja nesse lugar ou plano de composição onde as coisas fogem e escapam. Onde possa haver conexões. Onde se encontra a essência da vida e das coisas. Por isso, talvez, que a arte seja a “linguagem das sensações, que faz entrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 208). A arte foge da opinião e do senso comum. A arte parece essa coisa clandestina, política, que faz fuga, que cria vazios e sensações para além daqueles que já conhecemos.

Enquanto nossa conversa adentrava, a viagem também. Pudemos nos encantar com revoadas de pássaros e olhar peixes no fundo do mar. Peixes que eram atraídos sempre pelas ondas e pelas cores do mar, ainda que estas não fossem as suas. Da mesma forma, esta era um pouco a sensação que tínhamos da arte. A de que ela torna vivas as sensações. A de que ela “vem desse excesso no mundo, nos objetos, nos seres vivos, que faz com que eles possam ser mais do que são, que os possibilita a dar mais de si, de suas propriedades materiais e de seus usos possíveis, que extrapola o que já está posto em cada um. A arte é a consequência desse excesso de energia, dessa força, que arrisca a vida pela intensificação, pela sensação” (GROSZ, 2012, p. 117).

Olhávamos os peixes pintando o mar com suas cores. Realmente um excesso do mundo. Parecia-nos que a costa ficava cada vez mais para trás, muito embora ainda pudéssemos vê-la e sentir sua presença

tentando nos chamar ao regresso. Começamos alinhar peças para que o barco realmente pudesse seguir caminho. Pensei que poderia fazer mais perguntas para que a viagem tivesse um sentido e não fosse um convite ao vazio. Sempre há uma necessidade de preenchimento, de cheiura, de completudes.

No mesmo sentido da pergunta sobre a arte, mais uma vez lanço um questionamento, mas agora o direcionando para a ciência.

- O que é Ciência para vocês?

Momentaneamente minhas palavras ficam pairando no ar, até que alguém, de traz de uma pilha de ferramentas que escondia seu rosto, responde com uma voz mais alta para que todos pudessem ouvir:

- A ciência é uma maneira de aprofundar e sistematizar os conhecimentos...

Mal havia terminado sua resposta e outra voz ressoa, vinda não sei de onde:

- A ciência nos traz respostas para uma melhor compreensão da matéria e do mundo palpável, limitando-nos apenas àquilo que podemos ver e tocar. A ciência tenta argumentar e provar a existência dos fatos de forma muito racional e cética.

Quanta exatidão nas respostas. Quanta exatidão nas minhas perguntas.

Tive a impressão de que todos nós sabíamos mais sobre ciência do que sobre arte. Fiquei me perguntado sobre isso: o que levaria a respostas tão certas sobre ciência?

Ao mesmo tempo, resolvi tentar: o que eu penso sobre ciência?

Ao observar os peixes no mar, pensei sobre como um cientista talvez os observasse? Talvez com o espírito de observação experimental para entender o mundo e trazer à tona suas verdades através da razão. Neste caso, o conhecimento do mundo “quer dizer uma relação entre sujeito e objeto. O verdadeiro problema do conhecimento, portanto, coincide com a questão da relação entre sujeito e objeto” (HESSEN, 2012, p. 69).

Pois ora, se o verdadeiro problema do conhecimento se dá nessa relação, temos alguém ou algo que conhece o que é desconhecido. Então, o problema do conhecimento no pensamento científico se dá nessa relação entre sujeito e objeto, evidenciando, com isso, como os modelos e as teorias científicas estão em um âmbito de descrição e explicação fundamentais para o conhecimento do mundo, ou seja, a ciência como verdade.

Em meio aos meus devaneios, ouço outra voz. Era Phá dizendo que estava pensando nisso tudo, mas no âmbito de uma aula:

- Numa aula de ciências, por exemplo, o que é um anfíbio? É isso e ponto! Não tem nenhuma saída, não tem nenhum pouquinho de liberdade.

Parece que a sua fala complementa ainda mais toda essa certeza. Tínhamos muitas respostas sobre ciência. De cientistas todos nós temos um pouco... Mas o que aconteceu? Como foi que paramos aí, nesse automatismo todo?

Todas essas respostas representavam uma opinião imediata acerca da ciência, mas em nada se aproximava de um pensamento com ciência.

Quem sabe, certa legitimidade alcançada pela ciência seja o que faça com que hoje possamos acreditar e seguir somente o que é ciência como o problema da verdade. Confiamos nela e em tudo o que ela diz. Cria-se um mapeamento científico do mundo como forma de representar o poder e a autoridade sobre algo. Isso acaba se tornando um código da própria verdade. Nosso código.

Mas para isso foi necessário que a sociedade abandonasse todo seu conhecimento prévio e suas outras relações com o mundo. No entanto, esse não parece ser um problema da própria ciência, mas sim, de uma racionalidade científica que se pauta na hegemonia de seus conhecimentos como produtores de verdades absolutas.

Essas concepções foram sendo construídas nas relações sociais, nas quais a ciência, e somente ela, soluciona os problemas da humanidade. Com isso, cria-se uma hegemonia em torno dela, daquilo que diz e produz. “Para a racionalidade moderna, a partir do século XVIII, só há uma grande certeza, um dogma: o da ciência como caminho único para a obtenção da verdade. Portanto, para o processo de sua produção” (SANTOS, 1989, p. 155).

Parece, então, que o que nos é assegurado não é a própria verdade, mas um modelo de verdade, aquilo que é tido como verdade histórica e socialmente construída. Há uma hegemonia das verdades totalizantes. E quem as cria somos nós que participamos e materializamos em nossas práticas sociais e culturais os sentidos dessas verdades. Assim, “o conjunto de normas e valores não paira autonomamente sobre os homens, mas se materializa em suas práticas sociais, em seus processos de identificação, em seus arranjos grupais, reforçando e/ou instituindo elos de sociabilidade entre eles [...]. Ou seja, toda sociedade conta com um sistema de representações cujos sentidos traduzem um sistema de crenças que, em última instância, legitima a ordem social vigente. Trata-se de uma complexa rede de sentidos que

circula, cria e recria, instituindo/instituindo-se na luta pela hegemonia” (FERREIRA e EIZIRIK 1994, p. 6).

A impressão que se tem é a de que algo só é reconhecido como conhecimento verdadeiro quando está fixado em bases sólidas e seguras da ciência. É como se o cientista fosse um articulador e um solucionador de problemas da humanidade. No entanto, não pude deixar de me perguntar, em meio a tantas falas e discussões: o que mais há na ciência, além do senso comum? Seria possível outra forma de ver essa imagem que grande parcela da sociedade tem sobre ciência? A fala de Phá volta a pairar em nossos pensamentos:

- Não tem nenhuma saída, não tem nenhum pouquinho de liberdade.

Será que a ciência só pode assegurar-se nisso? Na falta de liberdade e nas verdades indubitáveis? Talvez não seja a própria ciência que se assegure aí. Talvez a própria sociedade seja quem assegura isso para que a ciência possa consolidar todo um processo de legitimação.

- Mas ciência também é criação! A ciência cria também! Esbraveja Lo, enquanto puxava uma das cordas mudando repentinamente a direção das velas do barco.

Este seu posicionamento faz com pensemos um pouco mais sobre o que havíamos dito e pensado sobre ciência. Sua fala aponta para outro caminho da ciência enquanto invenção de mundo, muito mais do que o simples reconhecimento ou desvelamento dele.

Com isso, parece que temos outra forma de encarar as coisas. A ciência aí parece estar mais ligada a uma maneira de relacionar-se com todos aqueles que participam do processo de fazer a própria ciência. (LATOURE, 2011). Neste caso, a questão da verdade na ciência passa a ser aproximada e não absoluta, pois não há mais “um único público, um único universo, nem uma única ciência que permita unificar tudo de uma vez e para sempre” (LATOURE, 2016, p.193).

Talvez, as concepções de ciência como verdade estejam ligadas a uma ciência régia (DELEUZE E GUATTARI, 2010), onde o que existe é uma única e verdadeira categoria de ciência. Mas, quando a fala de Lo estremece nossos pensamentos, outras questões sobre ciência nos atravessam.

A pergunta com que pretendia dar o tom dessa discussão: O que é ciência para você? Talvez já não tenha mais tanto sentido. E se há, serve também para delimitar e categorizar, em uma única alternativa, aquilo que é ciência. Para identificar, sistematizar e localizar o que é ciência ou não. Ao final das contas, essa pergunta não deixa de soar de forma “arrogante e enganosa [...] pois implica que várias áreas do

conhecimento [...] se encaixam ou não nessa categoria” (CHALMERS, 1993, p. 210).

Então, não seria o caso de pensar com Lo quando ela diz que a ciência também é ou pode ser criação? Invenção? E quem sabe, descontrole? Linha de fuga? Mas como “se entregar ao descontrole numa ciência que quer organizar o mundo?” (SPEGLICH, 2012, p. 105).

Quem sabe uma saída seja afirmar aquilo que nela há de diferente. Quem sabe uma saída não seja mais a afirmação de uma ciência totalizante e tampouco de uma ciência régia, que quer “subtrair todas as operações das condições da intuição para convertê-las em verdadeiros conceitos intrínsecos a categorias” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 44). Quem sabe uma saída seja pensar em uma condição desterritorializante da ciência e que escape aos territórios. Quem sabe uma saída seja trabalhar com uma ciência menor e que se furte de todos esses discursos totalizantes sobre ela mesma. Quem sabe uma saída seja repensar a própria pergunta “o que é ciência?”

Talvez seja o caso de pensar a partir daí para que possamos nos afastar mais da costa e da terra firme e deixar com que o mar-espaço vazio nos alcance em toda a sua força...





Angélica D'Ávila Taschetto. Fotografia sobre produção feita pelo grupo de professores no 4º dia de formação. Fonte: arquivo pessoal.

A terra foi ficando cada vez mais distante.

Tudo o que sabíamos dela foi se desfazendo como a névoa em que penetrávamos.

Tudo o que dela ainda restava era um sussurro distante, muito embora ainda não a ignorássemos por completo.

Pensar com arte e com ciência. Esta seria nossa potência inventiva, nossa linha de fuga.

Já não queríamos mais saber sobre o que eram e quando se aproximaram. Tampouco descartávamos suas histórias, mas construíamos outra geografia.

Interessava-nos pensar e trabalhar a partir disso que já existe no entre arte e ciência.

Como uma dissipação de fronteiras. Rasura no mapa.

Acreditei que poderíamos seguir nossas conversas alinhadas a um fazer, já que a viagem parecia ser longa e o destino cada vez mais incerto.



Ainda nos mesmos fios que sacudiam ao vento, pequenos monóculos guardavam um certo mistério.

Procuram aqui e all, olham acolá. Aproximam os monóculos do rosto como se fossem pequenas lunetas capazes de revelar um horizonte desconhecido.

Imagem do 1º dia de formação. Fonte: arquivo pessoal.

- De quem são estas imagens?

Perguntam.

- Posso responder depois?

Digo prontamente, ao mesmo tempo em que peço para que cada um escolha um monóculo com imagem e uma pergunta.

Imagem do 1º dia de formação. Fonte: arquivo pessoal.



Escolha feita, retiramo-nos do convés onde o vento forte nos castigava e entramos em um dos compartimentos do barco. Mais uma vez, arrisco uma pergunta:

- O que vocês acham que são essas imagens? São imagens de arte ou ciência? Mais uma vez, a vontade de categorizar e definir.

Diante da pergunta, algumas respostas:

- São de ambas. Porque dá ideia de catálogo. Algumas pelas formas de apresentação. Diz Wa.

Ainda querendo mais respostas, insisto:

- Mas as imagens são de algum artista ou de um livro científico?

- Eu não sei se isso é arte ou ciência. Mas depende do objetivo. Se for com o objetivo de ser arte, daí é arte, senão, é ciência. Responde Lo prontamente, enquanto eu já preparava a próxima pergunta.

- Todas as imagens são arte?

- Acho que está misturado. Diz Lo.

Nesse mesmo instante, Bru já complementa:

- Achei que era de um artista. Que eu me lembre, ele faz uns seres e umas frutas fantasiosas, mas eu acho que vi caju ali? Então... Ué? Caju é caju. Caju é científico. Pode ser dos artistas viajantes.

- É! Esse tipo de desenho era muito comum, quando vinham representar a fauna, a flora do lugar. Descobrir cientificamente a natureza. (Lo)

Descobrir cientificamente a natureza! Enquanto Lo fala suas palavras, parece que um vento forte sopra e a corrente do mar nos arrasta novamente para as proximidades da terra firme. Aquilo que se fazia como um grão de areia agora poderia ser visto novamente como uma rocha dura e pesada.

Tomamos um susto! Corremos para o convés e vimos que a distância do ponto de partida só diminuía. Reorganizamos um pouco o barco. Modificamos um pouco seu leme e suas velas para que a viagem continuasse. Não estava fácil a soltura do porto. Ele parecia nos capturar a cada nova tentativa de partida. Mas não desistimos. Mesmo sem saber exatamente o que éramos, como toda essa viagem aconteceria e em que ilha iríamos aportar, resolvemos seguir.

Enquanto traçávamos novos planos de viagem e organizávamos o barco, uma voz muito próxima salienta:

- A ciência se dá como conhecimento base para propor arte.

Sim, em vários momentos parecia que estávamos em um barco que viaja para descobrir novas terras, novos lugares, novos seres, novos povos, para, ao final de tudo, desvelar suas descobertas ao mundo. Ciência como base de tudo.

Parecia que estávamos realmente alçados no objetivo de “descobrir.” Descobrir uma natureza incerta, ainda bruta e em estado selvagem. De um ponto a outro. De um lugar a outro. Cruzar oceanos, depois florestas, matas, campos. Descobrir, catalogar, representar da forma mais fiel possível uma natureza ainda desconhecida. Fazer conhecer. Dominar, domar, controlar. Esse é o lema. Desde muito antes arte e ciência andam por aí juntas, nesse processo de catalogação do mundo. Parecia mesmo que, em vários momentos, nossa viagem era uma viagem de catalogação. Aqui arte e ciência andariam juntas para cobrir o mundo de verdades.

Parece haver uma necessidade de a arte tornar-se científica, ou então, ter a mesma validação da ciência por valer-se de experimentações e do livre exame da natureza para suas produções. Na mesma proporção em que a ciência, a arte é atravessada por concepções sobre a existência de uma única e verdadeira arte (DEBRAY, 1994). É como se houvesse um único conceito para a arte e um único conceito para a ciência.

Essas concepções sobre arte e sobre ciência são tão fortes e arraigadas, que parece uma tarefa árdua nos distanciarmos delas.

Enquanto a corrente do vento nos trazia cada vez mais próximos da firmeza e da segurança da terra, Lo ainda diz:

- Ah, mas aí tem uma coisa, mas se não te desloca do lugar, não é arte, é só ciência. É só representativo.

Sua afirmação é pontual, certa. Arte tem que deslocar e fazer sair do lugar comum. Ciência é só representatividade de um mundo dado.

Mas, quando a arte também é representação? Neste caso, a arte e a ciência podem ser vistas como uma expressão complexa da cultura e da sociedade, com estilos, identidades cognitivas e propriedades epistemológicas próprias. E que acabam por integrar-se à representação mimética através da verdade ou da verossimilhança naturalista, do rigor analítico, da especulação intelectual e de todos aqueles paradigmas científicos já elaborados (VEIGA-NETO, 1996).

Essas concepções, assim como a que Lo traz, representam as verdades às quais estamos submetidos, na medida em que buscam profundas aproximações com o real e com a essência das coisas e dos objetos.

Embora, em sua maioria, as relações entre arte e ciência tenham sido marcadas, muitas vezes, por dissonâncias, como no caso das vanguardas artísticas modernistas, em que a representação mimética era menos importante, suas relações sempre se mantiveram, ora por aproximações, ora por afastamentos.

No entanto, talvez a questão que nos movimente aqui não seja a de negar a existência dessas relações e as suas importâncias para o mundo e para a sociedade. Mas sim, o fato seja de entender como cada uma, à sua maneira, integrou seus próprios campos de produção de saberes.

Como no caso dos artistas  
viajantes, mencionados por  
Lo, talvez o que se torne  
interessante para essa viagem  
seja o fato de pensar, não  
mais se eram artistas ou  
cientistas, e tampouco a  
separação entre o  
conhecimento que produziam  
como verdade totalizante,  
mas sim, que tudo isso se  
constituía junto: arte e ciência  
e... no pensamento e na  
criação de algo novo.



**Cajá (Cajupeto)**  
**Origem:** Brasil (Região Nordeste) Rio de Janeiro.  
 A árvore pode atingir até 10 m de altura com uma copa proporcional ao seu tamanho e que chega até o chão. As folhas são rosa quando jovens até que finalmente ficam verdes. As flores pegam um aroma característico, são muito perfumadas. O fruto é pepino, cercado por uma haste carnosa e succulenta.  
**Como plantar:** Preparar covas de 20 cm de diâmetro por 1 m de profundidade. Depositar para cada cova uma única semente, não preencher o buraco com terra, o vento faz a germinação desta semente e o crescimento é rápido.  
 Nº de sementes por grama: 2 a 3  
 Germinação: 2 a 3 meses

**Cajá**  
**Origem:** Brasil (Coastal Area) Rio de Janeiro  
 The tree may reach up to 10 m in height with a rounded crown proportional to its size, which reaches the ground. Leaves are pink when young, eventually turning green. Its small pinkish-white flowers are very perfumed. The fruit is small, carried by a fleshy, succulent stalk.  
**Cultivation:** Dig holes 20 cm diameter and 1 meter depth. Lay only one seed in each hole. Do not fill up the hole with dirt. The wind does the germination on this leaflet and performed plant.  
 Number of seeds by gram: 2 to 3  
 Germination: Within 2 to 3 months



Mas Lo, segurando seu monóculo com uma das mãos, e erguendo-o bem alto e ainda desejante de um pouco mais dessa discussão, se pronuncia:

- Mas quando a gente vê isso, em que lugar a gente vai ficar? Vai ficar na arte ou na ciência?

Talvez não se trate de ficar em uma ou outra. Tampouco de pensar em uma relação interdisciplinar entre cada uma dessas áreas. Talvez pensar com arte e ciência seja equivalente ao ato de investigar a produção de algo como criação. Agenciamento entre arte e ciência.

No mesmo instante da fala de Lo, mais um sopro forte. O vento estava desalinhado, desajustado. Fazia o barco mover-se de um lado a outro. Olhamos novamente para fora. A noite chegava, e o que víamos agora não passava de alguns pontos luminosos que desenhavam a costa. Estávamos nos afastando mais uma vez.

Parecia que a viagem poderia seguir. Parecia que, finalmente, nos desprendíamos do porto e de sua ancoragem. Não tínhamos certeza, mas durante todo esse tempo tivemos a impressão de que as correntes ainda estavam presas ao barco. Não sabíamos quando haviam sido soltas. Se é que realmente haviam sido. Mas a brisa gélida do mar invadia o convés. Talvez isso fosse um sinal de que realmente nossa viagem havia começado.

Sinto-me um pouco mais confortável em dizer que as imagens dos monóculos que todos tinham em mãos foram produzidas por Walmor Corrêa. Nem chego a completar a frase e Thá já coloca:

- Ah, eu conheço a obra desse artista! Na escola um aluno queria fazer um híbrido e começamos a estudar os pombos, porque na escola tem muitos pombos. Daí eu queria que eles matassem os pombos. Então, eu fui procurar uma professora de ciências, só que o processo de taxidermia era muito complicado, e não deu. Mas fizemos desenhos, já que não deu pra transformar em objetos. Eu acho que tem uma mistura da ciência com a arte. Porque tem que ter muito conhecimento da própria ciência pra fazer o que ele faz, pra modificar e fazer o personagem. Eu escolhi um pombo, porque o pombo é um rato do ar.

A fala de Thá mistura-se aos nossos pensamentos. Deixa-nos inquietos. E ao mesmo tempo que tentávamos nos distanciar das imagens formuladas sobre arte e ciência, já começávamos a traçar outra rota para nossa viagem.

Nesse tempo que já era outro tempo, e ainda pensando na fala de Thá, sugeri então que pudéssemos pensar com Walmor Corrêa, com arte e ciência para produzirmos algo. Um algo que se fez necessário



(DELEUZE e GUATARI, 2010). Um algo que se cria como pensamento. Um algo que se cria como resistência.

Então, muitos disseram sobre o desejo de rabiscar, desenhar, inventar coisas um pouco fora da realidade escolar. Quem sabe isso fosse mais um desejo de pensar outra realidade para a escola do que simplesmente ignorá-la ou rejeitá-la.

Antes de a viagem começar, vi que no barco havia alguns livros. Fui até eles em busca de algo que pudesse potencializar nossa experiência. Esses livros, já velhos e desgastados pelo tempo, traziam imagens e descrições de alguns seres. Talvez algum outro viajante os tenha deixado no barco. Achei que seria interessante, a partir deles, fazer funcionar uma prática com arte, com ciência...

Selecionei três descrições de seres diferentes. Mas, para não estragar a surpresa, não contei para ninguém e, assim, iniciamos a proposta.

Essa proposta se daria a partir da leitura das descrições para que, a partir disso, pudéssemos realizar uma produção imagética.

As descrições eram as seguintes...

*“Ele é um mamífero. É um animal semi-aquático e noturno que habita rios e cursos de água. Ele é carnívoro e alimenta-se de insetos, vermes e crustáceos de água doce. Para facilitar sua alimentação, seu bico é comprido e largo. Sua boca não possui lábios, mas é repleta de dentes afiados. Seu corpo é adaptado para a vida aquática ou terrestre e apresenta uma pelagem espessa, bem como um grande rabo. Para procriação as fêmeas chocam parcialmente os ovos no interior do corpo. As fêmeas não têm mamilos e as crias sugam o leite materno através dos poros existentes na pele da barriga. Possui ferrões em suas patas e quando acuado os utiliza causando uma dor insuportável.”*



Imagem e descrição de ornitorrinco apresentadas ao grupo de professores no 1º dia de formação.  
Fonte: [www.infoescola.com/mamiferos/ornitorrinco](http://www.infoescola.com/mamiferos/ornitorrinco)



*“Seu corpo é grande e com pelagem baixa. Seu pescoço é extremamente longo. Seu rosto é pequeno, mas possui orelhas grandes. Possui quatro patas, mas caminha perfeitamente em duas. Essa estratégia permite que alcance as folhas mais suculentas das acácias mais altas. Mesmo sendo vegetariano, não come grama. Podem passar a vida inteira sem beber um gole de água. Alguns possuem chifres fortes, curvados para trás e para cima. Vivem em lugares de vegetação rasteira e com poucas árvores.”*

imagem e descrição de Gerenuk apresentadas ao grupo de professores no 1º dia de formação.  
Fonte: [www.awf.org/wildlife-conservation/gerenuk](http://www.awf.org/wildlife-conservation/gerenuk)

De fato, descrições bastante genéricas. Mas seria interessante nos colocarmos nessa posição de produzir algo com elas.

Ajeitamo-nos como foi possível, pois o barco balançava bastante. A inconstância da rota fazia com que ele se tornasse cada vez mais instável.

Manuseando uma quantidade de materiais e coisas que achávamos pelos cantos do barco, mais os materiais que eu havia preparado, iniciamos essa produção.

Enquanto alguns lápis rolavam pelo chão, toda vez que uma onda mais forte o fazia sacolejar, desenhávamos como em um compasso de dança.

Entre um *risc-risc* na folha e outro, resolvo perguntar:

- De onde vocês acham que vêm essas descrições?

Algumas vozes ecoam:

- Talvez sejam descrições do próprio Walmor Corrêa, já que as imagens que vimos antes também eram produções dele.

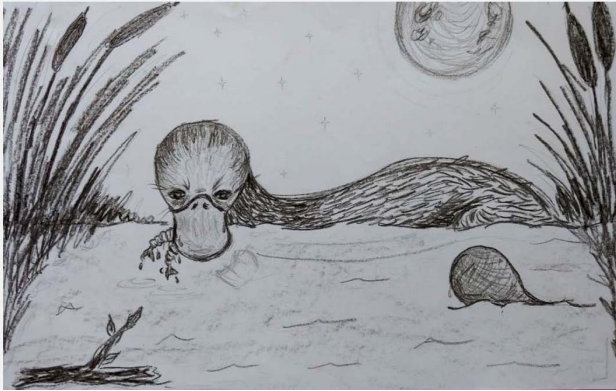
A voz de Lo se sobressai:

- Como a obra do Walmor te faz sair de dentro deste universo...

Havia uma afirmativa de que as descrições eram de Walmor Corrêa porque eram diferentes de qualquer ser que possamos encontrar em um livro de ciências ou biologia.

Além disso, como Lo afirma, o artista permite essa saída para outros mundos. Sua obra, então, parece nos evidenciar esse potencial empenhado na criação de algo novo, na criação entre arte e ciência...

...



Produções feitas pelos professores no 1º dia de formação. Fonte: arquivo pessoal.



Produções feitas pelos professores no 1º dia de formação. Fonte: arquivo pessoal.



Produções feitas pelos professores no 1º dia de formação. Fonte: arquivo pessoal.

Mas eis que a surpresa acontece!!

Enquanto íamos terminando os desenhos e compartilhando as produções uns com os outros, resolvo dizer que as descrições eram provenientes de livros de biologia, ou seja, uma das ditas categorias ou área científica.

Um certo espanto invade o espaço.

E, ao mesmo tempo, uma alegria se faz presente. Neste momento, a voz de Ju irrompe pelo ar:

- Eu realmente não estou trabalhando muito com a ideia de que arte não é ciência. Pra mim, é conhecimento também. É outra forma de conhecer. E eu fico pensando sobre a gente estar tentando descobrir se isso é algo da ciência ou se algo da arte, mas o teu olhar também pode entender sobre a tua perspectiva artística ou científica. Se teu olhar busca a arte ou busca a ciência, depende da tua perspectiva. Mas aí tá o entrecruzamento das duas.

- Eu também concordo! São linguagens e áreas de conhecimento. Diz Wa de sobressalto.

*Interessávamo-nos por essa descategorização das coisas.*

*Por esse fluxo que se irrompe entre arte e ciência e faz surgir outra coisa, assim como os seres de Walmor Corrêa.*

*Já não nos importava se o que estávamos produzindo era arte ou ciência, mas aquilo que estava nos coagindo a pensar.*

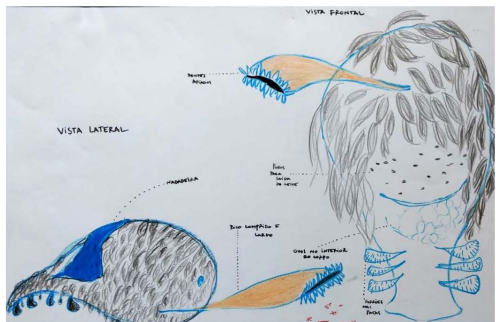
*Criação como pensamento.*

*Pensamento como resistência.*

Então, Nine, que nesse momento colava sua produção em uma das paredes do barco, ainda diz:



- Fiquei pensando nestas questões. O que diferencia a arte da ciência? Eu não consigo definir, tirando o fato de que, pra mim, cada uma delas vai ser um modo de ver, um modo de se relacionar com cada fenômeno. E que cada uma carrega uma caixa de ferramentas própria. Pra mim, é o modo de ver de cada uma das áreas.



Produções feitas pelos professores no 1º dia de formação. Fonte: arquivo pessoal.

Sua fala nos deixa momentaneamente em silêncio, ao mesmo tempo que parece nos aproximar desse entre arte e ciência. Sabíamos que não se tratava de falar das mesmas coisas ou de distanciá-las e diferenciá-las como se fossem contrárias. E tampouco, talvez, de buscar definições concretas para cada uma.

A fala de Nine veio acompanhada de um vermelho que invadia o espaço. Mais uma vez o fim do dia ia se aproximando e a luz do sol tornava-se escassa, apresentando suas diferentes nuances.

Podíamos ver partículas de água formando-se e desaparecendo cada vez que avançávamos mais para a imensidão do mar. O vermelho do sol de fim de tarde pintava o barco, o mar, o céu...

Tudo parecia pertencer ao mesmo plano, ao mesmo tempo que sabíamos que tudo era diferente.

O que restava, nesse fim de dia, eram apenas vultos, sombras e formas incompletas.

Sem rosto, sem nomes. Apenas cores, luzes, sussurros...

Passaram-se alguns dias. A viagem seguia nesse entre sopro dos ventos e das correntezas. Por vezes, momentos de calma. Em outros, movimentos fortes, água que invadia o barco. Pensamos que esta era justamente a questão da viagem em mar aberto. Ir se tornando mar, sendo sensível a ele e às suas alternâncias.

Em vários momentos esquecemos que nossa busca era pela ilha desconhecida. Parecia-nos que a viagem, por ela mesma, já nos bastava. Sem ponto de chegada.

Ainda assim, sempre que avistávamos a terra firme, não deixávamos de sentir-nos afetados por ela. Parecia que a terra, os países e os Estados sempre estavam em vias de nos capturar. Por vezes, sucumbíamos e nos deleitávamos em seus prazeres. Por vezes, resistíamos e lutávamos com todas as forças.

Nosso barco-máquina de guerra era o maior aliado. Permitia fugas rápidas e movimentava-se ao sabor dos ventos. Se nossa busca era por alguma coisa, essa coisa era a ilha desconhecida e não mais a certeza do porto.

Mesmo com alguns esquecimentos e depois de tantos dias de viagem, avistamos uma ilha ao longe. Resolvemos nos aproximar e ver se era a ilha que buscávamos. Ainda com nossos pensamentos inebriados pelas conversas, falas e produções que foram realizadas há tantos dias, desembarcamos nela.

Por alguns dias estivemos lá. Frequentando, povoando, pertencendo àquele lugar. Seus habitantes eram muitos: transeuntes,

peças de diversas raças, etnias e credos. Também fomos povoados por suas intensidades.

De alguma maneira todos conviviam nesse espaço: uma fauna e flora que conhecíamos pouco, mas que agora também nos pertencia. Vimos que cada um deixava seus rastros, mas que estes se apagavam e se refaziam constantemente.

Resolvemos experimentar outras possibilidades naquele lugar. Então, da mesma maneira que havia feito anteriormente, selecionei uma nova descrição de um personagem para que pudéssemos criá-lo, mas agora em modelagem.

Vasculhando alguns livros que encontrei na ilha, deparei-me com a seguinte descrição:

*“Este anfíbio coloca apenas dois ovos a cada vez, mas normalmente apenas um se desenvolve. Habita regiões de clima equatorial e quente. Nidifica nas raízes submersas da vitória régia. Seu corpo é robusto e sua pele é lisa. Suas pernas são articuladas para que possa se movimentar dando saltos. Possui nariz e olhos pequenos, mas tem grande maxilar e mandíbula, o que permite que se alimente tanto de insetos quanto de pequenos vermes do interior das plantas e pedras dos lugares onde vive.”*



*Assim, com uma mistura de acaso e desejo, tratamos de ser um pouco deusas e deuses que constroem a vida a partir do barro, ainda que não estivéssemos reproduzindo nada à nossa imagem e semelhança como sempre nos foi ensinado.*

*Sem paraíso para serem expulsos, nossos seres foram sendo criados, inventados e passavam a habitar o paraíso real e existente da ilha. Aos poucos fomos moldando com cores e formas aquilo que faria parte daquela fauna.*



Produções feitas pelos professores no 2º dia de formação. Fonte: arquivo pessoal.



Produções feltas pelos professores no 2º dia de formação. Fonte: arquivo pessoal.

Ao mesmo tempo que moldávamos esses seres, reconstruíamos o nosso barco para seguir viagem. Nitidamente, ele já não era mais o mesmo. Seus contornos e desenhos se refaziam a cada nova investida de um tripulante, a cada nova maneira de reinventarmos a navegação.

Ainda sem saber se aquela era ou não a ilha que buscávamos, resolvemos seguir pelo mar. Antes, no entanto, fomos pela última vez aos lugares onde havíamos colocado nossos seres modelados.

Para nossa surpresa, muitas coisas já haviam acontecido.

Muitos deles haviam se transformado em outra coisa, outros haviam caminhado e escolhido diferentes lugares para habitar, enquanto outros, simplesmente, haviam desaparecido, em parte ou inteiramente, deixando apenas um *rastro de sua existência passageira...*

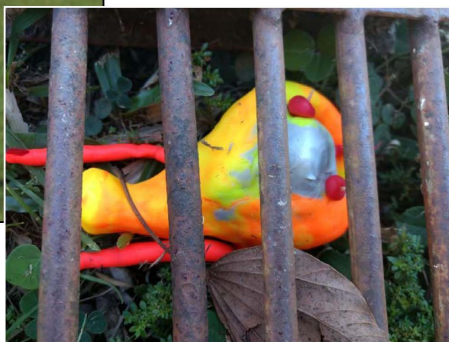


Produções feitas pelos professores no 2º dia de formação. Fonte: arquivo pessoal.





Produções feitas pelos professores no 2º dia de formação. Fonte: arquivo pessoal.





Era como se a ilha os tivesse transformado. Como se suas vidas fossem libertas de qualquer aspecto científico, artístico, ou de um Deus como centro criador. Era como se ilha e seres pudessem constituir-se “como fontes recíprocas de perturbação. Devires paralelos, relativamente independentes, que se cruzam e afetam mutuamente, formando superfícies de acoplamento, pontos onde se encontram” (HAMMINGER, 2000, p. 02).

Produções feitas pelos professores no 2º dia de formação. Fonte: arquivo pessoal.



Enfim, após esse momento de inquietude, quando mostrei para os professores-tripulantes o livro do qual havia retirado a descrição para a criação desse ser, muitas foram as surpresas ao constatarem que tal descrição era de um ser de Walmor Corrêa, já que afirmavam ser proveniente de algum livro de ciências, assim como nas descrições passadas. Prossiga na afirmativa:

- É desse ser aqui! (digo mostrando o ser de Walmor Corrêa). Mas vocês disseram que é de um livro de ciências. O próprio Walmor diz que o leitor mais desatento acredita nos seres dele. Ele mesmo fala que, para a sereia existir, precisaria de uma descrição científica da sereia, e ele fez isso. Como ele, que é um artista, fez isso e atestou cientificamente que uma sereia existe? Ele conta que leva essa imagem da sereia para a Amazônia e mostra para as pessoas. Então, muitas delas afirmam que já viram. Ele personifica os seres com suas ilustrações.

- Mas ele não cria um ser do nada. Sempre tem referências reais. Diz Lo.

- Sim, ele parte de uma verdade existente, mas ele recria, repensa, refaz essa realidade. Respondo prontamente, enquanto Pati acrescenta:

- Esse formato de livro de alguns trabalhos passa uma seriedade...

- Ele usa esse formato da ciência pra fazer uma realidade inventada. Pronuncia-se novamente Lo.

- E também, em que medida é importante a gente saber se isso ou aquilo é verdade ou não? Coloco a pergunta e Nine já acrescenta:

- E, inclusive, de não ser pensada como essa verdade hermética, mas como uma das possibilidades de pensar e ver o mundo de formas diferentes.

Thá prontamente lembra-se de uma situação:

- Eu fui mediadora numa exposição dele e era incrível o cheiro de tudo. Pareciam seres de verdade. As pessoas achavam que era verdade. A gente tinha que dizer que não era.

- O fato de ele expor também num museu de ciências já é uma ruptura. Ele expõe num lugar consagrado e delimitado para a ciência. Diz Nine quando Lo já está pronta para outra questão:

- Mas por que ele conseguiu isso? Porque o trabalho dele está mais parecido com a ciência do que com a arte.

Não satisfeita, Nine ainda diz:

- Mas justamente isso, ele está tão próximo que chega a confundir. Assim, ele é mais subversivo. Parece que ele está burlando isso.

Esse diálogo e essa relação da nossa produção com o seres de Walmor Corrêa aproximavam-nos dessa possibilidade inventiva e

criadora da arte e da ciência. Mais uma vez, distanciávamo-nos dessa separação e oposição entre as áreas, ainda que reconhecêssemos seus domínios e diferenças, interessávamo-nos por sua potência criadora de existência e de vida. Potência de resistência.

Então, tanto a obra de Walmor Corrêa quanto nossas produções que perpassam por esse entre, salvaguardam não “a capacidade da arte de ‘se fazer passar’ por verdade (aludida por meio da ciência), mas, antes, seu direito de, a partir de outro lugar de enunciação, simetricamente propor modos de pensar o mundo. Outras verdades. Não se trata de igualar, mas de garantir a legitimidade da diferença”. (DINIZ, 2015, p. 6)

No entanto, no meio da discussão, Nine ainda traz a questão:

- Eu fico pensando, por exemplo, no renascimento e na figura do Leonardo da Vinci. Nós, do campo das artes, vamos falar muito dele como artista, mas talvez ignoremos essa faceta científica dele, de descobridor. Mas o que está aí nesse entre meio que faz com que a gente só se interesse mais por uma coisa ou pela outra? Lembrei de uma outra artista que também saía pra fazer estas incursões pela mata e tal. Eu acredito que suas produções são verdade. Da mesma maneira que estamos aqui com esse olhar, estudando e problematizando a obra do Walmor Corrêa, e sabendo que isso se trata de uma invenção, e dependendo do momento em que estudássemos isso, isso também poderia entrar num caráter de verdade. Nem questionaríamos.

Ficamos pensando com Nine sobre o fato de que também não interrogamos a arte em muitos momentos. Como se ela, e somente ela, pudesse ser a detentora dos questionamentos acerca do mundo. Ou como se ela estivesse sempre buscando uma autoafirmação para ser aceita enquanto conhecimento. Assim, lanço a pergunta que me inquietava:

- Mas será que muitas vezes não questionamos porque a arte também quer ser uma forma de conhecimento, e com isso, também apresenta seu *status* de verdade?

Primeiro Lo e depois Fabi comentam:

- Talvez desmistificar esse lugar onde a gente põe a arte, porque ela está tão contaminada por isso.

- A arte traz pro lado sensível e a ciência cataloga.

As falas de Lo e de Fabi nos remetem, mais uma vez, a esses supostos lugares da arte e da ciência. Uma é sensível e a outra cataloga. Quem sabe essa contaminação à qual se refere Lo seja justamente uma saída. Uma contaminação profunda, de células, de órgãos, de corpos. Talvez uma contaminação que faça com que os próprios órgãos sejam

expulsos dos corpos, para então sermos corpo-sem-órgãos, sem definições estáticas do que é arte ou ciência.

Quem sabe essa confusão sobre a veracidade dos seres que criamos e sobre sua existência no mundo seja a mais pura potência, na qual não podemos enquadrar, regulamentar ou normatizar o pensamento criador. E isso não é afirmar que arte é ciência ou ciência é arte, apenas entender que as separações às quais estamos acostumados talvez não precisem existir conforme o pensamento vai sendo acionado e impulsionado a criar algo novo.

Com isso, quiçá, possamos suprimir as supremacias existentes de uma área sobre a outra. Quando se fala em sensibilidade, há uma supremacia da arte, e quando se fala em inteligibilidade, há uma supremacia da ciência. Assim, estamos sempre presos às estruturas que, através desse pensamento, consolidam seus poderes dominantes. As escolas, igrejas, famílias e instituições culturais ligadas ao aparelho do Estado fazem uso desses enquadramentos para eliminar toda e qualquer força que possa parecer contrária.

É muito difícil dominar, refrear, conter aquilo que não se sabe e aquilo que escapa das normas totalizantes.

- Mas talvez possamos rever, repensar uma postura que, por vezes, assumimos em relação à ciência e que comumente se manifesta para podermos defender nossa área. Diz algum dos tripulantes como se uma estivesse mesmo contra a outra. Será o verdadeiro inimigo? Pergunto-me.

Por certo, como professores de artes, muitas vezes assumimos essa postura. Rechaçamos toda e qualquer possibilidade de que a ciência também é matéria de criação. Assim como a própria ciência muitas vezes afasta a ideia de que a arte é inteligibilidade. Há sempre a supremacia de uma sobre a outra.

Neste caso, no âmbito da inteligibilidade e da essência das ideias, está a ciência que se encontra, então, como um saber superior (MACHADO, 2013).

Mas justamente o que não se quer aqui é reforçar ainda mais esse discurso. Logo, aprofundemo-nos naquilo que nos interessa. Naquilo que faz com que o curso dessa viagem persista. O que permanece como força é aquilo que não existe a olhos nus. É aquilo que se faz como energia pulsante entre arte e ciência. Aquilo que se faz como possibilidade de manejar espaços conjuntos. Que se faz como necessidade criadora. Criar para resistir (DELEUZE e PARNET, 1995).

Como se pudéssemos seguir essa viagem apropriando-nos de uma arte e de uma ciência nômades. Uma arte e uma ciência que escapam das formas-Estado e de suas capturas.

Ao depararmo-nos com a última fala de um dos tripulantes, nos demos conta de que lutamos não contra a ciência, e sim, contra toda e qualquer forma de dominação dos aparelhos de Estado que capturam tanto arte quanto ciência para a normatização do pensamento.

O aparelho de Estado precisa subordinar as forças, impedir a turbulência. Precisa impor um movimento de um ponto a outro, estriar os espaços, mensurar que o fluído dependa do sólido (DELEUZE e GUATTARI, 2012). Por isso, a dependência de outras áreas à ciência. Uma ciência régia, dominante, territorializadora. Ciência de Estado que restringe, disciplinariza e reprime as concepções sociais ou políticas (DELEUZE e GUATTARI, 2012). Mas mesmo a própria ciência foge, escapa, cria suas linhas de fuga. Ciência pirata, nômade, sem eira nem beira. Ciência que expande o movimento por turbulência em um espaço liso. Ciência da máquina de guerra.

Ainda com espanto nos olhos, subimos no barco-máquina de guerra. Deixamos na ilha aqueles seres inóspitos que havíamos criado.

Deixamos também rastros na areia que, logo, na primeira onda mais forte, desapareceriam como que de súbito. Conosco trouxemos apenas perfumes, cheiros, gostos... uma infinidade de sensações.

Já em mar aberto, pensamos no que mais teria acontecido com aqueles seres que povoaram a ilha com nossas cores? Que outros mundos e vidas teriam criado?

*A viagem seguiu-se por dias.*

*Por vezes nas tempestades e por vezes na calmaria.*

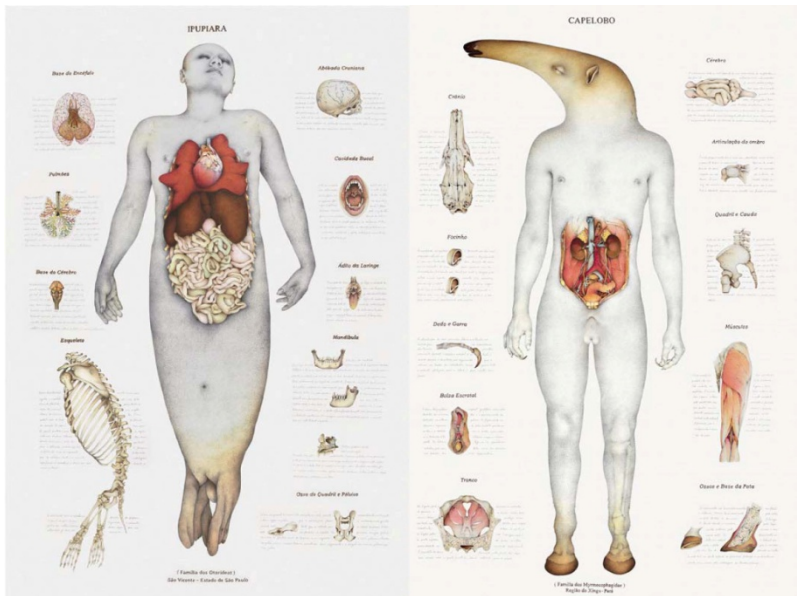
*Forças, correntezas, ventos, águas, sereias.*

*Já sabíamos do mar.*

*Mas nunca o saberíamos por completo.*

*Paramos muitas vezes em outras ilhas.*

*Rapidamente desembarcávamos e nos entregávamos aos cheiros, vozes, ritos, magias.*



Em uma dessas paradas, em uma ilha um tanto quanto selvagem, nos deparamos com seres e vidas que nela habitavam. Ondinas, Capelobos, Ipuiparas. Toda uma Natureza Perversa. Fauna e flora do estranhamento.

Walmor Corrêa. *Ipuipara e Capelobo*, 2005. Acrílica e grafite sobre tela. Fonte: [www.walmorcorrea.com.br](http://www.walmorcorrea.com.br)

Logo vimos que Walmor Corrêa e seus seres fantásticos por ali estiveram. Conhecíamos alguns deles, mas suas vidas eram aleatórias, ocasionais. Sempre se transformavam em outras coisas que não sabíamos. Como ficaríamos por mais um tempo naquela ilha, um desejo de produzir algo foi iminente. Então, como que ritualisticamente, nos dividimos em grupos e começamos a elaborar e executar instalações, objetos, vídeos e toda a sorte de produções que falassem com arte e ciência e...

...

Assim, um dos grupos elaborou um vídeo (CD anexo) no qual mesclavam imagens da arte e da ciência. Um diálogo intenso, em que uma parecia surgir da outra e vice-versa. O lugar de exposição do vídeo era em um velho galpão onde funcionavam laboratórios e salas para aulas de ciências, com paredes, portas e janelas mofadas. Chamávamos de labirinto<sup>3</sup>. Labirinto das ciências régias, das CIÊNCIAS MAIORES. Muitos transeuntes entravam ao som alto da música “O Pulso” (ANTUNES, FROMER e BELLOTTO, 1989). Tudo realmente pulsava naquele momento. Pessoas queriam saber do que se tratava, pois aquele não era mais do que um lugar de passagem ou um lugar onde se aprendia sobre ciência.

Enquanto, de um lado, a música pulsava forte, do outro, em alto e bom som, curandeiras professavam rezas e vendiam plantas medicinais. Esta era a produção de outro grupo. Os integrantes haviam coletado algumas imagens de pessoas que trabalham com a dita “medicina ou ciência alternativa”. Aquela ciência nômade, que não consta nos livros e manuais da ciência régia, da ciência de Estado. Durante as falas e profecias que se espalhavam na outra sala, o grupo também montou, na porta, uma mesa com as mais variadas possibilidades de curas e diagnósticos para muitas enfermidades, desde psicológicas até físicas. Entre cartas, tarôs, búzios, incensos, chás e receituários, as pessoas que passavam medicavam-se, provavam plantas e experimentavam outras formas de ser para a ciência e para a arte. O mesmo grupo montou, em outras salas do mesmo galpão labiríntico, placas que sinalizavam aulas não convencionais para aquele espaço, tais como: “Seminário Avançado: a cura pelas ervas”, “Introdução à Aromaterapia II”, “Introdução às Ervas Medicinais”, dentre outras. Também causou espanto para algumas pessoas que circulavam no local a possibilidade de haver disciplinas tão distantes do mundo científico acadêmico.

---

<sup>3</sup> Prédio do CFM – Centro de Ciências Físicas e Matemáticas e prédio do CCB – Centro de Ciências Biológicas/ UFSC.

Programa de Pós-Graduação em  
Educação Científica e Tecnológica

**SEMINÁRIO DISCENTE**

**06/09/2017 - 09h00min**

Fernando Brito e Givago

**"Pesquisas sobre o ensino da física moderna e contemporânea no ensino médio: caracterização dos estudos recentes publicados em periódicos nacionais"**

Lugar: Sala C-006 Auditório do PPGECT

Programa de Pós-Graduação em  
Educação Científica e Tecnológica

**SEMINÁRIO DISCENTE**

**06/09/2017 - 9h45min**

Natália Aparecida Machado Monteiro

**"Caracterização da Produção Acadêmico-Científica sobre o Programa Ensino Médio Inovador veiculadas nos Relatórios de Pesquisa de Estudantes de Pós-Graduação no Banco de Teses e Dissertações da CAPES"**

Lugar: Sala C-006 Auditório do PPGECT

Programa de Pós-Graduação em  
Educação Científica e Tecnológica

**SEMINÁRIO DISCENTE**

**06/09/2017 - 10h30min**

Guilherme Malinari

**"O Programa Saúde na Escola: um olhar sob as perspectivas da Educação em Saúde"**

Lugar: Sala C-006 Auditório do PPGECT

Programa de Pós-Graduação em  
Educação Científica e Tecnológica


**SEMINÁRIO DISCENTE**

**06/09/2017 - 11h15min**

Cherlei Marcia Ciani e André Luis Franco Rocha

**"A Botânica como conhecimento de referência para a formação de professores de Biologia: Um olhar a partir do conceito de coerção do estilo de pensamento"**

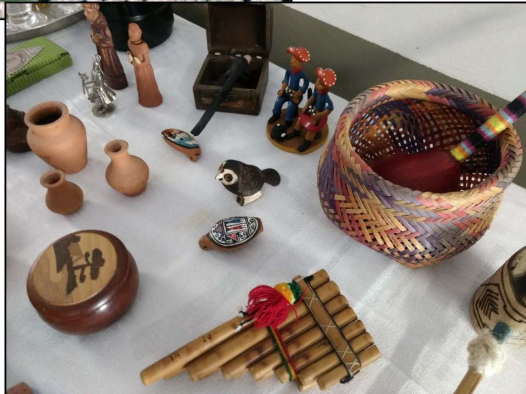
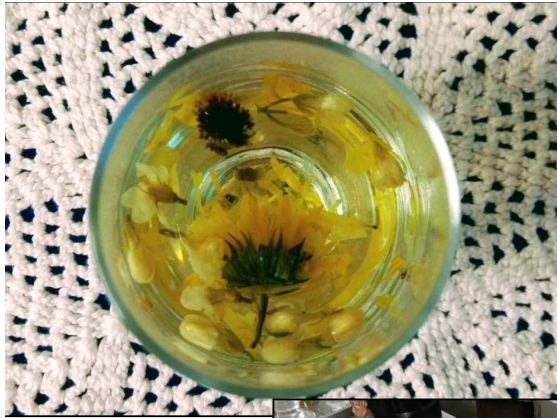
Lugar: Sala C-006 Auditório do PPGECT



**Seminário Avançado "A Cura pelas Ervas"**

Prof. Dr. Raimundo Oliveira

Produções feitas pelos professores no 4º dia de formação.  
Fonte: arquivo pessoal.



Produções feitas pelos professores no 4º dia de formação.  
Fonte: arquivo pessoal.



Muito próximo da mesa onde estavam os artefatos para curas e diagnósticos, um fio vermelho vivo nos convidava a seguir por ele. Cruzando corredores sombrios, passagens que pareciam secretas e um pouco de mata densa e fechada, fomos vagarosamente sendo conduzidos pelo vermelho incandescente até chegar ao que parecia ser seu final. Lá nos deparamos com uma árvore gigante.

*Dela pendiam uma infinidade de flores vermelhas, como se recém tivessem desabrochado.*

*Era uma quantidade de vermelhos que invadia o verde fechado.*

*Ao nos aproximarmos da árvore, pudemos constatar que suas flores nos convidavam a experimentar o sabor de seu vermelho.*

*Vermelhar era seu código.*

*Provamos o sabor doce, picante e ácido do vermelho.*

*As flores, no entanto, não se projetavam diretamente dos galhos da árvore, mas sim, de uma seiva espessa que se acumulava em pequenos vasos transparentes.*

*Era uma sensação inebriante.*

*Uma cerimônia, um rito.*

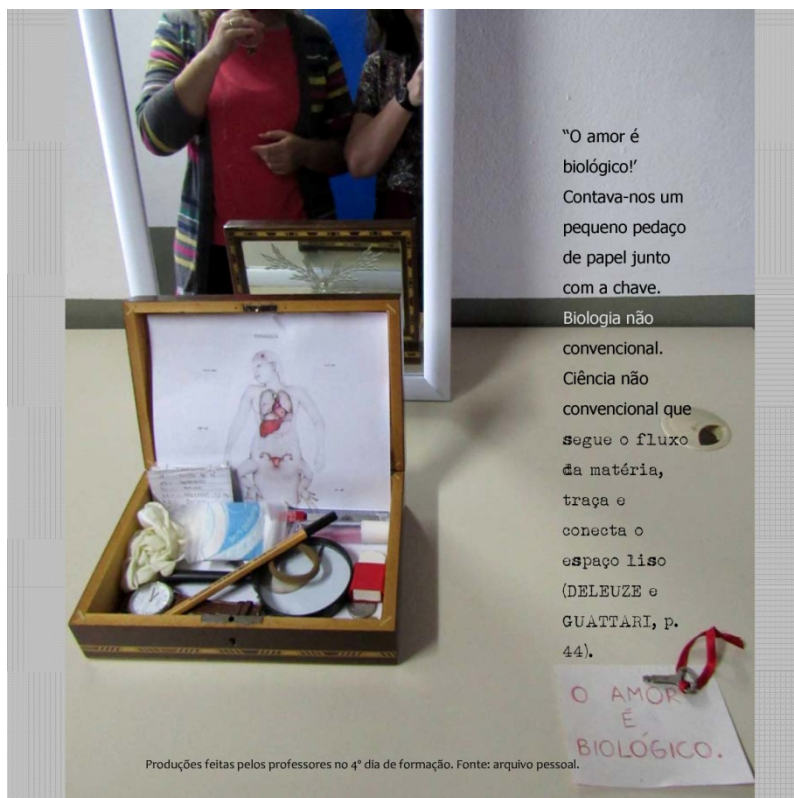


Angélica D' Avila Taschetto. Fotografia sobre produções feitas pelos professores no 4º dia de formação. Fonte: arquivo pessoal.

Ao lado da árvore, uma placa trazia uma imagem das flores. Porém, em letras e palavras, tudo o que se dizia era sobre a intensidade do vermelho. Letras, imagens, sensações. Puro vermelhar. Puro acontecimento. Variação atmosférica, mudança de cor, molécula imperceptível, população discreta, bruma ou névoa. “Acontecimento sem espessura” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 45).



Retornando ao velho galpão a convite do outro grupo, nos deparamos com uma pequena montagem cheia de objetos e surpresas. A primeira coisa que víamos era nossa própria imagem refletida em um grande espelho. Em frente a ele, uma caixa, um baú. Como se guardasse os grandes segredos e mistérios da vida. Ao abrir, saltava aos olhos a imagem de Teiniaguá, personagem catalogado por Walmor Corrêa em suas andanças pelo mundo. Teiniaguá fala do corpo. Corpo feminino, corpo lagartixa. Diabo vermelho que atenta os homens. Pobres homens... Teiniaguá tem sempre que mudar seu corpo. Transmutar-se para não ser agredida, perseguida. Junto de sua imagem, outros tantos objetos arranjam-se para falar do tempo, da vida, do ser mulher, da arte, da ciência. Arte menor, ciência menor. Escondem-se todos dentro da pequena caixa. A chave está ao lado, basta termos forças e vontade de abri-la.



Aí estávamos nós, diante das mais diferentes produções. Alternativas diferentes, perguntas e respostas diferentes para aquilo que havia sido proposto. Invenção de problemas. Criação. Resistência. Mais uma vez essa tripulação-nômade-pirata inventa-se e reinventa-se. Cria suas próprias formas de contar-se, de falar de seus mundos, de existir. Em nada se aproximaram das produções de Walmor Corrêa. Sem pinturas, desenhos ou imagens impressas. Ao mesmo tempo, aproximavam-se muito. Arte e ciência e...

*As produções desestabilizavam as ordenações espaço-temporais. Já não se sabia o que era arte e o que era ciência. Tampouco importava, pois prezavam por essa saída da institucionalização normatizante. Puro espanto. Puro estranhamento.*

Assim como os seres de Walmor Corrêa já haviam invadido cenários, museus e outros lugares entendidos como tradicionalmente científicos, nossas produções pintavam os corredores e salas daquele velho galpão labiríntico com seus vermelhos, justo onde antes só havia espaço para as ciências régias.

*Vapores emanavam. Flores desabrochavam em copos com água quente e cresciam em árvores que não eram sua origem primeira. Inventava-se um outro mundo. Uma outra ciência, uma outra arte. Povoamos com nossos sons e cores aqueles lugares, corredores, matas, águas. Aos poucos fomos deixando tudo por lá. Desfazíamos-nos de algumas coisas e subíamos novamente ao barco.*

Na mesma medida em que a correnteza e os ventos nos arrastam para as lonjuras do mar, ouvimos a voz de Nine se pronunciar. Ela que tantas vezes falou sobre não saber o que é a ciência:

- Penso que a ciência talvez seja isso! Uma redoma de vidro como nas obras de Walmor Corrêa. Um movimento de ver aquilo que nos rodeia, perceber os detalhes daquilo que está entre nós, que nos constitui e, neste recorte, a partir desta redoma, se debruça a decifrar, a mostrar os detalhes aparentemente ocultos. Mas não seria a arte também uma forma de ver determinado fenômeno? Talvez o que diferencie os dois campos seja a caixa de ferramentas com a qual cada lugar ou território de conhecimento se lance a ver, a investigar, a se relacionar com aquilo que se configura enquanto objeto de estudo. Para mim, enquanto uma "não sabedora" do que afinal é arte ou ciência, posso dizer que tanto uma quanto a outra, são modos de ver, de como escolho me relacionar com o mundo.



Walmor Corrêa. Diorama - Para onde vão os pássaros quando morrem?, 2012. Plástico, taxidermia, tinta, resina, papel e vidro. Fonte: [www.walmorcorrea.com.br](http://www.walmorcorrea.com.br)

A fala de Nine nos coloca a pensar sobre as maneiras com que vemos, ao longo do tempo, tratando a ciência. Sempre a colocando em um pedestal e, com isso, refutando suas potências inventivas. Ao contrário disso, nossas experiências com a obra de Walmor Corrêa, e também com nossas produções e experimentações durante essa viagem, nos apresentaram outras perspectivas para a ciência. Não mais uma possibilidade taxativa de verdade, ou então, um mero suporte para as produções artísticas.

Essa redoma da qual Nine fala pode se assemelhar àquela renúncia que a “ciência faz às velocidades infinitas. Uma parada ou desaceleração acontece. E essa desaceleração coloca um limite no caos da vida. A ciência, com sua maneira particular, acaba então, por renunciar ao infinito. Cria funções estáticas, mesmo que os acontecimentos continuem ocorrendo. Seu plano de referência é um corte ao caos” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 140).

Como se o mundo exterior ao da redoma fosse o próprio caos, onde os acontecimentos continuam ocorrendo. Todos juntos mudando rapidamente. Ocorrem e dissipam-se. Neste caso, o caos define-se “menos por sua desordem do que pela velocidade infinita a qual se dissipa toda forma que nele se esboça. É um vazio que não é um nada” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 139).

E nessas maneiras de cortar o caos, a arte também aparece. E justo nesse momento em que alcançávamos o espaço liso do mar, uma voz ecoa pelo barco:

- A arte fornece possibilidades de saída, momentos de rebeldia, de desajustes e do contrassenso.

Saídas. Desajustes. De forma diferente da ciência, a arte se conserva como um bloco de sensações. Seu plano de composição torna a matéria expressiva. Capta todas as forças da matéria. Arranca *afectos* das afecções, como um devir não humano. Eleva as percepções vividas ao *percepto*. A arte, como um bloco de sensações composto por *afectos* e *perceptos* não é da ordem do recordar ou da reconhecimento, mas da ordem das sensações (DELEUZE e GUATTARI, 2010). O corte ao caos não se dá no sentido de comemorar o que passou, mas de viver o acontecimento. Arte resiste pelas percepções e afecções em devir, não como forma encarnada em um sujeito.

Sim, arte e ciência são diferentes. Mas ambas buscam sentidos para a vida. Parece-nos haver uma causa entre arte e ciência, a fim de “manter-nos ativos em nosso enfrentamento do que parece não querer mudar, ou do que muda muito rapidamente para nós (o caos)” (ONETO, 2004, p. 210).

- Se isso fosse um trabalho de ciência e não de arte, poderia ser exatamente igual. No entanto, o olhar poético assume outras perspectivas.

Diz alguém se referindo a essa viagem que tratava com professores de artes. No entanto, não nos cabe mais separar arte e ciência como se fossem inimigas. Se algo as torna distante, este algo é o pensamento da opinião e da reconhecimento. Para as formas-Estado, convêm essas separações e supremacias entre as áreas e tudo o que faz com que o pensamento seja alojado e territorializado.

- Sim, as pessoas sempre procuram limitar ou enquadrar as coisas em uma perspectiva ou outra, ao invés de unir e interligar os conhecimentos. Diz mais alguém que gritava da popa do barco, enquanto outra voz se anunciava:

- Além disso, penso na arte como ciência, na ciência como arte. Sem fronteiras para a inventividade, para a criatividade e potência.

Pensar nessas essas falas é pensar justamente naquilo que, de alguma maneira, essa viagem se propõe. Mesmo sem saber o que poderia acontecer, foi uma aventura lançar-se a experimentar novas formas com arte e ciência.

Com as experiências que tivemos com os seres de Walmor Corrêa, pudemos também abrir espaço para nossas próprias perguntas e criações. A obra do artista não era uma condição para que isso acontecesse. Mas no caso dessa viagem, em que tivemos tantos encontros com seus seres, ela se tornou uma potência, já que lida justamente com essas outras maneiras de pensar com arte e ciência.

Fomos percebendo que, assim como nossa luta não era contra o mar, e sim, com o mar, a luta da arte, e também da ciência, não é contra o caos, mas sim, com o caos. Captam dele forças, ou para torná-lo sensível, ou então, para voltar-se contra a opinião (DELEUZE e GUATTARI, 2010). Logo, pode-se dizer que arte e ciência criam e interferem-se uma na outra. Há aí uma multiplicidade que acontece. Mas uma multiplicidade que acontece pela subtração. N-1, quando nos livramos, aos poucos, do pensamento da opinião que sempre nos é imposto pela forma-Estado.

Assim como os seres criados por Walmor Corrêa, que co-agitam arte e ciência em reciprocidade, é uma obra política uma vez que se alimenta justamente daquilo que o aparelho de Estado quer negar: o pensamento livre como bruma, gotas e partículas que não se podem agarrar.

Na obra do artista e em nossas produções, o pensamento foi coagido, movimentado, exposto às intempéries do mar aberto. O que nos



é fortalecedor, no entanto, são justamente essas interferências que ocorrem entre as áreas. Então, mais uma vez retorno ao pensamento de que arte e ciência estão no âmbito das interferências ilocalizáveis em um pensamento não-pensante. Como se arte e ciência fossem “indiscerníveis e como se partilhassem da mesma sombra, que se estende através de sua natureza diferente [...]” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 257).

- Você pode reinventar com arte, com ciência, mas se você se despreocupar com a distinção entre as áreas e absorver as contribuições, isso pode ser poderoso.

Não conseguimos ver de onde veio a fala, pois o mar estava ficando cada vez mais agitado. Mas sim, há um poder, uma potência que se coloca para além das fronteiras. É como se esquecêssemos das linhas que dividem as áreas, assim como havíamos nos esquecido das linhas fronteiriças que separam o mar em pedaços, territórios, países, Estados. Havia todo um movimento de interrogação dos “sistemas de recortes e repartições das disciplinas e dos corpos pelas práticas de poder coextensivas à produção dos regimes de verdade” (LEMOS, SILVA e SANTOS, 2012, p. 223).

Trata-se, então, de pensar, como disse Nine anteriormente, como cada uma das áreas utiliza sua caixa de fermentas para tratar, criar e reinventar o mundo, para cortar o caos.

- É possível, e deve ser possível, que arte e ciência, em reciprocidade da condição e produção humana, dialoguem-se em jogo relacional como conceituação e produção das pesquisas e desenvolvimento de práticas pedagógicas. Diz Fabi, enquanto mais uma voz se pronuncia:

- Com certeza, o que nos falta enquanto educadores é o entendimento do entrelaçamento entre arte e ciência e o rompimento da insegurança em transcender o óbvio.

O óbvio foi rompido. O óbvio é rompido. Na medida em que somos essa força que inebria o mundo como névoa, que pulsa com o sabor do vermelho. Na medida em que criamos nossas próprias vias, perguntas, alternativas e linhas de fuga. Na medida em que vamos nos relacionando de outra maneira com a própria vida. Na medida em que acionamos um pensamento criador e que não importa mais se tudo isso é arte ou ciência ou ficção...

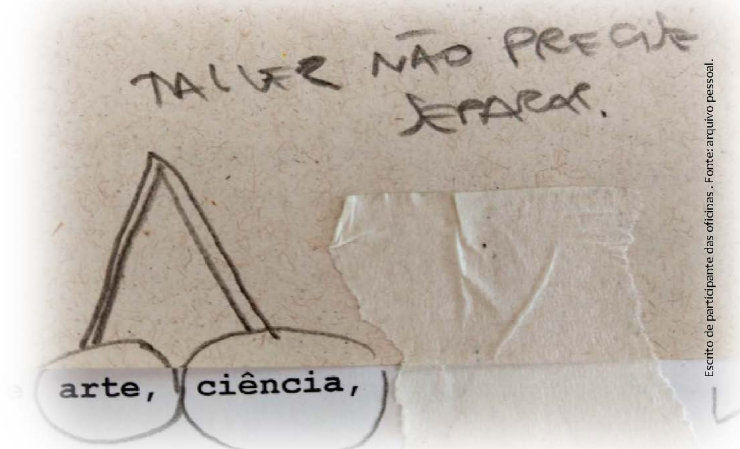
*Enquanto professores-nômade-piratas já não nos importava mais a matemática certa de  $33-25=8$ , ou de  $8+9=17$ , ou tanto faz... Não era essa matemática que nos envolvia, matemática maior. Importava-nos uma matemática menor, ciência menor, arte menor. Arte*

e ciência nômades (DELEUZE e GUATTARI, 2012) que não se realizam como verdades totalizantes impostas pelo aparelho de Estado. Importava-nos “jogar os dados sem cálculo de probabilidade” (LEMOS, SILVA e SANTOS, 2012, p. 224). E se dos cálculos nada sobrar? Restamos nada. Nada. Nadar. Nadar no mar. Nadar como sereia. Devir-sereia.

Então, não nos falta.  
Sobra-nos.

Sempre sobra, e é dessa sobra, disso que vaza, que escapa, é que fazemos uma vida menor. Uma fuga das macropolíticas da arte, da ciência e das práticas pedagógicas, como dito por Fabi. Trabalhamos com esse devir-sereia que age sempre entre o mar, rochas e corais. Espreita-se e, silenciosamente, desliza para a vida. Agimos nas pequenas relações cotidianas, “construindo um mundo dentro de um mundo, cavando trincheiras de desejo” (GALLO, 2013, p. 65).

*Desta forma vamos inventando-nos como matilha que uiva para buscar os bons encontros. Vamos criando nossa máquina de guerra a partir daquilo que se mostra como força inventiva. Vamos experimentando e fazendo essa potência do aprender multiplicar-se. Arte e ciência são potências. São pensamentos que povoam o mundo. São potências para a criação da máquina de guerra. São “forças que nos lançam (podem nos lançar) em experimentações vitais, capazes de criar aberturas e conexões imprevisíveis com outras forças do mundo” (DIAS, MARQUES, AMORIM, 2012, p. 09).*



Escrito de participante das oficinas. Fonte: arquivo pessoal.

- Arte e ciência: talvez não precise separar...  
Grita Ben movendo as velas do barco enquanto nosso  
rumo parecia cada vez mais incerto...

Talvez não precisemos separar, e sim, buscar o encontro.  
O encontro daquilo que se passa entre arte e ciência.  
*Aproximação de abismos.*  
Desse modo a navegação seguia pelas fendas das rochas que  
desenhavam o mar.

*Ainda encontraríamos muitas tempestades*

\*\*\*



#### IV. RESISTÊNCIAS



Angélica D'Ávila Taschetto. *Sem título*, 2017. Fotografia. Fonte: arquivo pessoal.



## Tempestades

Por muito tempo viajamos entre dois pontos: casa-escola, casa-gerência de formação, casa-universidade.... No meio, passamos a esquecer um pouco sobre o ser professor, sobre a viagem com destino certo. Dobramos outras esquinas do mar, paramos na lentidão das ilhas, inventamos outros portos.

Angélica D'Ávila Taschetto. Sem título, 2017. Fotografia. Fonte: arquivo pessoal.

Essa era uma viagem que já não se dava contra a escola ou contra qualquer tipo de formação. Uma viagem que se fazia como um movimento de resistência, em que resistir pode ser assumir uma atitude que, faz frente às obrigatoriedades das coisas, recusa doutrinas e subverte ordens estabelecidas; é uma atitude de quem corre riscos (RANCIÈRE, 2004). É uma atitude de risco criadora que reside como afirmação de processos de experimentação, de invenção de outras possibilidades para realizar a vida.

No encontro com os seres de Walmor Corrêa, nos deparamos com interrogações, com deslocamentos das supostas verdades da arte e da ciência e também com possibilidades de um pensamento criador. Os signos propostos pelo artista nos trouxeram um extraordinário encadeamento de partes e nos apresentaram a força com que são projetadas e inseridas violentamente umas nas outras (DELEUZE, 1987).

Aqui a resistência acontece como aprendizagem, como criação, e envolve esse encontro com os signos como modo de perpetuação de forças.

Criamos com Walmor Corrêa, com arte, com ciência. Colocamos no mundo. Colocamos-nos em cena. Rabiscamos e rascunhamos outras possibilidades de ser. Resistimos aos modos de ser professores e professoras. Desenhamos outros modos como criação e resistência.

Ainda assim há sempre um controle que “modula os fluxos, as ondas, as intensidades” (ASPIS, 2011, p. 112).

A viagem vai na contramão disso e faz-se como uma embriaguez. Lança-se no imprevisível. Viagem irremediável. Deambulação de corpos.

Observando a velocidade infinita das ondas, com um sopro de vento que enroscava seu cabelo, Lo anuncia:

- Sabe qual é o meu sonho? Um grupo de professores que sonhe diferente. Um grupo de pessoas que faça a escola assim. Que comece a escola assim. Vamos implementar alguma coisa diferente. Nem que seja uma tentativa. Mas vamos tentar!

Era um desejo pulsante de que uma outra escola surgisse naquele emaranhado das ondas. Talvez uma escola que pudesse ser como essa aventura. Como uma viagem em que as coisas acontecem aos poucos, em que podemos parar para observar o mar. Para viver o mar. Pensamos que a resistência estava acontecendo agora mesmo, nesse ato de criação conjunta. Nesse ato de relação entre partes que não emana uma totalidade, mas que cria seus próprios meios de existir e resistir.

Fabi, prontamente concorda, e se vê com entusiasmo. Um entusiasmo que já era seu, mas que muitas vezes lhe era subtraído. Ainda assim, seu desejo de nômade-pirata se revela:

- Mas a gente tem que achar essas pessoas que estejam dispostas assim, porque senão a gente acaba fazendo sempre o mesmo. E enquanto a gente não construir propostas em que as disciplinas dialoguem e enxerguem as diferenças pra entender como é cada disciplina, ninguém tem noção. A gente entra e fecha a porta. Então, ninguém entende o que a gente faz. Se não trabalhar junto pra ter esse contato, ninguém vai entender.

Engraçado ouvir suas falas e pensar que essa viagem não tinha esse intuito. Na verdade, era uma viagem que sonhava em dar certo. Sonhava em dar tão certo, a ponto de considerar que só o que importava era aquilo que fosse levado por mim. Matérias, artes, ciências, sensações. Mil perguntas e mais mil respostas prontas. Desejo de saber o que essas pessoas poderiam falar sobre arte e ciência. Como criariam e produziram resistências a partir das minhas perguntas.

Mas a fala de Fabi vem acompanhada de um solavanco. Ondas fortes estouram no casco. Uma tempestade nos alcança. Estremecimento profundo. A dúvida: Irá o barco naufragar? Perda dos sentidos. Esquecimento. Falta-me a memória. A sensação de naufrágio é profunda.

Não chegamos a naufragar, mas tivemos de rearranjar o barco. Uma, cem, mil, infinitas vezes. Depois um novo suspiro, uma navegação que se faz a cada nova experimentação do mar, das ondas, do barco, da tripulação, da própria viagem.

Ainda inebriada pelo estremecimento do barco e pela fala de Fabi, penso que, quando o convite para navegar foi lançado, tive a impressão de que muitos desses professores já se conheciam, mas brevemente sabiam da existência um do outro. No entanto, aquilo que efetivamente poderia suceder com essa viagem, ainda nos era distante. Logo, uma voz ressoa de uma das partes do barco, enquanto lutávamos com a força das ondas que ainda insistiam em nos castigar:

- Essa possibilidade de interação menos chata, acadêmica e formal... Talvez tenha sido um dos momentos em que mais tenha conhecido esses colegas com quem convivo há dois anos.

Não ouvimos direito quem falou, mas a frase ficou retumbando em meio ao ruído estrondoso do mar. E a ideia inicial dessa viagem nada tinha a ver com isso. No entanto, começamos juntos a perceber que nos formávamos como uma tripulação efetiva. Cada um inventava-se a si mesmo e aos outros. Toda a navegação, antes cartesiana e



direcional (embora eu não a encarasse dessa forma), cheia de coordenadas, passa a ter um rumo um tanto quanto aleatório. Não se tratava de uma perda total dos sentidos, mas uma navegação que se fazia mais por um desejo coletivo. Um desejo pela formação. Um desejo de ser e inventar a própria formação. De ser grupo, matilha, piratas.

Muito mais do que aprender aquilo que não se sabe (o que é que não se sabe, afinal?), havia todo um desejo de sermos juntos. De estarmos juntos. De constituir-se como agenciamento coletivo. Aos poucos, as perguntas que eu havia levado dentro de um baú bem chaveado vão se dissolvendo. Tudo aquilo que sabia e que era guardado dentro de gavetas estreitas foi sendo umedecido e contagiado pelas marés. As ondas fortes arrebataram o casco, invadindo o barco e tudo o que nele estava. Tivemos de lidar com perdas, com outros ganhos, com outras coisas que já nem sabíamos mais.

O grupo fazia-se assim. Falávamos muito. Acercávamo-nos muito. Quase uma vontade primitiva de conhecer e tocar aqueles que não sabíamos quem eram. Ainda em meio ao alvoroço das ondas e no esforço de manter o barco em pé, já que o naufrágio mais uma vez parecia certo, outra voz se anuncia em meio ao grupo:

- Como podemos mais quando estamos em coletivo! Sempre tenho vontade de relacionar as coisas, mas pelas demandas e a própria timidez, deixo de propor ou desenvolver. Gosto tanto desse movimento de pensar junto. De olhar para o lugar do outro, de desconstruir certos preconceitos.

A voz forte e trêmula foi como um soco no estômago. Não que aquilo que eu havia proposto como navegação não importasse mais. Mas havia outras coisas agora. Um mar revolto, um barco quase naufragando, uma busca pela ilha desconhecida, uma tripulação perdida e solitária na desertidão do mar.

Solitária...

Talvez esse estado de solidão fosse bom de alguma forma. Quem sabe estivéssemos muito mais próximos de uma franja do que de um pano cortado em linha reta. Talvez nos compuséssemos mais como uma franja e menos como um corpo coletivo que entendemos como “Grupo de Professores da Prefeitura Municipal de Florianópolis”. Uma franja do grupo, uma franja do corpo, já que “corpos coletivos sempre têm franjas” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 34).

Quem sabe estivéssemos sendo como uma franja que está ali. Meio agarrada com o corpo, mas meio fora. Meio saindo. Meio se descosturando. Bem na extremidade. Uma franja um tanto esfiapada.

Franja da colcha. Franja do cabelo. Franja do mar. Franja de um corpo coletivo. Franja que cria, que produz, que resiste.

Nesse barco-máquina de guerra não havia mais modelos de ser professor. De estar composto e bem interligado nesse corpo coletivo que arrasta para dentro dos sistemas. Que normatiza e normaliza. “Ser professor é...”. É sim. Localizável, definível, estático. “Ser professor é...”. “Continuar sendo professor é...”.

Agora talvez a questão não seja o que é o professor e o que é essa identidade que se constrói ou incorpora-se sobre ser professor. Muito mais do que isso, a questão pode ser “uma diferença que o sujeito produz em si. Vir a ser professor é vir a ser algo que não se vinha sendo, é diferir de si mesmo” (PEREIRA, 2013, p. 35).

Lutávamos com o mar. Não contra ele. Lutávamos juntos, com seu deserto e sua profundidade. Já nos subtraíamos dessa identidade fixa de ser professor. Mas alguém sempre pergunta, mesmo que em tom de ironia:

- Uma identidade fixa, por que não? Isso facilita a vida de todos. Ser professor talvez seja estar dentro da segurança do homogêneo, do absoluto, da certeza de “ser professor”. Ser professor é atualizar-se de conhecimentos. Ser professor é levar o novo. Ser professor é amar, é partilhar... É! É! É sempre uma infinidade de coisas. Nunca talvez. Sempre certeza. Sem deslizos. Ser professor é não derrapar. Como se toda a instrumentalização fosse capaz de dizer como e quando alguém se torna professor.

Mas e onde ficam desejos, vontades, anseios, lutas, batalhas, resistências?

Não se nega a instrumentalização, a formação, as práticas. Mas, para além disso, “a professoralidade é a condição de proposição que um sujeito assume como diferença de si, uma escolha em ser agente de desinstalação do que está estabelecido” (PEREIRA, 2013, p. 207).

Sem isso, onde ficam a subjetividade, os afetos e as partilhas? Onde fica a pirataria? O desejo de ser matilha nômade? Como grupo não totalizante. Como multiplicidade e não unidade?

- Perguntar isso pra quê, se já temos as respostas?

Acontece que aqui não queremos perguntas prontas. Vamos inventar nossos próprios problemas. Queremos ser clandestinos, pintar o mundo com nossa cor (DELEUZE e PARNET, 1998).

Inventar modos de ser professores e professoras como uma marca que se produz e não como vocação, como identidade ou como destino, mas sim, como produto de si (PEREIRA, 2013).

Pintar o mundo com a nossa cor. Um mundo pantera cor de rosa (DELEUZE e GUATTARI, 2011). Um mundo que se faz de cores infinitas, pois somos cores, somos heterogeneidades, disparidades. Quando giramos, somos fluidez. Não nos tornamos uma única cor, como no círculo das cores. Não somos uno. Somos multiplicidade. Somos agenciamento. “Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 24). Agenciar é fazer multiplicidade. Não somos é, somos e... e... e...

Parece que a tempestade vai cedendo aos poucos. Barco revirado, coisas jogadas nos costados. Muitas outras, no entanto, se perderam no mar e deixamos para trás. Já não valia a pena buscá-las. Tampouco nos interessavam mais. Meu bauzinho de perguntas estava estraçalhado. Folhas e mais folhas com papel timbrado. Tudo molhado, rasgado, desmanchado. Foi um susto perceber que já não sabia como seguir a navegação em linha reta e direcional. Mas foi incrivelmente bom olhar para o lado e ver toda uma tripulação de professores-nômades-piratas andando junta nesse barco máquina de guerra. Inventado aos poucos, esse barco que, aos pedaços, já tomava vias de tornar-se outro.

Todas as nossas forças, juntas, refaziam-no. Impulsionavam-no novamente ao mar. Éramos como uma intensidade de forças aliadas e não alinhadas.

Então, na mesma medida que inventávamos o barco-máquina de guerra, alguém grita:

- É possível reinventar os espaços de atuação, sempre é possível, mas dificilmente se reinventa sozinho. Quando existe relação com o outro, é fundamental a disponibilidade do outro na reinvenção.

Reinvenção. Dificilmente se reinventa sozinho. Dificilmente se reinventa algo sozinho. Dificilmente se reinventa a si mesmo sozinho. Nessa viagem em que precisamos, em vários momentos, reinventar coisas, percebi que formávamos alianças de guerra. Cada vez mais nos apropriávamos de armas e, quando não as tínhamos, fazíamos das ferramentas nossas próprias armas. Tudo isso era revide e resistência (DELEUZE e GUATTARI, 2012). Sensações, aglutinações de corpos, água que escorre pelo meio, vento que sopra e derruba tudo. Éramos muitos. Desejo de reinvenção.

Da reinvenção vem a resistência. Ser professor já não é! Ser professor talvez esteja. Talvez esteja na própria resistência. Aliar-se ao outro é produzir resistências. Resistir e tornar-se a própria resistência. Resistir a nós mesmos. Resistir às rotas dominantes e aos caminhos

certeiros. Resistir ao que se impõe como verdade e como totalização. Resistir a toda e qualquer forma de dominação. Todos os dias. Constantemente. Ser professor é afirmar-se na própria diferença.

Ainda assim, “não é fácil perceber as coisas pelo meio, e não de cima para baixo, da esquerda para a direita ou inversamente” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 46).

- É importante ver que isso é possível e também depende de nós. E isso é um movimento dos professores, não de alguém lá de cima que diz que isso é bonitinho. A gente tem que continuar nessa discussão. A gente não pode esmorecer. É uma conquista, é ir buscando alternativas. Esbraveja Wa.

O barco-máquina de guerra parece que finalmente consegue se recuperar um pouco dos solavancos do mar. Consigo ter um pouco mais de fôlego agora.

Com a voz ainda um pouco embargada do susto e pensando na fala de Wa, resolvo dizer:

- Vocês falaram uma coisa que me movimentou: o grupo pega junto! A gente não tá pra mudar um sistema sozinho e nem da noite pro dia. Mas na relação, no encontro, no contato com o diferente, mas que possa ser potência. Acha um, dois... é dentro dessa política que se faz a resistência. É dentro dessas pequenas práticas. É difícil, claro, mas é importante resistir.

Alguém que martelava e golpeava fortemente o revestimento do barco, modificando-o ainda mais, acrescenta:

- Esse convívio com todos, a troca de ideias e momentos de criação...

- Sim, essa é nossa força! Falo fortemente, interrompendo e não podendo conter-me. Ainda continuo:

- Nossa potência se faz com esses bons encontros. Criação viva. Desejo de estarmos juntos, quando nunca podemos.

A sistemática da educação nos aprisiona em instâncias fechadas, em caminhos retos, sem curvas nem paradas: casa-escola-sala-de-aula-sala-de-professores-reuniões... Quando podemos falar com o outro e produzir com o outro? Quando podemos estar juntos? Quando podemos abandonar o hábito de ser? Quando podemos fabular?...?...?...?...?...?

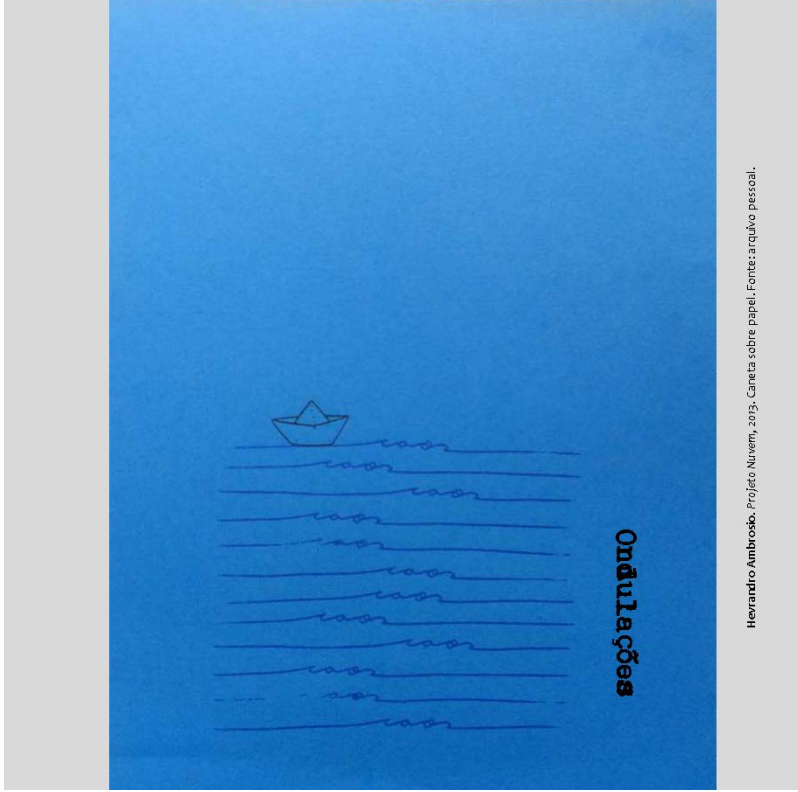
Talvez a própria ideia do encontro possibilite essa saída, pois o encontro se dá aos poucos, mas vai guardando suas intensidades. Ter um bom encontro aumenta nossa potência de agir. Os encontros afastam-se da ideia de naturalização do pensamento, pois neles nunca é possível que saibamos como alguém vai aprender, já que tampouco podemos saber como o encontro vai se dar (DELEUZE, 2009).

Nesse grupo de professores-nômades-piratas cada um luta pela sobrevivência de si mesmo e do próprio grupo. Mas não perde sua individualidade.

Ben, que já tentava desenhar uma nova rota sem coordenadas em um pedaço de papel qualquer, ainda diz sobre a tempestade:

- Foi uma revolução... Um trabalho conjunto. Talvez um revide ativo e revolucionário (DELEUZE e GUATTARI, 2012).

Pareceu-nos que esta era mais uma aposta do que uma verdade. Apostar nas alianças para a reinvenção da máquina de guerra (DELEUZE e GUATTARI, 2012). Para a reinvenção de nós mesmos.



Henriando Ambrosio. Projeto Nurem, 2013. Caneta sobre papel. Fontes: arquivo pessoal.

Depois desse período intenso da tempestade, conseguimos finalmente descansar um pouco, beber água e comer alguma coisa. Mesa posta. Reunimo-nos ao redor, mas ainda com algumas sensações estranhas. Bebendo um copo de chá, Ben inicia uma conversa:

- Acho que, desde que entrei no curso de Artes Visuais e fui legitimado como artista-professor de artes, me sinto à vontade para resistir ao que aparecer na vida. Parece que nas formações, “o sujeito se depara com uma estrutura institucional toda presa em discursos formais, difíceis de entender” (PEREIRA, 2013, p. 203).

Por um momento ficamos pensando sobre essa tal legitimação que Ben havia mencionado. Seria essa legitimação como professor uma forma com que o “aparelho de Estado tende a uniformizar os regimes [...] impondo seus traços?” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 88).

Seria essa legitimação uma maneira de dizer sempre que o professor é. É alguma coisa. Não mutável, não cambiante? Essa legitimação se daria também com as formações realizadas para dizer o que e como todos têm que aprender? Essa legitimação se dá também nos espaços formativos?

Como se estivesse voltando com as poeiras sopradas pelo vento, lembrei-me de quando estava em terra firme e participava de cursos de formação continuada. A fala por parte de nós, professores, era quase sempre a mesma: cursos de formação continuada promovem ainda mais o distanciamento entre teoria e prática em sala de aula.

Levanto essa questão para todos enquanto tomava uma xícara de chá quente. Por que essa fala é tão presente? O que acontece para que isso seja, talvez, uma das coisas mais evidentes dos cursos de formação continuada?

Talvez existam algumas coisas das quais se pode pensar. Quem sabe exista um modelo de formação continuada que tenta dar espaço para a reflexão dos problemas educacionais. Mas, em contrapartida, os problemas educacionais são reais. Precisam de reflexão, mas também precisam de ação e concretização. Por isso, o desejo de soluções rápidas e imediatas. Como fórmulas que se aplicam para resolver um problema. Por isso, talvez, grande parte dos cursos de formação continuada acentuam o caráter de desenvolvimento, de resultados finais e tudo aquilo que diz respeito à melhora dos processos de ensino e aprendizagem (LEITE, 2011).

Parece que formar é sempre dar forma (LEITE, 2011), é moldar conforme um modelo, buscando sempre um aperfeiçoamento. Linha reta. Resultado final. Chegada ao porto.

- Não tem uma margem para o criativo. Fabi faz questão de mencionar, enquanto a conversa adentra, cada vez mais, os espaços de formação docente.

Parece-nos que, de alguma maneira, tudo é “formar, transformar, deformar, conformar, informar” (MOSCHEN e SIMONI, 2012 p. 113). É, de fato, uma nostalgia que vai sorrateiramente entrando com o balanço suave das ondas que agora se fazem presentes. Muito embora a formação possa ter outras vias, possa ser uma operação interessante no contato com ideias, situações, experimentações, tudo isso nos pareceu um pouco distante.

- Mas o quanto eles propõem? Vamos fazer isso bem protocolar, eles dizem.

Protocolar! Protocolarmente!

As palavras de Fabi ficam andarilhando por ali.

Protocolarmente!

Para cumprir um protocolo. Para fazer o que nos foi pedido. Para dar conta do que é necessário para a sobrevivência da mesma maquinaria institucional, do mesmo aparelho de Estado. Uma certa inoperância nos afeta. Um vazio. Talvez mais um cheio. Uma cheiura de coisas. Uma cheiura de saberes, conhecimentos, trabalhos, produções. Uma cheiura conquistada. Uma formação cheia, repleta.

Toda uma institucionalização de práticas, regulação de vidas, codificação, normatização. A frase de Fabi ecoa novamente: “Vamos fazer isso bem protocolar, eles dizem”. Eles dizem. Eles dizem. Alguém diz. Alguém que não tem nome, rosto, presença. Uma não identificação que nos é suficiente. Não importa quem são eles, o que nos dizem. Importa é que façamos e que nos tornemos o que eles querem. Que para nós exista, sim, uma identificação de como agir para sermos professores.

Bem protocolar.

Formalização de forças.

Universalidade transcendente.

Protocolar!



Protocolar!

Protocolar!

Registro de atos oficiais. Dominação do acontecimento.

Envolvimento discursivo.

Norma.

Regra.

Território.

Formação território. Formação que bloqueia e controla fluxos. Regulação. Formação para melhoria e qualificação da educação. Formação para aprender, constantemente, a ser professor. O professor protocolar. O professor que alguém quer. O professor que é. O professor que se faz por políticas, parâmetros e diretrizes de uma educação que está sempre dizendo o que, como, para quem e por que ensinar (GALLO, 2013).

Formação estratificação. Evidência às grandes representações.

Professor da forma. Professor se forma. Professor se forma e reforma professor.

Formação condicionada por práticas e saberes provenientes de estruturas hierárquicas e verticais. “Assim como a empresa substitui a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo, o exame. Este é o meio mais garantido de entregar a escola à empresa” (DELEUZE, 1992, p. 221).

Condicionamento e ordenação da formação. Formação que tem ponto de partida e ponto de chegada. Formação para a instauração de certezas: o que é ser, o que tornar-se, o que é continuar sendo professor. O que é? O que é ser professor? O que é o professor? O que? É professor? É! É! É!

A organização desse espaço formativo regula e normatiza o ser professor. Produção de identidade docente. Produção de subjetividade docente. Cursos, formações, alternativas. Garantias de que esse processo formativo continue sempre. Sem interrupções. Sem linhas de fuga. Como nos tornamos aquilo que somos? Não importa. Importa é o que somos. Regra fácil. Identidade definida.

As palavras de Fabi ainda ressoam pelo ambiente... Tomando um café, entre um gole e outro, resolvo arriscar:

- Mas quando alguma coisa torna-se a tal ponto comum, e quando seu significado é generalizável beirando à obviedade, pode ser porque as certezas estão tão enraizadas que nos impedem de produzir outras perguntas e outras questões. As respostas certas estão sempre ali, criando barreiras e impedimentos para serem ultrapassadas.

Alguém, que tentava manter-se em pé por causa de uma nova corrente de ondas fortes que assolava o barco, grita ao fundo:

- Mas há de se visitar constantemente o que está posto!

- Concordo! Diz veementemente Thá. E isso depende do professor, do quanto eles propõem.

Juntos, começamos a pensar que não se tratava de uma crítica às formações. Não estávamos promovendo uma simples reflexão dos fatos. Não se trata de desconsiderar que existem, sim, práticas, conhecimentos, relações e saberes inerentes à profissão do professor. Uma formação que se preocupe com os processos de ensino-aprendizagem. Não se trata de esquecer e deixar de reconhecer as lutas que conquistaram esses espaços. Trata-se de pensar em uma formação que não nega que “existam modos e formas de atuar e ser docente, mas sim de ressignificar esses modos como verdade” (LOPONTE, 2007, p. 238).

Não se trata, portanto, de uma crítica pela crítica. Não queremos tomar uma nova palavra de ordem como lei. Não queremos condenação, negação, reprovação. Não queremos ser um novo juízo.

Com essa viagem não empreendemos o nada. Muito mais do que isso, desejamos formações que se preocupem com a potência criativa. Com a afirmação daquilo que também se dá no fora. Que se dê em outras práticas. Que se dê com desejos. Que se dê também com conhecimentos e vidas e tudo aquilo que é relegado por não fazer parte dos conhecimentos e saberes historicamente concebidos como importantes e verdadeiros, por não fazer parte daquilo que as maquinarias, instituições, aparelhos de Estado, países e reinos instituem como verdade quanto a ser um bom professor. Desejamos mais uma formação que se dá como criação, como luta e resistência. “Como nos inventamos como docentes?” (LOPONTE, 2007, p. 235). Como nos inventamos enquanto docentes com Walmor Corrêa, com arte e ciência? E mais, como podemos reinventar a própria formação?

Não negamos a materialidade e aquilo que constitui o professor. Não negamos os espaços formativos. Entendemos que existem práticas e saberes dessa profissão. O que questionamos é sobre aquilo que fica fora da formação. O aprendizado a partir do fora e que é, muitas vezes,

suprimido ou negligenciado pela própria ideia de formação e seus espaços instituídos.

Com isso, pensamos mais uma vez nos seres fantásticos criados por Walmor Corrêa e naquilo que produzimos com eles. De certa forma, foi um aprendizado que se deu com o fora, pois colocamos em suspeita o próprio ambiente de formação. Produzimos e criamos em uma invenção de espaço-tempo, em uma invenção de nós mesmos.

- Talvez possamos pensar em uma deformação para a formação! Uma deformação para formar o outro! Diz Lo, com ânimo na conversa.

- Talvez... Digo.

Pode ser que, na contramão desses processos e a favor de práticas de resistência, esteja um aprender a partir do encontro com o heterogêneo e que, quem sabe, trate-se mais de uma deformação, de uma desaprendizagem de tudo o que, até agora, havíamos aprendido como verdade. “Talvez fosse melhor (...) falar não em formação, mas em de-formação (...). Educar poderia ser isso: ‘de-formar’” (TADEU, 2004, p. 44). De-formar currículos, de-formar pensamentos, de-formar ideias, de-formar verdades, de-formar a formação. De-formar como modo de resistir.

Talvez possamos inventar uma formação docente que possa ser pensada como desejo, de afirmação de processos de experimentação, de invenção de outras possibilidades para realizar a vida.

Quiçá possamos traçar outros caminhos de aprender a ser professor, que podem ser experienciados para além dos espaços formativos e ser expandidos para a vida e a invenção de projetos colaborativos como formas de habitar e produzir.

Aos poucos, algumas coisas vão tornando-se mais claras. Quem sabe pelo estremecimento do barco por conta das ondas fortes. Talvez pelo medo e pela angústia causados pelo fato de podermos naufragar a qualquer momento.

Parecia-nos que nossa relação ia estreitando-se mais, ao mesmo tempo em que não perdíamos nossas individualidades. Talvez pelos desejos coletivos que se instauravam nessa busca pela ilha deserta.

Estremeço o pensamento nessa navegação. Começo a ver que a resistência se faz aqui e agora. No hoje. Com as armas que temos. Com arte e ciência. A resistência não é um projeto futuro. A resistência àquilo que nos é imposto como formação se faz todos os dias. A resistência às formações se faz com as próprias formações. A resistência somos nós mesmos, tripulação-professores-nôma-des-piratas.

Neste caso, pensar a formação “relaciona-se com dar um passo atrás, mediante uma tentativa de afrouxar as rédeas de um pensamento

que a entende como um espaço de produção de verdades, como um lugar de ensinar para, ou ainda, como imagem de um certo modelo” (WAGNER, 2017, p. 63).

Então, a formação também é um espaço de resistência. A formação também é um lugar onde nosso barco-máquina de guerra foi sendo forjado. Ferro, fogo, armas de guerra, martelações, construções, reconstruções.

**Silêncios**

sussurro: 15 decibéis  
 conversa: 70 decibéis  
 máquina de cortar grama: 90 decibéis  
 tiro ou rojão: 140 decibéis  
 turbina do avião a jato: 140 decibéis  
 arma de fogo: 130-140 decibéis  
 latido de rottweiler: 105 decibéis  
 latido de quilo: 110 decibéis  
 furadeira: 100-105 decibéis  
 piano tocando forte: 92-95 decibéis  
 páteo de aeroporto: 80-85 decibéis  
 avenida movimentada: 85 decibéis  
 restaurante barulhento: 70 decibéis  
 bronca: 84 decibéis  
 tráfego pesado: 80 decibéis  
 motor de um ônibus municipal: 82 decibéis  
 motor de caminhão: 100 decibéis  
 automóvel (passando a 20 metros): 70 decibéis  
 interior de cinema, arites do filme: 30 decibéis  
 shows de rock: 105-120 decibéis  
 boeing 737-700 decolando: 91 decibéis  
 walkman no volume máximo: 100 decibéis  
 aspirador de pó (potente): 80 decibéis  
 canto da baleta azul: 180 decibéis  
 som dentro de tornado: 250 decibéis  
 serra elétrica: 110 decibéis  
 britadeira: 120 decibéis  
 trovão: 110 decibéis  
 conversa: 60 decibéis  
 sala silenciosa: 50 decibéis  
 área residencial à noite: 40 decibéis  
 telefone: 40 decibéis  
 respiração humana: 10 decibéis  
 farfalhar de folhas: 10 decibéis  
 brisa entre as anvores: 20 decibéis  
 passos: 35 decibéis  
 falar sussurrando: 20 decibéis

ilha de silêncio:

Raquel Stolf, Projeto Matem. 2015. Impressão sobre papel. Fonte: arquivo pessoal.

O tempo do mar é não cronológico, não contável. Um tempo que se faz somente em sua imensidão e em seu silêncio ruidoso. Contávamos mais as luas cheias do que as horas nos relógios, que já nem funcionavam mais. No fundo, eles sequer faziam sentido nessa lógica inventada da navegação. Nesse esquecimento coletivo das horas, alguém, ainda não muito certo do que estávamos fazendo nesse mar todo deserto, levanta uma questão:

- Realmente estou confusa! Na verdade, desde que aceitei estar aqui, não entendi muito bem essa navegação. Onde vamos parar? Que ilha é essa, afinal? Se é desconhecida, como chegaremos lá?

A pergunta vem acompanhada de uma nova tempestade no mar. Mais uma vez teremos de lidar com a imprevisibilidade de seu movimento incerto e turbilhonar. A pergunta é como as ondas que forçam o casco do barco. A pergunta me arranca da certeza. Joga-me de um lado a outro.

Logo eu, que tinha toda uma navegação certa, uma rota determinada. Tantas perguntas e tantos desejos de respostas.

Alguém alcança o timão para tentar desviar o barco das ondas fortes. O leme tenta suportar o mar revoltado. As ondas castigam o barco e o movimentam depressa. As perguntas balançam em minha cabeça. Sinto tremores, calafrios, cansaço, medo.

O que farei com todas essas perguntas? Que respostas terei eu se não tiver as perguntas certas? Como chegar à ilha desconhecida sem orientação?

Em meio ao movimento incessante das ondas, tento explicar. Explico e re-explico a rota. Tudo é certo. Não há margem para o erro. Chegaremos lá.

Não convenço. Phá então indaga sobre uma das atividades:

- Por exemplo, na tua proposta, a gente escolheu o material. O artista tá ali, mas a gente faz o que é esperado. A resposta que tu querias era essa.

Como se não bastasse todo o estremecimento, Lo acrescenta:

- Muito bem observado, aqui todo mundo entrou dentro do modelo e fez o que era esperado. Talvez seja uma grande ilusão dizer que a arte é tão solta e tão liberta assim.

O mar insiste em castigar o barco. Por vezes, afogo-me com água que entra e com as perguntas que me castigam. Tropeço, caio, levanto, tropeço mais uma vez. É um dismantelamento de tudo. Parece que não conseguirei levantar novamente. Todas as perguntas ficam sem resposta.

Acabo por fazer a mim mesma mais perguntas: Como proponho uma navegação onde só eu faço as perguntas? Como proponho uma navegação onde nada se inventa?

Em meio ao abalo das ondas, Nine contesta:

- Mas por outro lado também tem a questão: se a Angélica tivesse vindo aqui, e não tivesse falado nada, e tivesse dito: “Usem os materiais!”, teríamos também nos frustrado, porque nós, professores, também estamos aqui esperando alguma coisa dela, como alguém que está propondo uma formação.

A fala de Nine traz alento, ao menos para mim. Começo a pensar em tudo o que me impulsionou até aqui. Talvez, como disse Nine, se não houvesse preparado nada, o que haveria? Mas o fato de organizar, pensar e preparar também é uma experimentação. É como compor ou arranjar as coisas. Talvez não precisasse ter pensado em tudo: tantas perguntas, respostas, formatações.

Parece que os ânimos acalmaram-se um pouco, na mesma medida em que o mar parece dar uma trégua. Mas ainda havia um vento ruidoso que soprava e derrubava tudo à nossa volta.

Enquanto tentávamos juntar as coisas caídas e arriscávamo-nos em fechar alguns buracos do barco, a discussão continuava. Assim, coloco em jogo algumas palavras.

- E os alunos também estão esperando. Alguém sempre está esperando alguma coisa. E para nós, do campo das artes, acho que é sempre um espaço limiar entre o fazer no caos e entrar nos processos e nos moldes da escola. Estamos sempre em embate para enfrentar isso. Mas talvez essas pequenas fugas, encontro com os pares, encontro com o artista, encontro de formação, talvez isso tudo seja o movimento de resistência. Talvez isso seja a máquina de guerra. É sempre um caminho que não tem fim. E sem dizer que isso é uma resposta, mas é um momento de discutir e de se colocar a pensar. Como os bichos que estão ali fora, podemos passar e não ver, mas podemos passar e ver... Digo apontando para um arquipélago de pequenas ilhas que aparecia entre uma névoa espessa.

Somente o vento soprava, um silêncio de vozes pairava no ar. Agora parecia que as perguntas que eu lancei durante esse percurso da viagem já não faziam mais sentido. Já não nos interessavam mais. Rasgamos as folhas com perguntas, mapas de rotas e jogamos na imensidão oceânica.

Com essa viagem, eu buscava um distanciamento das formações ditas tradicionais e dos modos de formar, objetivando um resultado final ou a chegada a um porto. Ainda assim, quando a viagem foi preparada,

nada disso aconteceu. Era nada mais, nada menos do que uma viagem com ponto de partida e ponto de chegada.

Por várias vezes, questiono-me se não estaríamos nós, professores formadores, embarcando também no automatismo, replicando discursos e saberes dentro dos espaços de formação continuada? Queria uma formação, mas ao mesmo tempo, afastar-me da ideia de formação. Isso é possível? Mas como? Talvez a vigilância de nós mesmos (LEITE, 2011) possa expropriar-nos dessa condição.

E não é deixar de lado a formação e tudo o que nela se constitui. Não é esquecer que, por trás de todas as práticas, sempre existe um professor que, assim como eu, preparou e organizou o barco para navegar. Mas talvez seja esse sentido vigilante, que faz com que a rota mude, que a navegação aconteça por suas forças captadas.

Percebo, então, que tudo isso que proponho já não se trata mais de fazer uma comparação entre os modos de ser docente ou de se fazer formação. Essa formação que se arrisca mar adentro se insere em uma condição da própria diferença, em que “diferir é compartilhar com alguém que ouça antes de falar; que se encontra na mutável e surpreendente natureza disposto a abolir o poder de domesticá-la e incorporá-la como uma substância numa suposta natureza humana; que saiba distinguir entre opiniões e estilos de existência” (PASSETTI, 2012, p. 81).

Talvez o mais importante seja pensar e acreditar naquilo que podemos sacar, tirar, desapropriar dessas formações como modo de resistência e de afirmação da diferença. Diferença que “consiste em desconectar as habilidades e competências do controle do comportamento e da dominação de um suposto mundo dado” (KASTRUP, 2001, p. 25).

Aos poucos, vou tirando algumas cargas dos meus ombros já doloridos de tanto arrumar o barco. Ao mesmo tempo em que não excluo meu papel de docente, formadora, proponente, tampouco entendo que minhas perguntas são as únicas que importam para que a viagem aconteça.

Há tantas outras coisas que passam pelo meio da viagem.

Há tantas coisas que entram e que saem com o fluxo das ondas e do mar aberto.

Talvez aí a tal formação de-formação aconteça. Nesse desajustamento da rota. Nessa imprevisibilidade toda. Com um percurso que se cria aos poucos, com as conexões que se inventam. Conseguir manter o barco-máquina de guerra em pé já não é uma tarefa minha, mas de todos onde pulsa o desejo. Desejo de “criar mundos, construir modos

de estar, ser, experimentar os verbos da vida (amar, trabalhar, pesquisar, viver, pensar...) em conexão direta com os mais diferenciados elementos de seu entorno e suas infinitas possibilidades de montagem. Desejar só se dá em conjunto, em agenciamento com um coletivo, uma paisagem, desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto, conjunto de uma saia, de um raio de sol, construir uma região, agenciar” (NEVES, 2012, p. 69).

E todo esse desejo aconteceu pelo meio. No rasgo das ondas. Nas tempestades no mar. Aconteceu quando nos deparamos com o sopro forte dos ventos e tivemos de nos agarrar com todas as forças. Aconteceu quando nos vimos como professores-nômades-piratas, quando havia uma coletividade e um desejo de experimentar a vida que nos arrebatava. Um desejo de experimentar em nós essa ativação de forças.

- A gente está aberta a outras respostas... Diz Phá.

E talvez a outras perguntas. Às suas próprias perguntas.

- Achei legais as discussões por meio de práticas. Principalmente porque eu, particularmente, nunca produzo nada e morro de vontade. Alguém grita de um dos compartimentos do barco.

Nunca produzo nada! Nunca!

- O que você não produz? Pergunto-me em voz baixa, sem que a tripulante ouça. Há algo que se produz, sim, enquanto professor. Sempre se produz algo. E aqui a produção não aconteceu como a superação de um desejo reprimido, mas antes como uma potência coletiva. Conexão com o heterogêneo. Propagação da própria experiência. Em certa medida, nos tornamos um pouco ilocalizáveis, sem encaixes certos. Apenas agenciamento do próprio desejo. Dispusemos nosso próprio corpo para, quer no seu interior, quer no seu exterior, criar outra realidade corporal (SOUZA, 2012). Agenciamento de corpos.

A resistência que esses professores-nômades-piratas criaram em relação às minhas perguntas, à minha própria formação, é a resistência em si. Não contentes com aquilo que também estava sendo imposto por mim, criaram suas próprias perguntas. Com elas, abalaram os rumos da navegação, enquanto que a ilha a qual buscava parecia ainda mais desconhecida.

Cada vez mais as forças coletivas se faziam presentes. Uma presença quase física, quase material. Esse agenciamento de corpos onde não se faz pelo outro, ou em lugar do outro. Mas uma disposição radical. Um ato de renúncia ao já sabido e de entrega ao estranhamento em si. Um desarranjar modos estabelecidos de saber e fazer (SOUZA, 2012).



Alguém ainda complementa:

- Sinto uma satisfação em propor, participar e fazer trabalhos que envolvam todo o processo que geralmente vivencio enquanto professora e dificilmente enquanto aluna.

Ainda pensativa respondo:

- Sim! Mas eu trouxe aqui e queria uma resposta. Isso também é protocolar. Isso talvez não seja um erro, até porque a escola espera isso. Mas como pensar, dentro desse protocolo todo, onde existem as microfissuras, brechas e aberturas para a imaginação, para a inventividade?

É justamente esse processo de participar, envolver-se no sentido de produzir coisas como efeito de criação coletiva, que tornou essa viagem o que ela foi sendo. Foi justamente a própria resistência às minhas perguntas que tornou essa formação aquilo que ela foi sendo. Dentre tantas escolhas que poderiam ter sido feitas, escolhemos esta. Não para excluir outras coisas, mas para afirmarmo-nos enquanto diferença.

Essas microfissuras que também acometem nosso barco-máquina de guerra podem fazer com que ele afunde e seja capturado pelas instâncias de poder. Mas também podem ser aquilo que nos movimenta, enquanto grupo, matilha, professores-nômades-piratas.

A resistência para com a formação criou brechas, aberturas, fissuras, mas também foi a força inventiva e criadora. Deste modo, estamos sempre tapando, martelando, fechando as brechas para não afundarmos. Enquanto isso, outras tantas se abrem em lugares diversos. De tanto consertar, o barco-máquina de guerra vai sendo produzido, inventado, reinventado.

As microfissuras já não nos atormentam tanto. Aprendemos a conviver com elas e entender sua potência para essa viagem. São essas aberturas que fazem com que os encontros aconteçam. Encontros bons, para ajustar esse barco à nossa maneira. Para sermos multiplicidade.

Ao entardecer e olhando a vastidão do mar como quem olha a dimensão efetiva da nossa conversa, Lo ainda diz:

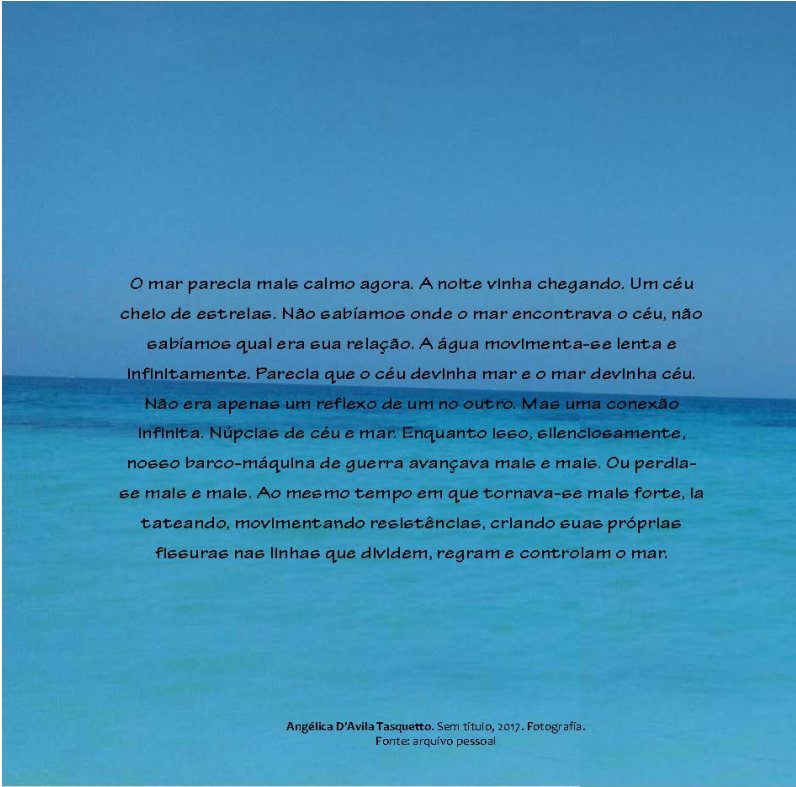
- Esta experiência como formação foi um presente...

Sinceramente?

Não esperava ouvir isso. Sequer tinha essa intenção. Mas confesso que uma ponta de alegria extravasa pelo meu corpo. Parece que tenho um pouco mais de forças para seguir nessa viagem. Uma alegria

de contágio, de peles, toques, amores, profundidade. Uma alegria que não espera um futuro, mas que se faz na iminência do tempo.

Mas essa formação só virou um presente como dito por Lo, quando os próprios professores a refizeram. Foi o encontro com essas pessoas que permitiu que isso acontecesse. Aos poucos, pude deixar de me preocupar com o modelo de resistência que, querendo ou não, no início dessa travessia, vinha propondo.



O mar parecia mais calmo agora. A noite vinha chegando. Um céu chelo de estrelas. Não sabíamos onde o mar encontrava o céu, não sabíamos qual era sua relação. A água movimenta-se lenta e infinitamente. Parecia que o céu devinha mar e o mar devinha céu. Não era apenas um reflexo de um no outro. Mas uma conexão infinita. Núcleas de céu e mar. Enquanto isso, silenciosamente, nosso barco-máquina de guerra avançava mais e mais. Ou perdia-se mais e mais. Ao mesmo tempo em que tornava-se mais forte, ia tateando, movimentando resistências, criando suas próprias fissuras nas ilhas que dividem, regem e controlam o mar.

# Flutuações



Laura Gorski. Série Dias úteis II, 2016. Fotografia. Fonte: [www.lauragorski.com/Dias-uteis](http://www.lauragorski.com/Dias-uteis)

### A ilha nos parecia mais perto agora.

Empunhada com a luneta de navegação em mãos, avistei, de longe, mais um pequeno arquipélago. Já comecei a traçar estratégias para chegarmos lá. Alcançar a ilha parecia mais fácil agora. Uma luneta havia me restado depois de tantas tempestades, solavancos, mapas rasurados e perguntas rasgadas. Sempre resta alguma coisa para guiar certamente os caminhos.

Mas, como que por um impulso, joguei a luneta ao mar. Senti medo de estar com ela. Tudo parecia tão confortável com ela em minhas mãos para direcionar a rota. Em contrapartida, essa certeza já me angustiava. Vivi tantos tropeços com aquelas pessoas, mas, ao mesmo tempo, tantas alegrias que se fizeram potentes. Ao jogar a luneta ao mar, não estava abandonando um futuro, mas estava abandonando a certeza.

Olhei novamente para fora, já não via mais o arquipélago, nem a ilha, nem nada. A vista alcançava somente a imensidão do mar. Deriva total.

Ainda assustada com minha própria atitude de jogar a luneta fora - aquele que talvez fosse o único instrumento ou ferramenta que nos restava para uma navegação efetiva ao encontro da ilha - começo a pensar nesse estado de deriva em que nos encontrávamos. Estar à deriva não era interessante para quem desejasse nossa captura. Sem controles ou coordenadas geográficas, poderíamos fugir, desaparecer e reaparecer novamente. Esse estado de deriva já nos interessava mais, pois o que mais ele seria do que nosso próprio movimento de expansão da vida na invenção de saídas surpreendentes? (GODOY, 2006).

Parece que os companheiros de viagem haviam ouvido meus pensamentos. Logo se aproximaram para, juntos, observarmos nossa rota incerta. Nesse entre sopro dos ventos que invadia o espaço, alguém diz algo sobre como a deriva se difere dos espaços escolares aos quais somos acostumados, enquanto Lo vai completando a frase...

- ... Eu acho que na escola... Até a arquitetura da escola, as divisões de horário... Isso tudo vai formatando a gente...

Afinal, “que coisa é essa chamada escola, que lhe entra goela abaixo?” (PEREIRA, 2013, p. 203).

Talvez a escola não seja assim. Ou talvez seja, mas possamos encontrar meios de fazer buracos nas paredes e refazer um pouco sua arquitetura. Comecei a pensar que esse estado de deriva não era contra a escola, nem sua oposição. Era mais uma deambulação. Uma inquietude dos corpos. Como fazer da escola uma deriva?

Ainda assim, pareceu-nos uma contradição falar em deriva e falar em escola. A deriva, cheia de excitações e afetos. A escola, cheia de obrigações, deveres e normas.

- Pois é... A gente fica tentando fazer um certo desvio disso, só que esse desvio é meio infrutífero. E quando você faz esse desvio, o que acontece? Todo mundo da escola cai em cima de você. Porque existe uma ordem lá dentro. Uma ordem instituída que ninguém pode sair. Ninguém pode fazer nenhum desvio. Diz Lo, enquanto Fabi complementa:

- Ou você vai atrás de todo mundo ou você prejudica todo mundo.

- É, porque sempre dizem: os alunos estão fazendo muito barulho! Porque estes aí são daquela professora! Porque ela não tem domínio de sala! Porque não tem... E você vai, aos poucos, tentando se encaixar nisso pra não ser vista dessa forma, pra não ser rotulada... O desvio é difícil...

Pensando nessas últimas palavras ditas por Lo, arrisco a falar:

- Fico pensando até que ponto essa tentativa de buscar esses desvios é válida... Até que ponto a gente aguenta ficar olhando pra isso. Mas, talvez, quando a gente conta com determinadas participações e colaborações, vamos abrindo outras brechas. E essa coisa de talvez começarmos do micro, das micropolíticas, das microrresistências, talvez possamos resistir. Como é que podemos resistir a tudo isso?

É difícil desviar. É difícil resistir quando há um formato tão homogêneo de escola, de saberes e práticas. Vamos aos poucos, como diz Lo, tentando nos encaixar nisso para não sermos rotulados. Encaixar-se nesse modelo de escola e de educação. Há sempre modos e formas de aprimoramento sobre o que ensinar, como ensinar, como aperfeiçoar modelos e fórmulas para uma educação mais eficaz. Ou seja, nesse processo todo, há alguém que sabe e alguém que não sabe. Quem sabe deve passar aquilo que sabe para quem não sabe.

Há todo um controle sobre o ensino e a aprendizagem, já que leva à homogeneização, onde todos aprendem as mesmas coisas (GALLO, 2012). Onde todos ensinam as mesmas coisas conforme os modelos e padrões determinados.

Acontece que a educação, por si só, já é heterogênea, e o que fazemos é homogeneizar, deixar igual, colocar na balança os mesmos pesos e as mesmas medidas. E essa ideia de homogeneidade é tão arraigada, tão forte e tão presente, que talvez não seja fácil sairmos dela.

- Mas eu acho que vocês estavam falando de estrutura da escola e tal... E nisso eu vejo que, o fato de nós sermos, geralmente, em um

número tão pequeno de professores de artes nas escolas, faz com que as nossas questões também sejam vistas de uma outra maneira. Talvez de uma maneira menos importante ou menos urgente. Faz com que as nossas questões não tenham reverberação num grupo maior de professores. E talvez esse movimento que tu tenha feito, Fabi, de tentar problematizar isso com os alunos, talvez faça com que reverbere mais. Diz Nine, depois de ouvir atentamente a fala de Lo.

- Sim! Eu já estou preparando o terreno. Eu, normalmente, tenho aulas de 45 minutos, daí proponho uma coisa e os alunos perguntam como vamos fazer isso em 45 minutos? Eu digo: gente, na minha opinião, tá tudo errado, a gente tem que ter a tarde inteira pra pensar no que estamos fazendo, olhar, refletir. Eu acho que a gente tem que ir pregando um pouco disso, para que eles também se sintam tocados e se movimentem a fazer coisas para que isso mude. Eles levam para o colegiado, porque eles têm um colegiado. E eles colocam isso. É sempre essa crítica. Por que artes não tem mais aula? A resposta que dão para eles é sempre a mesma: é assim e pronto! Nem eles sabem, mas ficam dizendo isso.

A última fala de Fabi vem acompanhada de sopros de vento que faziam o barco movimentar-se cada vez mais, sem que soubéssemos seu rumo. Ainda assim, parecia que essa fala nos movimentava, tanto quanto o vento movimentava o barco. Era angustiante e, ao mesmo tempo, satisfatório poder pensar junto com esse grupo que desejava tanto essas saídas.

Pensávamos nas escolas, em seus espaços, em suas vidas. As vidas que viviam lá dentro e a vida da própria escola. Talvez houvesse o condicionamento de uma sobre a outra. A vida da escola condiciona as vidas que vivem lá dentro. A vida da escola, suas paredes, aglomerações e formações discursivas determinam como se deve ensinar, o que se deve ensinar, quais saberes têm mais importância, como as vidas que vivem lá dentro aprendem, como as vidas devem portar-se e funcionar para que a ordem e as coisas realmente funcionem. Sem desvios. Sem fluxos interrompidos.

O que é mais importante para uma vida feliz? A felicidade que será alcançada em um futuro se houver empenho, dedicação e formação adequada de todas as partes envolvidas. Mais uma vez: o que é mais importante para uma vida feliz? A escola tem as respostas. Sempre há respostas. Sempre há aquilo que importa mais e aquilo que importa menos. E o que importa menos terá, no máximo, 45 minutos semanais para ser resolvido. E o que realmente não importa, é descartado. Fica fora. Não existirá para uma vida feliz.

Tudo é forjado, afinado, maquinado. Alma racional. Futuro certo. Aprimoramento, treino (GALLO, 2012).

Escola, lugar onde “educa-se para conformar, para dar forma, nesse sujeito, a um modelo prescritivo, que pode ser estabelecido previamente” (VEIGA-NETO, 2004, p. 10). E, para isso, nada melhor do que criar caixas, temporalidades definidas, espacialidades limitadas.

- E é engraçado porque nós temos uma frustração em relação a isso e sabemos como tudo isso é ultrapassado, mas temos que fazer parte disso, mesmo não acreditando nessa formatação. Então, a gente tem uma luta interna: eu não quero estar aqui, eu não quero ter uma aula de 45 minutos, correndo de sala em sala, eu acho isso paranoico... Ainda conclui Fabi.

Paranoia. Talvez isso defina essa relação entre a vida da escola e as vidas que vivem lá dentro. Um estado paranoico de ser. Vidas compartimentalizadas e entregues às definições, formações, normalizações. Tudo em prol de uma futura vida feliz.

- Quando a gente discute sobre o horário, sobre o formato, sobre a grade, nada mais é do que uma formatação que foi construída em algum momento e que até hoje reverbera nas nossas práticas. A gente pensar no horário parece que é uma bobagem, mas o quanto isso diz da escola e daquilo que se pretende com ela. Esse pensamento é cada vez mais cristalizado. Ainda falo junto com Fabi.

Enquanto isso, com o vento soprando em seu rosto, Ben faz um questionamento, momento em que a discussão torna-se mais incessante e acalorada:

- Pergunto pra vocês: onde diz que a gente tem que ter esses 45 minutos? Tem que ter uma discussão mais concreta. A gente é muito alienada. Ninguém tá satisfeito, mas a gente precisa colocar mais a mão na massa. Eu acho que tá em processo ainda, mas precisa mais. A gente tem muita energia e precisa canalizar. E precisa fazer uma revolução, sim. Não em quebrar tudo...

- E por que não? Interrompe Nine.

- É... Talvez radicalizar mesmo. Retruca Ben.

- E isso não tá dito em nenhuma legislação. A unidade tem autonomia pra decidir a carga horária. Complementa Thá.

Mas “a máquina-escola permite certos deslizamentos e mesmo pode aplaudi-los, desde que daí não surja ameaça séria ao sistema da máquina, nada impeça seu movimento, dinamizado por engrenagens desenhadas conforme paradigmas vigentes (capitalismo, meritocracia)” (GOBIN, 2013, p. 253).

- E se mudar, os outros professores também vão concordar, mas ninguém vai querer ceder o seu horário. E, ainda assim, existe a hegemonia dos conteúdos. Tem professores que pensam que algumas matérias são mais importantes do que as outras e acabam priorizando isso. Relembra Nine.

- Mas aí é a cabeça das pessoas. As pessoas acabam pensando que uma coisa é mais importante que a outra. Argumenta Lo, enquanto Nine já emenda a resposta:

- É, mas a gente sente é que a nossa área acabou perdendo. Acaba perdendo sempre em termos de área de conhecimento.

- Pois é, mas daí a gente vê, com a reforma do Ensino Médio, por exemplo, onde a gente perde cada vez mais espaço. E pra mim, a maior dificuldade é a de convencer os meus pares. E dizer que aquilo que eu tô fazendo ali tem tanta importância na formação desses seres humaninhos quanto as outras disciplinas. E eu penso que essas conversas que a gente tem com os alunos, se no fim não servir pra mais nada... A gente pode ver no fim um olhar alentador dizendo: a gente entende. Com isso, eu vejo que a gente tá preso numa série de outras coisas que a gente ainda não consegue lidar e ainda não tem força pra lutar. Mas vai dizer que não é bom quando eles dizem: Ah! Eu quero aula de artes, a melhor aula é a de artes? E eu trabalho em duas escolas. Em uma, eu consigo trabalhar bem com os professores de matemática, e na outra não. Mas quer dizer, se eu não consigo, a gente vai lá, ano após ano, falando da importância disso, daquilo... E eles entendem isso, essa construção do sensível. E lá no fim, pra eles, tu não és mais a louca das artes, que é o que o colegiado pensa. Pros alunos, tu és aquele suporte ou aporte do sensível, sabe? Não, lá com a professora de artes eu vou conseguir conversar sobre isso, isso e aquilo. Complementa Ro, enquanto Fabi também vai nessa direção:

- Eu tenho uma aluna que questionou isso: “Como eles tiraram artes, professora?” Eu adorei como ela questionou sobre isso.

- Quando falamos de arte e política, a arte traz um determinado olhar sobre aquele momento. Diz Páh.

Olho minhas mãos antes de continuar a conversa. Não havia mais rastro da luneta. Talvez a esperança de que algo restasse para conduzir a viagem. Mas nada havia, a não ser nós mesmos e esse barco-máquina de guerra que vagueava pelo mar. Pensava na luneta. Pensava no desenrolar dessa conversa toda. Escola. Artes. Modos de ensinar artes. Arte é a disciplina com mais espaço para a invenção... Tudo isso me parecia um tanto distante. Ainda que sim, que fizéssemos esse esforço, parecia que íamos cada vez mais sendo capturados pelos sistemas.



Que arte é essa que se deixa capturar tão facilmente em troca de mais minutos semanais? 45 não bastam! Queremos mais! Queremos ser parte desse sistema tão métrico. Tão arborescente.

Então, resolvo argumentar:

- E no espaço da escola? Será que não estamos sendo submetidos a verdades sobre o que é arte e sobre ensinar arte? Porque, muito embora a gente, muitas vezes, tente sair disso, a gente sempre tenta saber como ensinar... Devo fazer isso, devo fazer aquilo... Será que aí não temos uma verdade sobre o que é a arte e sobre o que ensinar? O que eu falo é sobre esse enclausuramento que estamos dentro da escola. Que espaço há na escola para trabalhar o pensamento criativo? A inventividade? Em artes, ciências, ou qualquer outra coisa?

- Sim. E incluso aquele momento em que a gente não quer produzir nada, nem sobre arte, nem sobre nada, isso nunca é respeitado na escola. Se a gente instaurasse um dia assim na escola, ninguém saberia como lidar com isso. Diz Lo, enquanto Phá já argumenta:

- Mas não é em um dia que a gente muda.

- E as próprias disciplinas, tirando dentro das artes visuais... Que outras disciplinas o aluno é convidado a criar que não as artes? Questiona Fabi.

- Não sei... Mas fiquei pensando sobre algum aluno não querer fazer nada, nem na aula de artes, como disse Lo. Eu me questiono sobre isso, já que também acabo achando que a aula de artes é o grande momento do dia. E, às vezes, não é. Porque somos tão encaixotados, tão normalizadores quanto qualquer outra disciplina. Afinal, já que me deram somente esses 45 minutos, eu quero que produzam, quero mostrar que em artes também se produz. E isso é um pensamento determinista e com demarcações certas. Que alcance resultados e que possa ser repetido. E me parece que a escola tem muito disso. E as aulas de artes também, porque elas se enquadram, elas buscam delimitações e demarcações. Daí, onde há espaço para a criação? Falo, enquanto Thá já responde:

- Aqui todo mundo teve uma formação dentro de um espaço acadêmico, a gente tem uma ideia do que é esse sistema. E a gente vai moldar esse sistema. Mas quando estamos pensando dentro da nossa proposta de aula é que realmente acontece algo. O aluno faz parte dessa aula, o caos faz parte dessa aula e as coisas são etéreas assim. Elas são mais maleáveis. Qualquer coisa pode acontecer dentro da nossa aula que não é controlável.

A fala de Thá ficou em suspenso por um tempo. Talvez fosse uma pequena resposta para tudo isso. Talvez fosse esse lampejo alegre

de poder pensar e praticar algo incontrolável. Fazer acontecer “práticas-de-aula-que-se-querem-rizoma em sala de aula: deixar proliferar a erva nos pensamentos, ainda que não tenha certeza alguma sobre se proliferará... permitir que um assunto em pauta produza novos pensares e desenhos, estique-se, ramifique, pule, fuja ou mesmo seja abandonado, se assim desejar, porque algo mais interessante surgiu. Forçar o cotidiano e suas riquezas a adentrar no corpo do currículo e namorá-lo, como forma de humanizar suas linhas duras, no sentido de fazê-lo mais carnal” (SGOBIN, 2013, p. 252).

A voz de Lo irrompe o silêncio:

- Mas a gente tenta controlar.

Sim, tentamos controlar. Na tentativa de aceitação, na tentativa de permanecermos vivos.

- Se uma criança tenta fazer o que não é pra fazer, o que vai acontecer com ela? Ela vai ser punida e reprimida. Contesta Phá.

- Ela vai ser enquadrada...

Enquadrada! Enquadrada! As palavras de Lo vêm fortes e pesadas. A escola é o enquadramento. Onde mais, se não na escola e no campo educacional, “as metanarrativas são tão onipresentes e tão ‘necessárias’? Em que outro local o sujeito e a consciência são tão centrais e tão centrados? Em que outro campo os aspectos regulativos e de governo são tão evidentes?” (SILVA, 2011, p. 250).

- Porque, quando algo sai do fluxo, fura a ordem, quebra, faz fratura, isso incomoda, atrapalha toda essa regulação. Ainda digo, pois “acomodar imobiliza o corpo, incomodar o coloca em muitos movimentos, sobretudo, no de aprender e experimentar” (PREVE, 2011, p. 86).

- Mas também é difícil porque está dentro de um modelo estrutural da escola. Como fazer esse desvio dentro de um lugar que não permite isso? Questiona Lo. “O que fazemos com as forças no mundo que dobramos sobre nós mesmos para ser aceitos?” (PREVE, 2011, p. 85).

- Isso é um processo que não é do dia para a noite. E depende dos professores e tal. Mas tem muitos movimentos nesse sentido hoje em dia. Inclusive eu também fui numa reunião no NEI onde minha filha estuda. E lá todo mundo dizia: a gente não aguenta mais a escola! A gente não quer essa escola! Nossos filhos numa escola assim? A gente tem que fazer alguma coisa!

O argumento de Phá pareceu-nos um transbordamento de forças. Uma experimentação efetiva da vida na existência cotidiana. Sem dar-nos toda a sobrecarga ou responsabilidade de tudo, mas efetivando nossa

força transformadora. “Que nossa busca por alívio não se transforme num apaziguamento inegociável e mortal” (PREVE, 2011, p. 85).

- Mas eu vejo que isso tem que ser algo mais amplo. É um projeto de escola. Um projeto maior. Teria que ser a escola toda a pensar dessa forma pra mudar esse sistema. E com o tempo, se instaurasse uma outra forma de se relacionar, de se relacionar com as disciplinas, humanamente, vamos dizer. Aí é um processo, mas eu sinto como se tivesse remando contra a maré, porque é pouca coisa pra um sistema tão grande, um sistema tão forte.

Movimentar-se contra a maré. Era justamente o que estávamos fazendo. Não sei se era tão infrutífero como Lo havia mencionado. Movimentávamo-nos contra a maré da escola, da formação, dos currículos. Mas talvez essa fosse a grande importância de estarmos ali: a de fazermos juntos esse movimento contra a maré. Quem sabe não tanto contra as marés, mas contra o próprio controle que se faz do mar. Contra as forças que nos empurram para os portos. Contra as divisões territoriais. Contra os canais criados para a movimentação certa dos barcos. E isso não significaria dar as costas a tudo. Fazer um julgamento da escola como se ela fosse o monstro marinho que ataca os barcos. Exige-se muito da escola hoje em dia, mas o mundo tampouco é capaz de realizar isso tudo o que ele mesmo exige (SKLIAR, 2014). Então, como condenar ao afogamento e à destruição aquilo que talvez nem nós consigamos dar conta?

- Mesmo assim, eu me questiono... Os professores dizem que não dá certo. Aí dizem que esse tipo de coisa não funciona na escola. Complementa Ben, enquanto arrisco-me a perguntar:

- E por que tu achas que não dá certo?

Thá se antecipa e responde:

- A gente sempre diz que assim não funciona. Daí te perguntam: qual é o modelo? Quem sabe a gente chegar com uma possibilidade mais organizada, quem sabe abra uma porta. Até porque eu também vejo uma frustração dos meus colegas não só em relação aos horários, mas ao formato em si. Essa formatação toda da escola. E sempre que tem uma tentativa de articular outra coisa, tem alguém que fala que não dá pelo formato da escola, pela estrutura, por tudo...

Quem sabe uma linha de fuga possa acontecer aí. Justamente na dúvida levantada por Ben e na fala de Thá. Um questionamento que nos leva a “desconfiar, a pôr sob suspeita os mecanismos de estabilização dos quais habitualmente nos valem para silenciar as perturbações ou ruídos que acompanham os encontros que se fazem, buscando confiná-los ao já sabido e ao já sabido” (GODOY, 2006, p. 194).

- Talvez a possibilidade esteja nestes pequenos encontros. Como esse, onde a gente possa discutir, pensar juntos, ser ruptura e resistência...

Ao mesmo tempo em que termino minha frase, alguém grita:

- Isso é uma motivação para ousar e sair um pouco da formatação pedagógica!

Tivemos a sensação que, nesse momento da viagem, estávamos um pouco mais porosos, ou até mesmo desmemoriados. Falamos muito sobre nossas práticas, atividades, escolas... Mas parecia que essa última frase ecoava mais forte: Sair um pouco da formatação pedagógica! Essa falta de memória trazia uma boa sensação. Era como se não precisássemos dar conta de tantas coisas, de tantas demandas. Era como se pudéssemos inventar as coisas, re-inventar a própria escola dentro da escola.

O mar continuava calmo. Uma brisa leve soprava. A falta da luneta nos impedia de ver mais ao longe. Mas isso já não era importante. Nem para mim, nem para nenhum deles. Queríamos mais dessa sensação de deriva. Mais dessa sensação que o mar-aberto-deserto nos proporcionava. Apenas vapores livres.

Já sabíamos que tudo isso era um delírio real, pulsante, vivo. A viagem fazia-se conosco, e nós, fazíamos-nos com ela.

Então, quando todas nossas questões são inventadas e colocadas ali, sentimo-nos mais fortes. Uma intensidade de atos, sentimentos, desejos. Com elas, esvaziávamo-nos dos territórios, arranjos e referências escolares. Não se tratava de substituir a escola pelo barco, viagem ou mar. Tratava-se mais de “fazer com que tudo isso seja dominado pelo sensível da intensidade, e de tal modo que aquela paisagem desenhada não possa ser recomposta” (GODOY, 2006, p. 197). Mas, sobretudo, a “afirmação de uma porosidade do corpo” (GODOY, 2006, p. 197), porosidade da vida.

*Pintar a escola com nossas cores.*

*Degustar o sabor do vermelho.*

## Brumas



A viagem em busca da ilha desconhecida vai tomando suas próprias formas. Vai sendo atravessada, cada vez mais, pelas correntes de água, pelas tempestades e calmarias do mar. Tudo vai se transformando: barco-máquina de guerra, professores-nômades-piratas, ilha, rota. Já não temos uma origem. E se dela ainda guardamos algo, é para produzir nossas próprias forças. A ilha não se materializa, tampouco se faz como uma imagem de futuro pleno. Ela se faz mais pelo nosso próprio desejo.

Há de se confessar que, antes dessa viagem, a ilha era mais terra firme, mais país, estado, reino. Muito mais território. Nada de selvageria, primitivismo, nomadismo. Eu já sabia onde ela estava. Acreditava que seria outra ilha, mas não passava de pura repetição. Pura reconhecimento. Então, a pergunta: o que acontece com nossas experiências quando chegamos a lugares já preenchidos e com todas as informações previamente dadas?

O convite para a viagem foi lançado e aqueles que aceitaram embarcar fizeram por seu próprio desejo de produzir algo. Mas esse desejo era tão forte, tão latente, tão vivo e pulsante, que não só a viagem, a rota, o barco e a tripulação mudaram. A própria ilha tornou-se outra, a experiência da pesquisa tornou-se outra.

Tenho a impressão de que, quanto mais avançávamos mar adentro, mais a ilha tornava-se desconhecida. Quanto mais tempestades, sopros, ventos, ressacas e calmarias, mais a ilha era desconhecida. Não se tratava de um desconhecimento para podermos, enfim, conhecê-la, descortiná-la, estratificarmos sua existência, torná-la arbórescente. Tratava-se muito mais de um desenho de ilha, uma ilha menor que se arranca e se subtrai das formas instituídas.

*Uma ilha que se fez pesquisa. Uma pesquisa que se fez ilha. Uma pesquisa-ilha acontece e dobra-se sobre si mesma. Não se fecha sobre si mesma. Dobra-se, redobra-se, desdobra-se. Vira arquipélago. Fractal. Conexões infinitas. Fluxos de desejos coletivos, como onda que bate na pedra.*

*Uma pesquisa-ilha que obriga os países e estados a fazerem um movimento do fora. Que flutua e margeia o território. Mesmo que, dentro de todo um sistema de organização, montagem e determinações, a ilha seja o fora absoluto. Fora do próprio território. Nenhuma conexão, apenas mar, espaço vazio, imensidão do deserto.*

*Uma pesquisa-ilha foi sendo traçada sem origem, ou desfazendo-se dela. Jogando fora tudo aquilo que a enclausura. A luneta de navegação já foi perdida. Os mapas já foram rasurados, rasgados, manchados. O vermelho invadiu.*

*Uma pesquisa-ilha que passa a funcionar de forma rizomática. Nela aportam professores-nômades-piratas, um barco-máquina de guerra, uma rota sem destino, um mar-espaço-deserto. Ai já há muito. Muita coisa. Uma multidão. Pensamento, empiria, multiplicidade. Experimentação de coisas que violentam o pensamento. Experimentação com arte e ciência e Walmor Corrêa. Experimentação do fora. Fora absoluto.*

Nesta pesquisa-ilha, “a prática de criação de problemas não busca a verdade como aquilo que se opõe ao erro, mas sim como experimentação do tempo e de suas verdades múltiplas; em outras palavras, tal prática é a afecção do pensamento por seu fora” (NASCIMENTO, 2013, p. 63).

E foi essa multidão que fez a existência da ilha, de uma pesquisa-ilha. Engendrou-se uma maquinaria. Não central. Não uno. Mas uma maquinaria pensante e sem sujeito. Que foi capaz de promover abalos, tempestades. Que desestabiliza o consciente racional do “penso, logo existo” (DESCARTES, 1979), mas que se dobra em busca de um fora, de um desconhecido selvagem, de um desconhecido possível.

Dobra, desdobra, redobra. Todo esse movimento de velocidades infinitas faz surgir sempre uma nova ilha. Uma ilha que está sempre desterritorializando-se, saindo, vazando, não se deixando capturar.

Como, então, inventar uma pesquisa-ilha-desconhecida e que resista à captura?

A viagem com os professores-nômades-piratas permitiu esse agenciamento de forças, daí a possibilidade de produzir uma “pesquisa que seja a um só tempo processo de autoformação, resposta às questões vivas no presente e produção de encontros. Encontros entre pessoas, encontros com o tempo presente, com coisas, autores e conceitos” (CORRÊA, 2014, p. 11).

Há, em todo esse processo, um flerte com o mar, com o barco-máquina de guerra, com a própria ilha. Uma operacionalização de ideias, conceitos, pensamentos, imagens que se chocam umas com as outras, produzindo tensões e inacabamentos. Há um devir na pesquisa. Devir-ilha-pesquisa-professores-nômades-piratas-barco-máquina-de-guerra-mar-espaço-vazio que se tensionam para produzir resistências. Que se tensionam para criar. Criar é resistir.

Inventar uma pesquisa-ilha é muito mais experimentar o sabor dos ventos, da água que movimentam o barco, do vermelho que invade a vida. E nessa aposta à experimentação, poderíamos nos perguntar, então: afinal, qual o gosto do vermelho?

Uma pesquisa-ilha que se mancha de vermelho e que se deleita na degustação como ato de provar, “de experimentar aquilo que ainda não está pronto, para poder, entre outras coisas, dizer o que falta, como se apresenta o tempero. Nas degustações [...] colocamos à prova aquilo que ainda não se concluiu, ainda não é. Aquilo que está se fazendo, aquilo que pode vir a ser” (LEITE, 2011, p. 20).

Qual é o gosto do vermelho?

Talvez essa pergunta seja a resistência da pesquisa-ilha. Uma pesquisa que se pinta de vermelho.

Uma pergunta que conta muito mais com elementos experimentativos do que com a exploração e reconhecimento de verdades.

Mas, para que esta pesquisa-ilha realmente exista em toda sua intensidade, há de se resistir verdadeiramente. Há de se assumir o desejo por experimentar o vermelho, mais do que por reconhecê-lo.

Uma pesquisa-ilha só existe e resiste quando capta de todos os blocos que nela convergem, as sensações e as forças de existência.

Uma pesquisa-ilha só resiste quando ela mesma se faz resistência.

“Nessa ilha nós não queremos nos comprometer com algo que

se intitule verdade,

seja ela qual for.

Nós queremos ser somente brisa,

Estamos em vias de nos tornarmos nuvens.

Atmosferas,

rastros,

apenas manchas passageiras,

aglomerado de poeiras passageiras por onde incidem os raios de luz.

Véus e brumas.

Nessa ilha nós só queremos ser cardume,

que se desenha solto entre marés e corais,

escrevendo complexos ideogramas invisíveis.

Nós queremos ser somente passaredo ao final da tarde cortando o céu,



deusas dançando vaporosas em rituais secretos.  
 Nessa ilha nós somos lobos que uivam na noite para se unir à matilha,  
 moléculas que flutuam soltas no espaço.  
 Coisa de feiticeiro! Nessa ilha somos todos feiticeiros.  
 Nessa ilha desdobramos nosso corpo,  
 e o abrimos ao Fora...  
 Para que isso ocorra é preciso desorganizar nossos órgãos,  
 suturá-los em uma ordem diversa,  
 é preciso que alguns sejam definitivamente bloqueados, execrados até,  
 trocados por outros.  
 É preciso que outras coisas venham a funcionar como órgãos em nosso  
 corpo,  
 para que esqueçamos do organismo de outrora.  
 O corpo delicadamente se esvai,  
 recebe o *Cosmo*, mistura-se a ele.  
 O corpo-Cosmo agora é apenas  
 luz-da-lua-no-deserto-infinito-do-nada.  
 Somente aroma de estrelas.  
 Todos os corpos em um único corpo múltiplo.  
 Não há vaidade, nem imagem fixa nos espelhos.  
 Nessa ilha, nós não reconhecemos espelhos,  
 somente vazio que nos olha...  
 partículas corpusculares” (MOSSI, 2014, p. 62).

Nesta pesquisa-ilha já não se quer a extração de um produto como cristalização de verdades. E ainda que sua materialidade exista dentro de todo um sistema de regras, normas, infinitudes metodológicas e epistemológicas, uma pesquisa-ilha faz-se nessa escrita da resistência.

A pesquisa resiste ao pesquisar. E essa resistência se faz em ato. Em criação. “Criar é resistir: puros devires, puros acontecimentos” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 133).

Uma pesquisa-ilha que se faz a partir de um trabalho de cartógrafo, de escritor, de pintor que pinta o mundo de cor-de-rosa e vermelho e azul e transparências e...

Combinação de sons, letras, músicas, imagens, cores, penumbras. Uma composição que é mais que um texto, é um objeto de vibração, pulsação de desejos. Uma pesquisa-ilha que se arranja com aquilo que tem em mãos e se agarra com todas as forças pela sua própria resistência. E isso, para que não nos falte resistência ao presente (DELEUZE e GUATTARI, 2010), para des-realizarmos o presente (LARROSA, 2004).

Ao final disso tudo, pode-se perguntar: de que se trata esta pesquisa? Trata-se mais de uma experimentação. Trata-se de juntar alguns elementos na composição de um arranjo de forças.

A invenção da pesquisa-ilha “independe dos materiais escolhidos, mas da potência do encontro que se faz, das conexões que se inventa” (GODOY, 2006, p. 197).

Produzir uma pesquisa-ilha que se faz como resistência ao que está dado. Faz-se como uma “ruptura da coerência de nossos mundos próprios.” Resistência às “imagens tutelares da paz e do progresso, cujo desígnio pauta-se na confiança na inteligibilidade da existência humana e na possibilidade de sua forma” (GODOY, 2011, p. 131).

Mobilizar todos esses elementos para se fazer pesquisa é uma aposta aos encontros fortuitos e às potencialidades da experiência. Encontros fortuitos, mas que ocorrem em um plano real.


Então, a invenção de uma pesquisa-ilha acontece como uma linha de fuga e resistência na produção de algo real.

*Quando, da invenção desta pesquisa-ilha, assisti ao filme Dançando no Escuro, do diretor Lars Von Trier, em que a personagem principal, interpretada pela atriz e cantora islandesa Björk, vive momentos de tensão e angústia por uma cegueira que a acomete, percebi que, quanto mais o tempo passa, mais a cegueira aumenta. Ainda assim, a personagem segue trabalhando na linha de produção de uma fábrica e com dificuldades de executar suas tarefas. E mesmo com todas essas intempestividades, ela começa a mover-se e dançar nos espaços da fábrica. Depois de um tempo, convivendo com as adversidades da situação, a personagem levou para a fábrica a ambiência de um musical do qual participava paralelamente. Pode-se*

*dizer que esse caminho outro, essa saída, ou entrada, ou tangência, tratava-se de uma linha de fuga.*

Uma linha de fuga é uma desterritorialização, é fazer fugir como se arrebenta um tubo (DELEUZE e PARNET, 1998)





De alguma maneira, então, esta pesquisa funciona como uma linha de fuga por onde movimentase o barco-máquina de guerra.

Uma ilha que se forma como linha de fuga e onde aportam os barcos piratas em suas rotas clandestinas.

Toda uma navegação nômade, pirata que se dá sobre uma linha de fuga e "que se cria, não, é claro, porque se imagina ou se sonha, mas ao contrário, porque se traça algo real, e compõe-se um plano de consistência" (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 110).

Inventar uma Pesquisa-ilha é como traçar uma linha de fuga: se dá na ordem de produzir algo real naquilo que já existe.

Então, uma pesquisa que vacila em relação às pesquisas majoritárias não é nada mais do que ela mesma, enquanto resistência possível aos discursos legitimadores de verdades sobre arte, ciência, educação, escola, formação de professores...

E nada disso são coisas impraticáveis ou impossíveis. Estão sendo feitas agora. Estão sendo feitas com escombros de uma pesquisa que buscava o senso comum. Estão sendo feitas com aquilo que ficou no fora de uma pesquisa majoritária.

Inventar uma pesquisa que resista a si mesma e aos modelos que propõe. Inventar uma pesquisa que se desalinhe no meio do percurso e que, mesmo assim, faça disso sua força.

Mas como falar em resistência sem ser a própria resistência?

Quando os participantes professores-nômades-piratas resistem a esta pesquisa, colocando seus próprios problemas na construção de todo o processo, vi que a resistência já acontecia ali e que não poderia simplesmente ansiar por uma tentativa de criar resistências, e sim, em ser a própria resistência. Em acreditar e fortalecer tudo isso como resistência.

Propor algo dentro de uma tradição teórico-metodológica e seguir nesse rumo não permitiria que o imprevisto irrompesse. Foi só quando o questionamento afetou-me de forma irreversível, é que pude questionar a mim mesma e ao próprio trabalho.

Assim, o desejo que se fez coletivo, não como uma falta, mas como força de afirmação para irromper barreiras.

Forja-se uma pesquisa desejante. Uma pesquisa que se faz de um todo, de multiplicidades.

Aqui, “desejar na pesquisa é ser digno do acontecimento como efeito de uma experimentação problematizadora, perturbadora, desestabilizadora no acompanhamento dos processos de composição e decomposição de uma realidade ou matéria, apreendendo-a em seus índices imateriais e movimentos conectivos na produção do socius e dos modos de subjetivação. Desejar é um mergulho no caos para, nele e com ele, experimentarmos os compassos e descompassos da invenção de uma estrela dançarina” (NEVES, 2012, p. 71).



Desejar, nesta pesquisa, foi pôr-se a experimentar o gosto do vermelho, suas delicadezas e suas selvagerias. Experimentar com Walmor Corrêa, com arte e ciência. Mais do que entendê-la, experimentá-la enquanto acontecimento. Uma pesquisa acontecimento que “refaz a conjunção de forças sobre si mesma e sobre os sujeitos autores”. Uma pesquisa que se coloca em fuga e onde seus desdobramentos nos convoquem para “os encantos do firmamento vaporoso do sentido” (FONSECA e GOMES, 2012, p. 216).

*Uma pesquisa-ilha-desconhecida.*

*Pesquisa-ilha-deserta.*

Produções feitas pelos professores no 4º dia de formação. Fonte: arquivo pessoal

Cristal Mante, Projeto Nuvem, 2013. Impressão sobre papel. Fonte: arquivo pessoal.

## V. ILHAR-SE

palavras são ilhas  
pequenas porções ortográficas  
em si mesmas



Parecia-nos, mais uma vez, que estávamos próximos da chegada à ilha desconhecida. Já fazia tanto tempo que estávamos no mar em busca dela. Mas, ao mesmo tempo, parece que havíamos nos esquecido de que aquele era o objetivo da viagem. Tantas coisas ocorreram. Tantas coisas se passaram. Tantas coisas nos passaram. Perdemos tantas coisas pelo caminho. Juntamos tantas outras.

Ao olhar longe, mesmo sem lunetas e sem mapas, avisto uma ilha. Seria esta nossa ilha desconhecida? Resolvemos nos aproximar. No entanto, ao chegar mais e mais perto, nos demos conta de que a ilha da qual estávamos nos aproximando era a mesma da que havíamos partido. Ilha do Desterro, desterrítório. Chegamos diante da ilha um tanto desmemoriados, e aquilo não parecia ser o objetivo inicial e nem a finalidade (GODOY, 2006).

Ao mesmo tempo que ficamos surpresos, eu, enquanto propositora dessa viagem, tomo um ar de certa decepção. Rumamos para o desconhecido e, ao final de um longo tempo no mar, retornamos justamente para a mesma ilha. Ilha cheia, saturada, cansada.

- O que terá ocorrido de errado? Pergunto-me.

- Terá sido o abandono dos mapas, das lunetas e de todas as ferramentas que me permitiriam uma navegação segura e confiável, o responsável por esse retorno?

Enquanto tudo isso contagiava os meus pensamentos, nos preparávamos para descer do barco. A tripulação ia, aos poucos, despedindo-se de mim e deles mesmos. Não era uma despedida solene, como se nunca mais fôssemos voltar a ver-nos. Parecia que, nesse momento, havia uma união de forças, alguns projetos conjuntos que já estavam sendo articulados. Falas de um até breve realmente muito breve.

Agradei a todos pela parceria nessa empreitada e fiquei feliz em ouvir vozes que ressoavam dizendo ter sido um prazer poder fazer parte desse grupo de professores que, até então, praticamente não se conhecia. Era como se realmente estivesse formando-se como matilha.

Ainda assim, sentia uma sensação de inquietude. A viagem parecia ter finalmente terminado. Ao menos, aquela viagem.

Quis voltar ao barco e recolher algumas coisas. Mas, para minha surpresa, ele não estava mais lá.

- Onde terá ido? O que aconteceu com nosso barco?

Uma sensação me invade. Penso em nossa viagem. Em nossa alegria de estarmos e constituirmos algo junto. Penso nas últimas falas desses professores.



Talvez seja isso, o barco só existira porque formávamos um coletivo de forças que o arranjava e construía. Nosso barco-máquina de guerra não desapareceu simplesmente. Ele guarda em si todas as forças, individuais e coletivas desse grupo de professores-nômades-piratas.

Tudo isso é um novo alento. Não uma tranquilidade que me permitia dizer:

- Fiz o meu papel nessa formação. Cumpri com minhas obrigações e alcancei meus objetivos.

Sequer sei se realmente os alcancei. O alento, a alegria, se dá pelo que fomos capazes de viver e experimentar juntos como grupo, como matilha, como franja de um corpo coletivo. Experimentar a alegria do aqui, do agora.

O fato de chegarmos à mesma ilha de onde havíamos partido, ainda inquietava-me um pouco. Como se ainda precisasse de uma resposta para isso. Mais uma vez me vem a pergunta:

- Por que, afinal, não encontramos a tal ilha desconhecida?

- Mas será mesmo que não a encontramos? Converso comigo mesma.

Talvez, sim, a tenhamos encontrado. Talvez tenham sido todas as ilhas pelas quais passamos e talvez ainda seja essa mesma ilha a tão sonhada ilha desconhecida.

Acontece que todo um trajeto de viagem havia sido traçado. Toda uma rota de pesquisa havia sido direcionada. A ilha nunca poderia ser desconhecida na medida em que eu julgasse conhecê-la em toda sua profundidade. E era justamente isso que acontecia. Um julgamento de pesquisa. Um julgamento de já saber que se passaria. Por isso, traçava rotas, estabelecia perguntas das quais já saberia todas as respostas. Não permitia que nada novo entrasse. Não permitia que todos os que participaram dessa viagem formassem suas próprias perguntas, seus próprios problemas.

Aportando aqui, vi que para chegar à ilha desconhecida é preciso, antes de mais nada, torná-la deserta, limpá-la de todas as coisas que carregava sobre ilhas, pesquisas, arte, ciências, formação de professores...

*Era como se precisasse que um vento forte ou onda violenta me arrebatasse, arrebatasse a pesquisa como arrebatava o barco.*

*Era como se precisasse ouvir negativas no início dessa viagem. Era como se precisasse deixar um pouco de lado meus questionamentos e fazer com que outros tomassem conta.*

*Era como se precisasse esvaziar a ilha toda, para torná-la finalmente desconhecida e, assim, poder realmente seguir viagem.*

*No entanto, esvaziar uma ilha, esvaziar uma pesquisa nunca é fácil.*

*São muitas coisas, muitos acúmulos de vidas, histórias, gerações, saberes, práticas.*

*Rochedo firme e inabalável.*



Mas a viagem para o encontro com a ilha tornou-a deserta. A viagem foi tão forte e cheia de tantas intensidades que a ilha tornou-se deserta, ou "mais do que ser um deserto, ela é desertada. Desse modo, mesmo que ela, em si mesma, possa conter as mais vivas fontes, a fauna mais ágil, a flora mais colorida, os mais surpreendentes alimentos, os mais vivos selvagens e, como seu mais precioso fruto, o naufrago, além de contar, finalmente, por um instante, com o barco que a vem procurar, apesar de tudo isso ela não deixa de ser a ilha deserta. Para modificar tal situação, seria preciso operar uma redistribuição geral dos continentes, do estado dos mares, das linhas de navegação (...) Novamente, isso quer dizer que a essência da ilha deserta é imaginária e não real, mitológica e não geográfica" (DELEUZE, 2002, p. 09).

Rocha, Ilha de Santa Catarina, 2012. Fonte: arquivo pessoal.

Esse desertamento da ilha foi o que nos permitiu chegar nela mesma. Não que, com isso, ela tenha se deixado conhecer. Ao contrário, a ilha deserta tornou-se mais desconhecida ainda, pois cada vez mais sua fauna, flora e seres fantásticos pululavam, espalhavam, multiplicavam e cambiavam-se constantemente. Contágio irremediável.

Vejo que a ilha que se desenhava antes da viagem não era necessariamente uma ilha, e sim, mais um território congregado pelos aparelhos acadêmicos de poder. Isso tudo foi, aos poucos, tornando-se ilha, ilha-deserta, pesquisa-ilha-deserta, na medida em que os estremecimentos aconteceram durante a longa viagem com os participantes. Se eu pensava que iria abalar suas certezas, foi justamente o contrário que aconteceu: eles me abalaram de forma irreparável.

Com isso, o retorno a essa mesma ilha. Um retorno não mais ao que já se sabe, mas um retorno àquilo que aqui se encontrava enquanto potência. O que precisava era varrer um pouco das camadas que, por vezes, sufocavam esta pesquisa-ilha.

Ao final das contas, viajei e não saí do lugar. Apeguei-me fortemente a essa ilha como os nômades que, de tanto querer seu lugar, acabam nomadizando. Aqui fiquei imóvel, mas o pensamento sobre tudo aquilo que envolvia esta pesquisa virou bruma, névoa, partículas.

Pequenas migalhas e fragmentos difíceis de juntar. Difíceis de capturar em um todo. Alguma parte sempre sobra ou falta, ou escapa na tentativa de formar um todo coerente. Alguma parte sempre resiste em voltar a ser uno.

Neste caso, a resistência aconteceu aqui, agora, nas ações, nas práticas, nas criações, nas experiências, nas vidas, nos acontecimentos. Nada ficou como projeção de um futuro distante. Tudo aconteceu no já. Tudo segue acontecendo. Não cessa

...

Com isso, faço um retorno ao problema lançado ao início: **que resistências podem ser maquinadas em uma formação docente com arte e ciência e...?**

Foram tantas as resistências: resistência dos professores aos modos determinados de ser professor, resistência aos espaços formativos, resistência ao modelo de escola, resistência ao trabalho proposto nesta pesquisa, resistência da pesquisa para com a própria pesquisa, resistência aos modos de entender tradicionalmente arte e ciência, assim como resistência na separação do pensamento entre as áreas.

Talvez, dentre tantas coisas, tenham surgido ainda outras das quais não tenha tido condições, ou forças, ou capacidade de mensurar. Mas foi importante captar tudo isso como energia que pulsava violentamente em direção às resistências que queremos. Com essas forças e como parte da resistência inventamos nossa própria máquina de guerra, nosso barco-máquina de guerra que segue por aí, sorrateiramente fazendo as coisas

*vibrarem e sacolejarem.*



Anna Bella Geiger. *Orbis Descriptio com o globo dos polos*, 2015. Arquivo de ferro, encáustica, folha e fios de cobre, molas e pigmento de cobalto. Fonte: [www.museuscarniemeyer.org.br/home](http://www.museuscarniemeyer.org.br/home)

E nesse desmanchar, desarranjar, transtornar as fronteiras, conseguimos ver que arte e ciência tomam uma dimensão outra, tanto na viagem quanto na pesquisa em si. Já não importa mais se uma coisa é verdade ou não, suas aproximações e afastamentos históricos. O que nos importa são suas potências criadoras. Talvez aí também resida a resistência. Das áreas com elas mesmas. Quando se entende que o mundo funciona por fluxos, devires e conexões, não por separações e enquadramentos.

Recordo-me da fala de Ben em um dos tantos dias de navegação:

- Arte e ciência: talvez não precise separar...

Por isso, constituímos a própria resistência. Quando lançamos essas vozes ao mundo e entendemos que resistir, então, não é uma questão de escolha de lados: arte ou ciência, verdade ou ficção. Resistir tampouco é algo aplicável, não se trata de ensinar qualquer verdade. Resistir é muito mais do que reproduzir. É criar um pensamento no entre.

Entre arte e ciência e educação e formação docente e escola e... É um entre que se cria quando buscamos para além de uma separação muitas vezes imposta e forçada pelas maquinarias de poder. Para essas maquinarias não pode haver “nada que impeça seu movimento, dinamizado por engrenagens desenhadas conforme os paradigmas vigentes (capitalismo, meritocracia...)” (GALLO, 2007, p 212).

Ao contrário disso, talvez estejamos resistindo quando criamos algo diferente daquilo que se espera ser. Diferente das nomeações e organizações do pensamento em territórios previsíveis e estáveis. Então, quem sabe, nossa resistência sequer possa ser nomeada. Talvez sequer possamos dizer que resistimos a isso ou aquilo. Poderíamos dizer, no entanto, que “buscamos uma ação política de resistência hoje, que fosse uma ação de recriação, aquilo que podemos chamar de resistência afirmativa, aquela que cria” (ASPIS, 2011, p. 119).

E é nessa criação, nessa recriação, que talvez estejamos resistindo. Ao estar no entre. Ao querer estar no entre e “deixar proliferar a erva nos pensamentos, ainda que não tenha certeza alguma sobre se proliferará... permitir que um assunto em pauta produza novos pensares e novos desenhos, estique-se, ramifique, pule, fuja ou mesmo seja abandonado, se assim desejar, porque algo mais interessante surgiu” (SGOBIN, 2013 p. 252).

Então, durante a viagem, ao propor um trabalho com os seres fantásticos de Walmor Corrêa, desejava colocar na mesa uma possibilidade de signos emaranhados para que pudéssemos pensar com arte e ciência.

No decorrer desse percurso clandestino, no entanto, fomos nos tornando sensíveis e inebriados pela atmosfera que envolvia aqueles seres. Relacionávamo-nos com eles de formas diferentes. Interpretávamos, lançávamo-nos em seus desconhecidos selvagens. Sentíamos seu perfume, tocávamos sua matéria, provávamos o seu gosto.

Um pouco artistas e um pouco cientistas, com os seres de Walmor Corrêa transformamos nossas experiências de vida cotidiana em algo revelador. Revelávamos suas essências (DELEUZE, 1987), invadíamos suas porosidades, ao mesmo tempo em que éramos invadidos por suas brumas, névoas, cotejamentos.

Ao encontrarmos-nos com seu mundo de seres fantásticos, nos colocamos diante da possibilidade de um pensamento criador. Criamos e resistimos. Resistimos porque criamos. “Aprendemos por coação, forçados pelos signos, ao acaso dos encontros” (KASTRUP, 2001, p. 20).

Os seres de Walmor Corrêa nos coagiam, nos forçavam a pensar, e foi justamente aí que conseguimos criar uma brecha. Mesmo estando dentro daquilo que se entende por um ambiente formal de formação de professores, ou mesmo dentro de um ambiente tradicional de pesquisa, conseguimos, juntos, nessa viagem, abrir passagem para a invenção do mundo com Walmor Corrêa, com arte, com ciência. Fugimos. Escapamos.

Escapamos na viagem e escapamos todos os dias nessa política de resistência que se cria aos poucos. Talvez a resistência se dê justamente por estarmos atuando dentro de espaços tão institucionalizados (escola, prefeitura, gerência de formação, universidade) e de onde tiramos, todos os dias, nossa força.

Neste caso, é importante saber também que a resistência não se dá pelo enfrentamento direto com suas forças (escolas, instituições, currículos, formações). A resistência se dá como uma vida no mar que “começa por uma empatia que se pratica desde a terra. Respeitam-se suas fases, suas variações com a Lua. O homem do Renascimento sabe que para construir um navio é preciso cortar a madeira sob a lua certa, uma forma de sintonia em terra com o mar. Bater de frente é uma receita para o naufrágio” (OLIVEIRA, 2012, p. 165-166).

Esse naufrágio quase aconteceu. Ou aconteceu muitas vezes. Mas resistimos porque voltamos, porque retornamos à ilha. “Resistimos porque insistimos, resistimos porque ‘devimos’, porque queremos ultrapassar a nós mesmos” (ONETO, 2004, p. 202). Como o barco que resiste ao mar, e como o próprio mar que resiste a si mesmo, todos os

dias. Então, esse resistir talvez seja “uma busca por percorrer as linhas do entre, conseguir entrar e sair da onda sem ser destruído pelas suas forças [...] aproveitando as potências de cada situação” (OLIVEIRA, 2012, p. 166).

A resistência não se fez na viagem, na ilha, no barco, no mar, na tripulação, nos seres de Walmor Corrêa. A resistência se fez em tudo isso quando agenciados juntos e, principalmente, no nosso desejo vivo de fazer com que o inesperado aconteça.

Para fazer o inesperado entrar, forjamos alguns instrumentos de batalha. Uma viagem com aventureiros que, assim como eu, abandonaram um pouco suas vestimentas velhas e experimentaram a nudez do corpo para daí sentirem os ventos gélidos que roçavam a pele. Experimentamo-nos de Ondina que roça seu corpo na água para experimentar a vastidão do mar.

Experimentar e experimentar-se: como podemos nos experimentar de professores?

Uma viagem que se deu em meio a um mergulho nas experimentações e na qual conseguimos ter a chance de ver os pequenos acontecimentos que se colocam no entre, em uma zona de vizinhança entre afecção e sentido transpassado (MOEHLECKE, 2012).

Uma viagem que foi tão bem planejada e tão bem articulada, mas que aconteceu em meios a tropeços, vendavais e enxurradas de ondas fortes. Mas que, ainda assim, conseguiu mover-se, mesmo que arrastando a pesquisa para longe de uma direção central.

O processo todo de se fazer esta pesquisa se deu para além da viagem. Foi uma trama que foi sendo composta aos poucos, ainda que muitas vezes rasgada e desmanchada. Mas certamente a viagem, o encontro, as experiências e a “potência da matilha invadem um dinamismo espaço temporal, porque agencia novas expressões e aciona contornos transmutados. Quase causas de uma coletividade em fúria invadem o método e o convidam a tecer uma costura singular” (MOEHLECKE, 2012, p. 169).

E é dessa costura singular que surgem os desenhos desta pesquisa. Sempre cambiantes, sempre mutáveis. Como as formas das ilhas desconhecidas que não se podem aprisionar.

Daí um resistir na própria pesquisa. Como ato de afirmação da reinvenção de práticas, metodologias, sistemas condicionados. Um resistir na pesquisa que se dá como interrogação aos códigos e normas condicionantes e que constroem fórmulas e formas. Um resistir na pesquisa para “romper com as hierarquias; sair do previsto; ousar com

espanto e estranhamento” (LEMOS, SILVA e SANTOS, 2012, p. 223). Um resistir na pesquisa para operar a própria pesquisa como invenção.

Uma invenção que se dê como resistência. Que sua própria escrita seja uma tessitura da resistência. Escrever como que se estivesse deformando as palavras, como de-forma-se a formação, de-formam-se palavras. Transformam-se palavras em cores, sussurros e lentidões para desaprender um pouco sobre aquilo que já se sabe.

*Pintar as palavras ao sabor dos vermelhos.*

*Pintar as palavras com imagens e escrever as imagens com palavras.*

E nessa invenção toda que se faz pesquisa criar outros ritmos, outras composições que se desajustem dos padrões formatados demais. Falar e escrever com pessoas, seres, personagens. Fazer de tudo uma ficção e uma realidade. Agenciar forças.

Fazer alianças, núpcias, com a escrita. E não fazer dela uma nova verdade ou um novo autoritarismo acadêmico.

Escrever na pesquisa como forma de trair a linguagem e manter-se em relação com as linhas de fuga, “porque a escritura nos engaja nelas, na realidade, nos embarca nelas” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 35).

Pesquisar e escrever como um pescador que joga a rede e assume os riscos do mar, os riscos do peixe. E que não foge ao primeiro desânimo ou frustração, mas torna isso sua batalha, mesmo que com desejo de abandonar tudo.

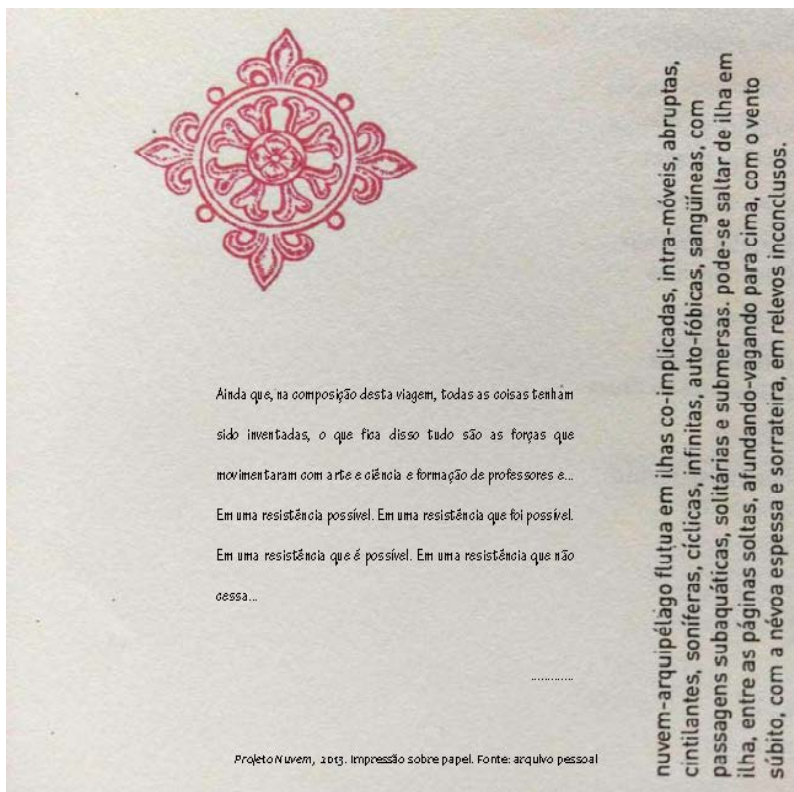
E foi esse mesmo desejo que tive aos primeiros indícios de naufrágio. Sair correndo. Fechar a porta. Deixar que a retidão e as verdades estáveis tomassem conta. Buscar a segurança do porto. Mas há um antes disso. Melhor dizendo, um meio nisso. Há “um grito que pulsa por ser grito, por ser força antes da forma, uma larva antes do Eu [...] Todo grito é coletivo e atravessado por esse precursor, onde as coisas ainda não são, mas também onde tudo já se passou” (MOSSI, 2014, p. 86).

É esse grito coletivo que se faz antes do eu, e no meio do próprio grito, que emergem os desejos. Por isso, continuar. Por isso, fazer. Por isso, ter forças. Porque os desejos são coletivos. Porque os desejos são forças perturbadoras. Porque com eles podemos experimentar a cadência e o ritmo das invenções.

*Depois de passado um tempo da viagem, ouvi dizer, por conversas menores, que os professores-nômades-piratas não paravam*



*de falar sobre a viagem e sobre os momentos em que estivemos juntos. É bom saber que vozes continuam ressoando, que os gritos continuam pulsando e que os vermelhos continuam pintando tudo com seu gosto.*





## EPÍLOGO

Agora já estava cruzando as linhas imaginárias dos ares. Vendo que, de cima, nada divide ou separa os países e lugares.

Tudo é invenção.

O avião, então, sobrevoa os cinzas.

Tudo se acinzentava.

Fumaça.

Secura.

Calor.

Após alguns minutos, pousa tranquilamente.

Mais uma hora e estava à procura de sua morada. Um oásis verde e fresco surge frente aos olhos.

*Magia!*

Era a vez de conhecê-lo de perto.

Subo uma rampa. Em frente à velha porta, um painel de números como que saídos do passado. Anuncio minha chegada. Com o coração saltitante, procuro a porta. Entrada ao paraíso. Paraíso diferente. Sem Adão nem Eva, mas com muitas serpentes.

Ao entrar, sinto que o tempo parecia ser outro. Não era aquele mesmo tempo de carros, motos, aviões e pedestres do qual havia acabado de sair. Era um tempo verdejante, tempo de sensações.

No lugar viviam muitos seres. Aqueles que estavam vivos nas concepções tradicionais de vida e aqueles que se faziam vivos por outros meios. Todos juntos, habitando o mesmo espaço.

Uma luz suave entrava pelas gigantes janelas de vidro. O verde de fora inundava a sala. Estava fora e dentro. Dentro e fora. Verdejava tudo. O lugar parecia uma ficção do próprio tempo. A cada nova mirada para o lado, deparava-me com os olhares daqueles seres. Olhávamo-nos e devorávamo-nos em tom de cumplicidade.

Ao olhar para o lado, também via os começos. Como se, em cada canto, houvesse a possibilidade de um novo começo. Tintas, cavaletes, telas esticadas, moldes, pincéis...

Tudo pronto. Tudo preparado. Convivência íntima de artista e materiais.  
Mais cumplicidade.

Depois intenção e gesto. Soma de decisões (TESSLER, 2012).

Mas tudo isso não é só vazio, falta, o que ainda vai ser... É também cheio, saturação, transbordamento.

Testemunhar o zero é testemunhar um novo começo. Começar a partir do cheio. Subtrair para começar. Havia esse sopro de começo no ar.

“Um artista diante do zero, para reagir ao caos da história. Um artista que estabelece um projeto de vida, que é um projeto de arte [...] que é a projeção de um tempo irreversível” (TESSLER, 2012, p. 251).

Como em um laboratório, vidas vão sendo postas, compostas, decompostas. Corpos misturam-se. Arte e ciência fundem-se e confundem-se de forma indiscernível. Tudo se alinha nesses micromomentos onde a vida passa.

Passa nos cinzas, passa nos verdes.

Como um feiticeiro, utilizando de suas artimanhas, entre arte e ciência o artista vai concedendo novas vidas ao mundo.

Vidas que se deslocam dos domínios da história natural e recusam a lógica evolutiva (PRADO FILHO, 2012).

Em um instante, uma janela se abre. A corrente de ar passa. Como se tudo aquilo também precisasse de ar, de respiros. Há sempre que deixar o ar passar.

No zero também há ar (TESSLER, 2012).

Na sua produção, não há o nada. Há, sim, buracos negros cheios de partículas de intensidades.

*Artista, cientista, feiticeiro.*

Não tem poder.

Tem potência.

Ouve atentamente o sussurro das vozes, experimenta novas vidas antes mesmo de elas encarnarem na tela ou papel. Escuta as melodias da vida para compor a sua própria.

Escorrega por entre arte e ciência e as harmoniza como um arranjo musical ou como temperos de comida.

Cria contaminações, contágios, disposições assimétricas...

...

O dia passava vagarosamente.

Entre um café e outro eu levantava algumas perguntas.

Sem muitas respostas, pois ele mais inventava problemas do que dava respostas. Melhor assim.

Sem soluções.

Melhor não responder às questões, e sim, sair delas.

Momentos tensos, intensos.

- *Unheimlich!* Diz ele.

- Isso é muito importante na minha vida. Continua...

Universo assustador.

Desterritorialização. Plano de composição infinito (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 220).

Ondina é assustadora. Mirava-me de cima para baixo. Sua respiração soprava em meu pescoço.

Inebriante.

Corpo aberto.

Corpo-sem-órgãos.

- Sonhava muito com sereias... Morava em frente ao mar. As ondas vinham e caíam peixes e cavalos marinhos aos meus pés. Um imaginário todo me presenteando.

Presentes vindos do mar que se transformam em resistência. Artista resistência, obra resistência. Como se não se separassem. Como se sua existência fosse conjunta. Na mesma pele, na mesma carne, no mesmo osso, no mesmo corpo-sem-órgãos.

- Meu trabalho sou eu.

Dobra-se e desdobra-se.

Flexiona o fora para compor “uma relação da força consigo, um poder de se afetar a si mesmo, um afeto de si por si” (DELEUZE, 2013, p. 108).

Fissura os poderes da vida.

*Inventa mundos.*

Mundos dos seres fantásticos e dos seres verídicos. Dobra-se e cria outras pregas de possibilidades para o existir, para o ver, para a ciência, para a arte (ANDRADE, SPELICH e ROMAGUERA, 2008).

Diz que sempre foi um pouco avesso às normas. Mas abusa delas para ser ele mesmo em sua diferença. Afirmção da diferença. Afirmção da resistência.

- Eu entrego as coisas com gentileza. Crio os bichos assustadores, mas a entrega é sempre gentil. Eu poderia fazer bichos monstruosos, mas prefiro a delicadeza. Entrego o estranho com gentileza. Essa é minha resistência.

Resistência escandalosamente sutil. Interrogação de fronteiras. Sensações causadas por essa falta de limite fronteiro, ou pelo borramento desses limites: onde termina a arte e começa a ciência? Onde termina a ciência e começa a arte?

Não importa!!!

Aqui o que importa é o entre. Povoamento do entre.

“Arranca as funções da ciência e as coloca num plano de composição da arte” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 256).

Mas interroga também a própria arte, colocando-a em uma função científica.

Colhe, coleta, cataloga, taxidermiza...

Funções científicas.

Sensibilidades artísticas.

- Eu aprendi a fazer taxidermia para ter a gentileza do bicho.

Sensibilidade aos signos. Dos bichos, das plantas, de todas as coisas das quais tem bons encontros e as torna potência de vida.

Ouve com atenção as rezas, falas populares, cânticos, crenças, e delas ativa outras formas para a ciência e para a arte.

Deixa-se afetar pelos sons do mundo e (re)forma seus seres “ao agir sobre a forma de seus corpos” (DINIZ, 2015 p. 270).

Como se todos os mapeamentos, catalogações e exatidões feitos pela ciência e pela arte pudessem agora ser invadidos...

...

A noite começa a chegar silenciosamente como um ponto e vírgula em um livro de 500 páginas. Ao contrário, ruidosamente nos despedimos.

Olho mais uma vez ao redor. Vejo tantas outras coisas e seres que ainda não havia visto. Mas já não queria capturar nada com o olhar, nem com fotos, registros, ou qualquer coisa que fosse.

Queria apenas sentir suas pulsações selvagens e deixar que permanecessem livres para habitar tantos mundos quantos fossem capazes.

Habitar e *resistir*

\*\*\*\*\*



**Walmor Corrêa.** *Vuelvo a vos, con mi deseo, con mi temor.* Pintura sobre tela.  
Fonte: [www.instagram.com/p/3eTqXj3INr/?=wat](https://www.instagram.com/p/3eTqXj3INr/?=wat)



## REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. C. P.; SPEGLICH, E.; ROMAGUERA, A. Dispersões, distenções e(m) emoções: arte, ciência, ser-á? In: **ComCiência** – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, n. 100, 2008. Disponível em: <http://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=37&id=437>. Acesso em: 09 de setembro de 2017.

ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BELLOTTO, Tony. O Pulso. In: **Titãs: Ô Blésq** Blom. WEA. 1989. CD. Faixa 9. 2 min e 45 seg.

ASPIS, Renata Lima. Resistências nas sociedades de controle: um ensino de filosofia e subversões. In: AMORIM, Antônio Carlos; GALLO, Silvio; OLIVEIRA, Wenceslao Machado de (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Imagem e Pensamento e...** Petrópolis: De Petrus, 2011. p. 111-126.

BRAIDA, Celso. **A Forma e o Sentido da Frase “Isso é Arte.”** Disponível em: [www.academia.edu/22641141/A\\_forma\\_e\\_o\\_sentido\\_da\\_express%C3%A3o\\_isso\\_%C3%A9\\_arte\\_](http://www.academia.edu/22641141/A_forma_e_o_sentido_da_express%C3%A3o_isso_%C3%A9_arte_). Acesso em: 27 de setembro de 2017.

CORRÊA, Guilherme Carlos. EJA, educação e escolarização. X ANPED SUL. **ANPED SUL**, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em: [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/2174-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/2174-0.pdf). Acesso em: 20 de novembro de 2016.

COSTA, Luis Artur; ANGELI, Andréa do Amparo Carotta de; FONSECA, Tania Mara Galli. Cartografar. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na Diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 45-48.

DANTO, Arthur. **Após o Fim da Arte: arte contemporânea e os limites da história**. São Paulo: Edusp, 2006.

DEBRAY, Régis. **Vida e Morte da Imagem: uma história do olhar no ocidente**. Petrópolis: Vozes, 1993.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Abecedário de Gilles Deleuze**, 1995. Disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>. Acesso em: 24 de outubro de 2017.

\_\_\_\_\_. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. São Paulo: Ed. 34, 2011.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Ilha Deserta e Outros Textos**, 2002. Disponível em: <http://conexoescnicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/deleuze-g-a-ilha-deserta-e-outros-textos.pdf>. Acesso em: 28 de outubro de 2017.

\_\_\_\_\_. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

\_\_\_\_\_. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DELIGNY, Fernand. **O Aracniano e outros textos**. São Paulo: n-1 edições, 2015.

DESCARTES, René. **Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DINIZ, Clarissa. Formas de Espantar. In: RAMOS, Paula (Org.). **Walmor Corrêa: o estranho assimilado**. Porto Alegre: Dux, 2015. p. 265-282.

DIAS, Susana. Entrevistas – Ciência, arte e comunicação: Walmor Corrêa. In: **ComCiência – Revista Eletrônica de Jornalismo**, 2008. Disponível em: [www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section](http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section)

=8&tipo=entrevista&edicao=37&print=true. Acesso em: 20 de janeiro de 2018.

DIAS, Susana Oliveira; MARQUES, Davina; AMORIM, Antônio Carlos. Forças, fluxos e devires. In: DIAS, Susana Oliveira; MARQUES, Davina; AMORIM, Antônio Carlos (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Arte e Ciência e Acontecimento e...** Petrópolis: De Petrus, 2012. p. 09-16.

FERREIRA, N. T.; EIZIRIK, M. F. Educação e imaginário social: revendo a escola. In: **Em Aberto**, Brasília, n. 61, ano 14, jan/mar 1994. Disponível em: [www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/907/813](http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/907/813). Acesso em: 20 de agosto de 2017.

FONSECA, Tânia Mara Galli; GOMES, Patrícia Arôllo. Soprar. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na Diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 215-217.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

GALLO, Silvio. **Pedagogia Libertária: anarquistas, anarquismos e educação**. Manaus: Imaginário, Editora da UFA, 2007.

\_\_\_\_\_. **As múltiplas dimensões do aprender**. Congresso de Educação Básica – Aprendizagem e Currículo. Florianópolis, 2012.

\_\_\_\_\_. **Deleuze e a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GELAMO, Rodrigo Pelloso. **O Ensino da Filosofia no Limiar da Contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?** / Rodrigo Pelloso Gelamo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

GONÇALVES, Maria Livia Conceição Marques Ramos. Encontro com Ondina, a Sereia de Memento Mori. In: DIAS, Susana Oliveira; MARQUES, Davina; AMORIM, Antônio Carlos (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Arte e Ciência e Acontecimento e...** Petrópolis: De Petrus, 2012. p. 127-138.

GODOY, Ana. **Nas bordas do mar**: esboço de uma aprendizagem experimental [como desfazer uma educação ambiental]. 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5187>. Acesso em: 12 de janeiro de 2018.

\_\_\_\_\_. Como tornar sensível a força das ilhas evanescentes? In: AMORIM, Antonio Carlos; GALLO, Silvio; OLIVEIRA, Wenceslao Machado de (Orgs.). **Conexões**: Deleuze e imagem e pensamento e... Petrópolis: De Petrus, 2011. p. 127-144.

GROSZ, Elizabeth. A Arte e o Animal. In: DIAS, Susana Oliveira; MARQUES, Davina; AMORIM, Antônio Carlos (Orgs.). **Conexões**: Deleuze e Arte e Ciência e Acontecimento e... Petrópolis: De Petrus, 2012. p. 117-126.

HESSEN, Johannes. **Teoria do Conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, Arte e Invenção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001.

\_\_\_\_\_. Inventar. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na Diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 141- 144.

LARROSA, Jorge. **A Operação Ensaio**: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. Revista Educação e Realidade, jan-jun-2004.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução de Ivone C. Benedetti. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. **Cogitamus**: Seis cartas sobre as humanidades científicas. São Paulo: Editora 34, 2016.

LEITE, César Donizetti Pereira. **Infância, Experiência e Tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira; SILVA, Alyne Alvarez; SANTOS, Daniele Vasco. Subverter. In: FONSECA, Tânia Mara Galli;

NASCIMENTO, Maria Lívía; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na Diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 223-225.

LINS, Daniel. Estética como Acontecimento. In: DIAS, Susana Oliveira; MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos. **Conexões**: Deleuze e arte e ciência e acontecimento e... Petrópolis: De Petrus, 2012. p. 17- 36.

LISPECTOR, Clarice. **Onde estivestes de noite**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Paixão segundo GH**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1979.

LOPONTE, Arte da Docência em Arte. In: OLIVEIRA, Marilda (Org.). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a Arte e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MOEHLECKE, Vilene. Oficinar. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívía; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na Diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 167-170.

MOSCHEN, Simone; SIMONI, Ana Carolina Rios. Formar. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívía; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na Diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 113 -115.

MOSSI, Cristian Poletti. **Um corpo sem órgãos, sobrejustaposições**: quem a pesquisa em educação pensa que é? Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

NASCIMENTO, Roberto Duarte Santana. Dimensões políticas da teoria deleuziana dos signos. In: GALLO, Silvio; NOVAES, Marcus; GUARIENTI, Laisa Blancy de Oliveira (Orgs.). **Conexões**: Deleuze e política e resistência e... Petrópolis: De Petrus, 2013. p. 63-86.

NEVES, Claudia Abbês Baêta. Desejar. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívía; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na Diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 69 -72.

OLIVEIRA, Renato Salgado de Melo. Divagar...além-mar. In: DIAS, Susana Oliveira; MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos. **Conexões: Deleuze e arte e ciência e acontecimento e...** Petrópolis: De Petrus, 2012. p. 161-168.

ONETO, Paulo Domenech. A que e como resistimos: Deleuze e as artes. In: LINS, Daniel (Org.) **Nietzsche/Deleuze: Arte, resistência.** Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2004, p. 198-211.

PASSETTI, Edson. Diferir. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na Diferença: um abecedário.** Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 81-84.

PELLEJERO, Eduardo. **Ficciones políticas y políticas de la ficción - La sociedad como una trama de relatos.** Disponível em: [https://cfcu.fc.ul.pt/equipa/3\\_cfcu\\_elegiveis/eduardo%20pellejero/eduardo%20pellejero.html](https://cfcu.fc.ul.pt/equipa/3_cfcu_elegiveis/eduardo%20pellejero/eduardo%20pellejero.html). Acesso em: 13 de julho de 2017.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da Professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor.** Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

PRADO FILHO, Kleber. Desnaturalizar. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na Diferença: um abecedário.** Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 73-74.

PRADO FILHO, Kléber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.38, p.45-59, jan./jun. 2013.

PREVE, Ana Maria H. Uma educação em linhas de fuga. In: AMORIM, Antônio Carlos; MARQUES, Davina; DIAS, Susana Oliveira (Orgs.). **Conexões: Deleuze e vida e fabulações e...** Petrópolis: De Petrus, 2011. p. 75-88.

RAMMINGER, Tatiana. Corpo grávido deixando-se fecundar pela vida. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 20, n. 4, p. 54-63, dez. 2000. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932000000400007&lng=pt&nrm=iso](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000400007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 09 de janeiro de 2018.

RANCIÈRE, Jacques. Será que a arte resiste a alguma coisa? In: LINS, Daniel (Org.). **Nietzsche/Deleuze: arte/resistência**. Rio de Janeiro: Forense, 2004. p. 126-140.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

\_\_\_\_\_. **Um discurso sobre as ciências**. 1988. Disponível em: <https://www2.pelotas.ifsul.edu.br/cead/metodologia/pdf/outros/DiscursoCiencias.pdf>. Acesso em: 28 de outubro de 2017.

SARAMAGO, José. **O Conto da Ilha Desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SGOBIN, Alexsandro. Naus deleuzianas: em busca de práticas-de-aula-que-se-querem-rizoma. In: GALLO, Silvio; NOVAES, Marcus; GUARIENTI, Laisa Blancy de Oliveira (Orgs.). **Conexões: Deleuze e política e resistência e...** Petrópolis: De Petrus, 2013. p. 251-260.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O adeus às metanarrativas educacionais. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. 8. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 249-260.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SPEGLICH, Érica. Cientistas (des) figurados em divulgação: música, aventura, loucura, heroísmo, (des)controle. In: DIAS, Susana Oliveira; MARQUES, Davina; AMORIM, Antônio Carlos (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Arte e Ciência e Acontecimento e...** Petrópolis: De Petrus, 2012. p. 103-116.

SOUZA, Pedro de. Agenciar. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na Diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 29-32.

TADEU, Tomaz. **A filosofia de Deleuze e o Currículo**. Goiânia: Núcleo Editorial da FAV, 2004.

TESSLER, Elida. Zerar. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na Diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 251-254.

VEIGA-NETO. Alfredo. **A Ordem das Disciplinas**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

WAGNER, Débora Regina. **Visualidades Movimentadas em Oficinas Dispositivo Pedagógico**: um encontro entre imagens da arte e professores que ensinam Matemática. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

ZIELINSKY, Mônica. Ficções de Arquivos: a arte na biblioteca dos enganos. In: RAMOS, Paula (Org.). **Walmor Corrêa**: o estranho assimilado. Porto Alegre: Dux, 2015. p. 105-184.





SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
DIRETORIA DE GESTÃO ESCOLAR  
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA  
Rua Ferreira Lima, 82 - Centro  
CEP 88014-420 - Florianópolis - SC  
Telefones: (48) 32120922 - (48) 32120923

Florianópolis, 18 de julho de 2017.

#### DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis (Gerência de Educação Continuada), tomei conhecimento do projeto de pesquisa: “**Encontros entre Arte e Ciência na Formação Docente – Resistências Possíveis**”, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação Científica e Tecnológica, da Universidade Federal de Santa Catarina, nível de **Doutorado**, no período de 2017. O (a) pesquisador (a) **Angélica D’Avila Taschetto** está sob orientação do (a) Profª Dra. **Cláudia Regina Flores**. Cumprir os termos da Resolução CNS 466/2012 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Ana Elísa de Moura Miotto - Gerente  
Gerência de Educação Continuada  
Matrícula 13757-0

Ana Elísa de Moura Miotto  
Gerente de Educação Continuada  
Matrícula 13757-0





